

PUBLICAÇÕES
DA
ASSOCIAÇÃO DOS ARQUEÓLOGOS PORTUGUESES
FUNDADA EM 1863

Premiada nas Exposições do Porto (1865), Paris (1867), Filadélfia (1876), Barcelona (1878) e Lisboa (1898)

Reconhecida como Instituição de utilidade pública em Portaria de 22-2-1918 e regida pelo Dec. n.º 8630, de 9-2-1923

ARQUEOLOGIA E HISTÓRIA

VOLUME X



PROPRIETÁRIA E EDITORA
A
ASSOCIAÇÃO DOS ARQUEÓLOGOS PORTUGUESES
SEDÉ: — EDIFÍCIO HISTÓRICO DO CARMO
LISBOA — M.DCCCCXXXII

ARQUEOLOGIA E HISTÓRIA

ASSOCIAÇÃO DOS ARQUEÓLOGOS
PORTUGUESES
BIBLIOTECA
N.º 5178
DATA 27/7/87

PUBLICAÇÕES
DA
ASSOCIAÇÃO DOS ARQUEÓLOGOS PORTUGUESES

FUNDADA EM 1863

Premiada nas Exposições do Porto (1865), Paris (1867), Filadélfia (1876), Barcelona (1878) e Lisboa (1898)

Reconhecida como Instituição de utilidade pública em Portaria de 22-2-1918 e regida pelo Dec. n.º 8630, de 9-2-1923

ARQUEOLOGIA E HISTÓRIA

VOLUME X



PROPRIETÁRIA E EDITORA
A
ASSOCIAÇÃO DOS ARQUEÓLOGOS PORTUGUESES
SEDE : — EDIFÍCIO HISTÓRICO DO CARMO
LISBOA — M.DCCCCXXXII

ALICIA 5084
BIBLIOTECA
N.º
DATA

PUBLICAÇÕES
DA
ASSOCIAÇÃO DOS ARQUEÓLOGOS PORTUGUESES
FUNDAÇÃO EM 1934
Cronologia das expedições arqueológicas em Portugal, Espanha, França, Itália, Grécia e Egipto (1934-1935)
Inventário e descrição dos monumentos arqueológicos em Portugal em 1934-1935 e nos países vizinhos (1934-1935)

ARQUEOLOGIA

A responsabilidade dos escritos insertos nas publicações desta Associação pertence exclusivamente aos seus autores, cuja ortografia é, portanto, como é intuitivo, respeitada.



TRABALHO EDITADO
ASSOCIAÇÃO DOS ARQUEÓLOGOS PORTUGUESES
LISBOA



Dr. P. M. Laranjo Coelho

A Associação dos Arqueólogos Portugueses, desejando prestar pública homenagem ao seu ilustre Presidente, Ex.^{mo} Senhor doutor P. M. Laranjo Coelho, resolveu, por aclamação, que o seu retrato fôsse publicado no volume X da «ARQUEOLOGIA E HISTÓRIA».

(Por decisão da Assembleia Geral de 26 de Maio de 1932.)

DA INSTITUIÇÃO

DOS

REGISTOS PAROQUIAIS EM PORTUGAL

COMUNICAÇÃO LIDA EM ASSEMBLEIA GERAL DE ESTUDO DE 7 DE ABRIL DE 1932

PELO SOCIO EFFECTIVO TITULAR

ANTÓNIO MACHADO DE FARIA DE PINA CABRAL

Já diversos escritores se referiram à criação dos registos paroquiais em Portugal, porém, segundo nossa opinião, sem resultado que corresponda à verdade dos factos e, no entanto, êsse improficuo trabalho foi organizado sôbre os documentos basilares, cuja interpretação literal, despida das causas de que eram originários tais diplomas, levou os autores dêsses estudos a conclusões contrárias das por aquêles permitidas.

Os documentos não podem ser interpretados apenas pela significação das palavras mas têm de ser examinados na intenção que houve ao redigi-los, procurando descobrir o fim que visavam, intenção essa que não é sômente objectiva mas resultante, muitas vezes, de circunstâncias diversas que foram motivo da feitura do diploma.

E', pois, da análise interna dos documentos, objectiva e subjectivamente considerada quanto ao redactor, que se podem tirar ilacções que permitam caminhar ao encontro da verdade. De outro modo, o valor da fonte documental não justifica o trabalho de traçar algumas regras, ôcas de conceitos e falhas de conclusões.

*

*

*

Tem o registo paroquial suma importância na vida social do indivíduo desde o nascimento até a morte, afirmação que colocamos no presente porque, ainda que actualmente seja obrigatório e sômente

valioso perante a lei o registo civil para as pessoas nascidas após a implantação do regime político vigente em Portugal, a maior parte da população do país é anterior à promulgação do diploma que o tornou obrigatório e rege-se, portanto, pelo paroquial.

Serve para prova de identificação, para justificação de idade, de estado, de cessação de existência, além de ser documentação de valor nos estudos biográficos e genealógicos. As certidões dos assentos de baptismos, casamentos e óbitos alcançaram maior latitude de emprêgo, exagerado bastantes vezes, depois da organização do sistema liberal, em que a máquina do Estado muito se complicou sem daí advirem resultados justificativos.

Se nos últimos tempos o registo paroquial parece não ter outro alcance senão servir de fonte de receita fornecendo incansavelmente certidões, que, com rapidez assombrosa, se somem na voragem burocrática, outro foi seu fim, qual o de ser cadastro dos indivíduos que nasciam, registando da vida o seu início e termo com as modificações de estado civil, que sofriam pôr ligações matrimoniais contraídas.

Não foi, de-certo, eficaz nos primeiros séculos da existência ou por não estar devidamente organizado ou porque o seu cumprimento caiu em relaxação. Qualquer que haja sido a causa da sua ineficiência ela não anulou o valor do registo paroquial que hoje existe em todos os países civilizados.

*

*

*

O doutor Maximiano de Aragão, em seu estudo intitulado "*Grão Vasco ou Vasco Fernandes Pintor Viziense Príncipe dos Pintores Portuguezes*" que publicou em 1900, diz que *o pensamento do registo neste paiz é muito antigo*, reportando-se às disposições tomadas pelo rei D. Afonso IV, mas apenas parece dar importância, por ser *a providencia mais antiga... que estabeleceu o registo parochial*, à constituição diocesana promulgada pelo arcebispo de Lisboa, infante D. Afonso, em 25 de Agosto de 1536.

Mas só o concilio de Trento (1545 a 1563), diz o mesmo escritor, *por proposta dos prelados portuguezes que a elle assistiram, é que impoz aos parochos o dever de lavrar os assentos de casamento e baptismo, o que foi mandado executar por Bulla do Santo Padre Pio IV de 1563.*

Nada, porém, se providenciou ácerca dos assentos de óbito, materia que só foi regulada por Bulla do Santo Padre Pio V⁽¹⁾ de 17 de junho de 1614⁽²⁾.

O doutor Maximiano de Aragão, após o que deixamos transcrito refere os mais antigos registos de baptizados, casamentos e óbitos de que teve conhecimento e faz notar que o mais recuado assento de baptizado existente nos livros do bispado de Vizeu que se guardavam no arquivo da câmara eclesiástica era de 1541, pelo que parece concluir que *em Vizeu foi estabelecido o registo ecclesiastico alguns annos antes do concilio de Trento.*

A falta de análise grandemente se faz sentir neste capítulo do estudo do erudito Aragão sôbre a personagem, ainda hoje bastante misteriosa, do grande pintor visiense. Aponta documentos mas não tira conclusões gerais dêles. Uns, parece terem-lhe fornecido sòmente intento de criação de registo; outros, a instituição de facto.

Porque aquella opinião? Qual o motivo desta outra?

Baldadamente procurámos.

Em *A Incorporação dos Cartórios Paroquiais do País*, relatório apresentado pelo doutor Vasco Valdez em 1917 e no mesmo ano impresso, expôs êste distinto funcionário do Arquivo dos Registos Paroquiais o pé em que se encontrava o assunto da instituição do registo, citando a introdução do *Registo da Freguezia de Santa Cruz do Castelo*, publicado pelos senhores Edgar Prestage e Pedro de Azevedo em 1913, em que se faziam afirmações que aquêlê senhor invalidou com a indicação de assentos lavrados anteriormente a 1536.

A-pesar-da boa interpretação dos textos a questão ficou pouco mais ou menos no mesmo estado sofrendo os registos um recuo de cinco anos. Em nota posterior ao relatório se indica o informe de uma visitação à igreja de Areias, a que, no decorrer dêste insignificante trabalho, detalhadamente nos referiremos. Parece-nos, contudo pela falta de referências críticas, que o doutor Vasco Valdez não o tomou em grande consideração.

Na *Breve Noticia dos Assentos Parochiaes Anteriores ao Concílio de Trento*, trabalho que teve publicidade em 1926, Henrique Lou-

(1) Aliás Paulo V.

(2) *Obra citada*, página 81.

reio julgou haver encontrado nos registos paroquiais do bispado de Viseu anteriores àquele concílio a origem d'esses registos em Portugal que, segundo seu parecer, teriam sido criação do cardinal D. Miguel da Silva, bispo muito viajado e de grande residência em Roma, de onde, possivelmente, trouxera o costume de se lançarem em livro os assentos dos baptizados, casamentos e óbitos.

Hipótese verosímil, que documentos ulteriormente descobertos deitam por terra.

Errada é, também, a afirmação de Damião de Gois feita na parte 2.^a, cap. XLII, da *Chronica do Felicissimo Rei Dom Emanuel*, na fôlha 70 da edição de 1566, que fôra o infante D. Afonso... *ho primeiro Prelado q̄ nestes Regnos ordenou que se lesse todos os dias ha Doctrina nas egrejas, & q̄ se escreuessem hos nomes dos que se casuam, & dos q̄ se baptizauam...* porque mais de um quarto de século antes já no país se faziam tais lançamentos em livro próprio.

O citado passo do erudito cronista induziu em êrro o doutor Maximiano de Aragão, como atraz apontámos.

Todos encontraram um iniciador, porém nenhum pôs a questão em seus devidos termos.

*

* *

As lutas quasi constantes que se desenrolaram na idade-média não podiam deixar de levar a sociedade de então ao estado de indisciplina moral que atingiu. Sua causa lógica foi a liberdade de espírito a que irresistivelmente conduz a guerra. A-pesar-de o misticismo da época, o nível moral baixou consideravelmente, porque a luta trouxe consigo todos os direitos do vencedor — a violação, a rapina, o incêndio, o morticínio — direitos êsses que, ainda que inerentes à guerra, se radicavam, pelo uso freqüente, no espírito de quem os exercia.

No tempo de paz, escassos meses ou anos que serviam de parêntesis a novas batalhas, os vícios adquiridos esbater-se-iam tênueamente e, assim, iriam contagiar a população não guerreira, quando ela ainda não havia alcançado o mesmo estado pela grande liberdade em que se encontrava enquanto o rei e os senhores de terras se ocupavam dos aprestos da guerra ou se mantinham afastados dos seus governos pelas exigências das lutas.

Tanto no campo de batalha como na terra pacífica, em que a autoridade deficientíssimamente se exercia, a mesma desordem de costumes lavrava. E tão intenso era o incêndio que consumia as almas e as lançava nos excessos da frouxidão que nem, sequer, o próprio clero escapava à crise do espírito e tudo se admitia por natural, sem grande ofensa do pudor.

Todos os abusos exigem medidas repressivas e os que praticavam os clérigos eram de natureza muito grave para que a consciência nacional não despertasse num grito de revolta, ao ver perder-se a dignidade familiar por falta de protecção legal. Seus ecos deviam ter soado fortemente aos ouvidos do monarca que acorreu a dar protecção às mulheres, virgens ou não, que freqüentemente se viam ludibriadas em suas ligações conjugais e expoliadas de seus bens. Forçoso era acalmar a indignação dos pais e restituir a confiança a quem não encontrava no matrimónio a garantia de um laço seguro e no marido o amparo natural da feminina fraqueza.

¿ Como obrigar o varão contraente a manter a união que um sacramento havia feito, se êle negasse tê-lo recebido ?

A prova testemunhal ? Bem fraca seria numa sociedade desmoralizada, mas ainda que fôsse possível realizá-la com veracidade, como produzi-la em casamentos clandestinos, que um sacerdote tivesse abençoado, talvez, sem testemunhas ?

Necessário era, pois, criar um meio de prova que não pudesse ser ilidido e êsse seria o do registo do acto.

Assim fêz el-rei D. Afonso IV, acautelando-o de tôda a segurança para o que mandou que os assentos fôsem lavrados em livro próprio por um tabelião residente na freguesia onde se realizasse o recebimento.

Por outro lado os clérigos procuravam fugir à jurisdição real e assumiam a propriedade dos bens de suas mulheres para negarem as dívidas por elas contraídas, pelo que a justiça não podia demandá-las.

Tôdas estas causas provocaram as referidas medidas, além de muitas outras que não interessam à finalidade dêste trabalho.

A seguinte passagem da extensa carta régia de 7 de Dezembro do ano de 1352, diploma que marca a instituição do registo paroquial em o nosso país, descreve, ainda que a traços largos, o que acima referimos.

Outrossi porque achamos que muitos clérigos eram casados Algũs com mulheres Virgẽes e outros com mulheres corrutas e que depois diziam esses clérigos que nom eram casados com ellas pela qual Razom recreciam muitos maos ffeitos por que essas mulheres que eram Aas vezes de bõ logo fficavam escarnidas e os seus filhos nom lidemos e nos outrossi nom podiamos aver as Nossas dividas que nos deviam essas mólheres por que esses clérigos dizem que os bẽes que anbos juntamente aviam eran sseus e nom das molheres. Outrossy quando eram achadas en algũs maleficios diziam que nom eram da nossa juridisçom como quer que fossem casados com molheres currutas porque negavam esses casamentos e nom aviamos testemunhas pera o poder provar nemavemos Razom de ssaber. Êsso meesmo ffaziam a qualquer que os quisesse demandar por as dividas que essas molheres devessem ou acusar perante Nos ou perante as Nossas Justiças seendo elles casados com molheres corrutas ou por contrautos ou dividas sseendo elles casados com molheres virgẽes nos quaes casos ssom da Nossa Juridisçom como he contehudo no Capitulo *Clerici* dos clérigos casados no Sexto livro no Titulo *Aleicionis* no Titulo dos Bigamos do livro Sexto pela qual Razom nos e a nossa Justiça e os nossos sogeitos nom podemos aver delles direito. Teemos que sseera bem e serviço de deus e nosso e pro do nosso poboo que ffaçades e ordinhedes todos aquelles que fforem casados como leygos pareçam perante o priol da Eigreja d'hu soom ffreegueses ou perante a quelle que é cura dessa Eigreja e que sse Recebam perante el por palavras de presente e esse Recebimento sseja ffeito perante hu tebalião que sseja estabeçedo em essa ffreguesia pera escrever esses Recebimentos e que sse ffaça um livro em que apartadamente ssejam escritos esses Recebimentos pera se poder Saber por esses livros os casamentos que fforam ffeitos em cada ffreguesia por esses Recebimentos ffeitos por esses priol ou clérigo. E que daqui a deante mandedes que todos os Recebimentos que sse ffezerem em essas ffreguesias ssejam ffeitos por esse priol ou Clérigo perante o Tabelliom dessa ffreguesia hu esses casamentos fforem ffeitos. E que outrossy defendades que nenhũ nom tenha Barregãa publicamente nem solteiros nem casados porque he deffeso pela ley divina e humanal como he contehudo e notado nas Crementinas na degretal *ad nostram*.

Da criação dos registos de baptizados e óbitos não conhecemos documento algum que a mencione.

Encontrou o senhor doutor António Baião, illustre director do Arquivo Nacional da Tôrre do Tombo, uma referẽncia na visitaçãõ à igreja de Areias no ano de 1489⁽¹⁾, que diz:

(1) *A Vila e o Concelho de Ferreira do Zezere nos Seculos XIV e XV* pelo doutor António Baião, in *O Archeologo Português*, vol. XIV, página 169. Nas páginas 150 e 151 se transcreve o processo de visitaçãõ de Ferreira—provãvelmente de 1462, segundo a abalizada opiniãõ de autor do estudo—que também menciona uma verba igual à que Valdez citou, a qual é: *it. huã livro de baptizar q̃ o dito prior pos.*

Se aceitássemos como boa a indicaçãõ dos *livros de baptizar* citada por Valdez teriamos de aceitar também a dêste que se encontrava na igreja de Ferreira em 1462, vinte e sete anos antes da visitaçãõ à igreja de Areias.

It. hũu livro de baptizar e de encomendar velho.

It. outro atal.

Henrique Loureiro, em seu citado estudo, não aceitou como elementos aproveitáveis a menção que dêstes livros fez o doutor Vasco Valdez, não só por interpretar a designação de *livro de baptizar e de encomendar* como aplicada ao livro de ritual e não ao dos registos de baptizados e óbitos mas, ainda, porque não admitia que houvessem desaparecido os livros do registo paroquial do decurso de 1489 a 1531, ano êste que lhe servia de limite inferior dos registos conhecidos.

Também nós somos em parte da mesma opinião pois cremos não poder ser interpretada de outro modo a designação aplicada aos referidos livros, porquanto não é lógico admitir que no mesmo livro que servia para encomendar os defuntos se lançassem assentos de baptizados. Da análise filológica conclusões se tiram que não permitem a hipótese de Valdez, pois que *encomendar* significa *dizer orações por defuntos*, vocábulo que não pode, portanto, servir no sentido de *registar óbitos*. Por outro lado, os infinitos *baptizar e encomendar* mostram actos ainda não realizados: fazer baptismos e orar pelos defuntos.

A própria designação usada pelos párocos na rubrica dos livros de registo concorda com o que acabamos de dizer porque a terminologia usada devia seguir tradicionalmente a dos livros anteriores. Os títulos abertos para registo, em livros isolados ou em livro misto, eram de: *baptizados, casados, defuntos e crismados*, que recordam actos de anterior realização e, por isso, com o emprêgo dos verbos no particípio perfeito.

Quanto à existência de livros que abrangessem o período de 1489 a 1531 não a podemos considerar base de afirmação por motivos que, análogamente, acima invocámos.

Em adenda ao seu estudo havia Henrique Loureiro publicado a notícia que lhe fornecemos de nos livros da freguesia de Vila Cova de Sub Avô existirem registos do ano de 1530, o que fazia recuar um ano a data por êle tomada como inicial.

Mais tarde, em novas investigações no Arquivo da Universidade de Coimbra, deparou-se-nos outro livro que, sôbre aquêle, leva a primazia por ter seu princípio no ano de 1510. Havia pouco que ali dera entrada retirado da posse do pároco, motivo porque não o vi-

mos em pesquisas anteriormente feitas na Câmara Eclesiástica do bispado de Coimbra, onde estavam guardados todos os livros que então recolheram àquele arquivo, com excepção dos que se conservavam nos cartórios paroquiais.

O precioso códice pertence à extinta freguesia de Sant'Iago da cidade de Coimbra e contém apenas assentos de baptizados. Acha-se em bom estado de conservação e seus registos, feitos com grande rigor, nomeiam padrinhos e testemunhas e indicam os officios que exercitavam.

A reprodução que junto apresentamos é a da terceira página do mencionado manuscrito, na qual o primeiro assento é nova baliza que colocamos vinte anos atrás da que anteriormente existia (1).

Vejamos, agora, qual a interpretação que se deve dar às decisões do Concílio de Trento e às constituições do arcebispado de Lisboa, invocadas pelos citados autores.

Os prelados ao fazerem as constituições da sua diocese, coligindo tôda o matéria respeitante tanto ao espiritual como às obrigações dos clérigos, podiam muito bem incluir nelas o que se referia à feitura do registo paroquial sòmente com o propósito de codificar e sem que a maior parte dos assuntos fòssem novamente introduzidos

(1) A primeira fòlha tem assentos do ano de 1530 e por ter sido deslocada do lugar competente, onde tinha o número 32, ficou precedendo as dos assentos de 1510 e dos seguintes anos. Os assentos dêste livro compreendem o período de 1510 a 1569 e nos actos que êles registam tomaram parte, quer como pais de baptizados quer como padrinhos, figuras de alto relêvo na sociedade coimbrã de quinhentos e notáveis artistas, scientists, cortesãos, etc. Citaremos alguns, como o *doutor Pero Nunes matamatico*, o doutor Diogo de Gouveia e Diogo de Castilho, João de Ruão, Lucas Fernandes, todos imaginários, Simão de Évora, pedreiro, além de muitos fidalgos da Casa Real, officiais da governança da terra, lentes, físicos, estudantes, lavrantes de prata, ourives, gente da casa do Bispo, criados e carpinteiros do Conde D. Pedro, etc. Ainda merecem referência o licenciado João Vaz fundador da casa de Sub-Ripas e pai de Joana Vaz, a latina, D. João de Meneses filho de D. Jorge de Meneses, António de Alpoim pai do doutor Pedro de Alpoim que morreu decapitado por ser amigo e companheiro do rei D. António, D. Pedro de Meneses, D. João Mascarenhas, D. Pedro filho do Conde da Feira, D. João de Portugal, D. Jorge filho do comendador da Castanheira, D. João filho do Arcebispo de Lisboa e D. João filho do Duque de Aveiro.

Tão valioso códice despertou-nos vontade de publicá-lo, mas circunstâncias várias têm obstado à realização dêste desejo. Esperamos, contudo, poder um dia efectivar esta aspiração.

1555 | novembro de 1510. par. Siquimé

Caseiro João de Almeida casado com Catarina de f.º de f.º de f.º
e de sua mulher Catarina de f.º de f.º de f.º
João de f.º de f.º de f.º e f.º de f.º de f.º
risco de f.º de f.º de f.º

[Signature]

Caseiro João de Almeida casado com Catarina de f.º de f.º de f.º
e de sua mulher Catarina de f.º de f.º de f.º
Catarina de f.º de f.º de f.º e f.º de f.º de f.º

Caseiro João de Almeida casado com Catarina de f.º de f.º de f.º
e de sua mulher Catarina de f.º de f.º de f.º
e de f.º de f.º de f.º

Caseiro João de Almeida casado com Catarina de f.º de f.º de f.º
e de sua mulher Catarina de f.º de f.º de f.º
e de f.º de f.º de f.º
26 de f.º

17000

[Signature]

[Large signature and text at the bottom of the page]

Fólia com os primeiros assentos paroquiais do ano de 1510

no seu distrito eclesiástico. Outras vezes algumas modificações sofriram segundo a experiência e os interesses da igreja aconselhavam.

Ainda hoje nas mais modernas constituições, que julgamos ser as do bispado do Coimbra, se encontra indicado como os párocos devem lavrar o registo, sem que isto represente inovação.

No caso das referidas constituições do cardeal-infante D. Afonso, no título I da constituição VII,⁽²⁾ aprovada em sínodo de 25 de Agosto de 1536, parece que o assunto dos registos foi tratado, unicamente, para indicar o formulário obrigatório, como se vê da passagem a seguir transcrita:

...huum liuro: aa custa do prior: ou rector desta igreja. o qual tera ho dito prior: rector: cura ou capellam no thesouro da igreja: e em hũa parte delle screuera o proprio nome do clerigo: que baptizar ha creatura dizêdo. Eu foam cura. ec. e logo. ho dia. mes. e anno. e ho nome da creatura que baptizar: e de seu pai e mai sendo auidos por marido e molher: e os nomes dos padrinhos e madrinhas. E em outra parte do dicto liuro escreua os q̃ falecerẽ de sua parochia: e ho dia: mes: e ãno: e a quẽ deixarã por seus testamẽteiros:...

O Concílio Tridentino, a que todos tanto se referem, segundo nossa opinião não criou matéria nova acêrca dos registos paroquiais. Seu fim foi condenar os erros do protestantismo e definir algumas doutrinas da fé católica. Tudo que se prendia com estes assuntos foi tratado cuidadosamente de modo a atingir o que se propunha. A forma de celebração de certos sacramentos, como o matrimónio e o baptismo, tiveram, certamente, de sofrer alterações tendentes a evitar abusos e erros. Não é pois de estranhar que nas passagens abaixo transcritas se refira como os párocos deviam proceder. Outra necessidade também imperiosa, naturalmente obrigou a lançar na acta do Concílio as prescrições relativas a êsses assuntos, qual foi a de uniformizar no orbe católico a forma como se fazia o registo paroquial porque, de-certo, se regulava de maneiras diversas segundo as constituições de cada diocese.

Na acta da sessão XXIV, de 11 de Novembro de 1563, lê-se, no capítulo que trata do matrimónio:

(2) *Constitvicoens do Arcebis pads de Lixboa*, 1537, fôlha 3 verso.

Habeat Parochus librum, in quo conjugum, & testium nomina, diemque & locum contracti Matrimonii describat, quem diligenter apud se custodiat (1).

Ainda na mesma sessão, acêrca do parentesco espiritual, se encontra sôbre o baptismo o seguinte :

Parochus, antequam ad Baptismum conferendum accedat, diligenter ab iis, ad quos spectabit, sciscitetur, quem, vel quos elegerint, ut baptizatum de sacro fonte suscipiant; et eum, vel eos tantum ad illum suscipiendum admittat; et in libro eorum nomina describat; doceatque eos, quam cognitionem contraxerint, ne ignorantia ulla excusari valeant (2).

*

* *

Provada documentalmente a existência de registos anteriores ao Concílio de Trento e às constituições do arcebispado de Lisboa, dos quais ainda hoje se conserva um livro do princípio do século de quinhentos, inverosímil não nos parece admitir que todos os precedentes existiram e se perderam de igual modo ao que aconteceu à maior parte dos livros findos antes de 1563.

Como se perderam ?

Impossível responder com exactidão. Não é, contudo, ilógico supor que sua causa foi a incúria dos párocos que não lhes reconheciam valor e, por isso, postergados os deixavam ao abandono nas arrecadações onde a humidade e os ratos os destruíam, trabalho que êles nem sempre tinham coragem de fazer. Mera hipótese emitida pelo conhecimento que temos *de visu* do estado lastimoso a que os mencionados clérigos deixaram chegar os livros do registo paroquial e o pouco respeito que estes lhes mereciam.

Grainhas de uvas, palitos dos dentes, migalhas de pão, tudo se

(1) *Sacrosanctum, Oecumenicum Concilium Tridentinum, Additis Declarationibus Cardinalium...* — Tridenti, MDCCXLV. Capitulo I — *Decretum de Reformatione Matrimonii*, página 253, coluna 1.^a

(2) *Idem*, capítulo II — *Determinantur persone inter quas solas contrahitur cognatio spiritualis orta ex baptismo aut confirmatione*, página 270, coluna 1.^a

encontra entre as suas fôlhas. Mas o pior são aquêles que se nos apresentam roídos dos ratos ou banhados da chuva que, de-certo, abundantemente entrava nas sacristias das igrejas.

A-par-das imundícieis e do estrago a que o seu abandono os condenava aparecem nas fôlhas reservadas a assentos de actos tão importantes como aquêles a que se destinavam, notas jocosas, chufas dirigidas por párocos a outros sacerdotes, rabiscos e exercícios de escrita não só da mão dos próprios a quem a sua conservação estava encarregada, mas dos meninos que tinham em sua companhia, o que só a complacência paternal justifica.

Os livros, naturalmente, estavam quasi sempre em casa do pároco, o que não podia de modo algum ser garantia de preservação e segurança, porque após a sua morte a família não tinha, de-certo, o cuidado de os restituir, pelo menos na totalidade. E, assim, um a um desapareceram até que provavelmente as vesitações eclesiásticas se tornaram mais rigorosas e freqüentes.

Mas antes da ignorada época em que os assentos paroquiais passaram a ser lavrados pelos párocos havia os livros dos tabeliães em que os mesmos se faziam, segundo a obrigação criada pela já referida carta do rei D. Afonso IV.

Os livros dos tabeliães deviam, talvez, guardar-se, nas provedorias das comarcas mas os documentos da maior parte destas já não existem e os que há são relativamente modernos.

Contudo não é utopia alimentar a esperança que restos dos assentos mencionados ainda apareçam para justificar sua existência.

DOCUMENTO

A carta régia adiante transcrita já foi publicada na *Synopsis Chronologica de Subsídios Ainda Os Mais Raros Para A Historia E Estudo Critico da Legislação Portugueza: Mandada Publicar Pela Academia Real das Sciencias de Lisboa; E Ordenada Por Jozé Anastacio de Figueiredo*, Lisboa, 1790, tómo I, página 10 e em o *Antiquario Conimbricense*, 1841, n.^{os} 1 e 2, de onde a transcrevemos por Aires de Campos no «Índice Chronologico dos Pergaminhos e Fo-raes Existentes no Archivo da Camara Municipal de Coimbra», 1863,

página 10, nos dizer que está impressa com mais correcção. Foi dirigida aos bispos e o exemplar enviado a D. Jorge, Bispo de Coimbra, encontra-se no cartório da Câmara desta cidade.

Em nome de deus amen. Sabham quantos este stormento virem como vinte e tres dias de ffevereiro da Era de mil e trezentos e noventa e hũ anos na cidade de Coimbra nos paaços da morada de Dom Jorge pela merce de deus bispo da dita cidade perante o dito Senhor bispo Enpresença de mi Affonso Vicente publico tabaliom de Nosso Senhor ElRey na dita Cidade presentes as testemunhas que adiante sso scriptas Gil estevães Alvazil Jeeral da dita cidade que hi presente stava mostrou e per mi dito tabaliom Leer ffez hũa carta de Nosso Senhor ElRey scripta em papel da qual carta o teor della de verbo ad verbo tal he = Dom Affonso pela graça de deus Rey de Portugal e do Algarve. A vos Dom Jorge bispo de Coimbra, saude e graça. Teemos que bem Sabedes que os procuradores das cidades, e vilas Assignadas do Nosso Senhorio que veerom Anos A Santarem quando ffezemos as Cortes postumeiras pera acordar com elles como a Nossa terra ffosse bem vereada, nos disserom que muytos maaos ffeitos sse ffezerom e ffazem em nossa terra pelos Clerigos ordenados d'Ordẽes meores ssagras e d'Ordees meores tambem de ffurtos como de mortes d'homẽes e de fferidas e de ffalsidades e doutros malefficios e que pero eram Acusados perante sseus Joyzes Eclesiasticos desses malefficios e sse prova contra elles que ffezeram ffurtos per ssi e com mouros e Judeus e Christaaos tambem dentro nas Egrejas e moesteiros come em outros logares e que Ja nos e nossas Justiças ffezemos en os leygos que ouveram parte em esses feitos Justiça dandolhes pena de morte qual mereciam. Os quaes conffessaram toda A verdade desses ffurtos E affirmavam que esses clerigos fforam com elles en esses ffurtos esse provava contra elles que fforom en esses ffurtos e os acharam en esses ffurtos E outrossy acharom os ffurtos en ssas casas E parte deles per ssy ou per alguns sseus amigos ou parentes. E que esses sseus Juizes Ecresiasticos nom lhis davam porem pea nem os metem a tormento pera saberm delles a verdade avendo delles presenções per que de direito deviam delles de Saber a verdade per tormento tambem per Razom desses furtos come per outros malefficios de que eram acusados e diziam que os soltavam ssem pea porque se nom prova contra elles per clerigos que ffossem culpados em esses furtos nem nos outros malefficios. E sse contecia que os condepnassem per esses malefficios, e os Clerigos apelavam pera seu maior Convem a ssaber pera os Arcebispos ou pera seus Vigairos. E que os Bispos que derom as Sentenças ou sseus Vigairos contra esses Clerigos quando as davam desenparavam esses ffeitos F os Arcebispos os seus Vigairos mandavam ssoltar esses Clerigos ssem pea e condepnavam aquelles que davam as sentenças em grandes contias de dinheiros por mingua de promovedores da justiça que hi nom avia que Reffertassem o direito da justiça e Apelassem desses Arcebispos ou sseus Vigairos. E deziam que por esso esses Clerigos eram mais attrevudos em fazer maaos ffeitos e mayores que ante ffaziam. E que alguuns filhando dello em exemplo e eram demovudos a fazer maaos ffeitos porque deziam entendiam de passar ssem pea como vyam que os outros passavam. E porque dısto Recrescia grande escandalo por que os da nossa terra Recebiam desses Clerigos muytos dapnos e ssem Razom e eram em ponto de tornar hi Por que vıam que esses

maos feitos nom eram estranhados a esses Clerigos pedirõnos por merçe que sobresto lhys ouvessemos Remedio de guiza que nom Recebese tanto desaguisado nem mal desses Clerigos. E Nos veendo o que nos disseram enviamos dizer ao Padre Santo por Nosso Mesageiro que posese em esto tal Remedio que por negligencia de justiça Ecclesiastica Nos nem as Nossas justiçaes nem os outros do Nosso Senhorio que sse Sentem dos maos feitos que Receberam e Recebem desses clerigos nom ouvessemos Razom de proceder contra elles por outra maneira. E que sse o nom ffezesse e esses clerigos nom ffossem Refreados de fazer esses malefficios que nom ffossemos culpado se per negligencia dos Juyzes Ecclesiasticos l sse ffezesse contra esses clerigos. O qual Padre Santo nos enviou dizer enviara A vos e aos outros preladados do Nosso Senhorio como ffezesedes de guiza que esses clerigos ffossem castigados como comprise e que nom ouvessemos Razom de tornar hi. E nos nom ssabemos sse volo mandou dizer e se volo mandou dizer he bem que o ffaça assy como volo mandou dizer e melhor sse o melhor entenderdes e poderdes ffazer e sse volo nom mandou dizer teemos que per direito daguisado ssodes tehudos a ffazer as cousas que sse sseguem por o estado e officio que teendes e polo encarrego que avedes delles que sam da vossa jurisdiçom e por que vos he mandado pelo papa Cremente O quinto. O qual sabendo que esses clerigos ssom muy atrevudos de ffazerem maos feitos em ffeüsa do privilegio que ham vos vigiedes na Correyçom desses Clerigos e que husedes do vosso officio como ssodes theudo de ffazer de guiza que pela pea que vos derdes a esses clerigos e com medo della nom cometam di em diante tam maos feitos e que os outros spantados todos da pea que derem a algüus por enxemplo do que veerãm ajam Receo de ffazer maos feitos como he contheudo no Titulo do officio do ordinhairo no Capitulo primeiro das Crementinas. E primeiramente deveades Enquerer do vosso officio em forma de direito os maos feitos que ffazem esses clerigos e corregellos e nom lhys dardes apelaçom sse apelaem dessa vossa correyçom como é contheudo na degretal *licet* de officio do ordinhairo nas antigas. E outro ssy deveades saber todos aquelles que som ordinados de quaes quer ordẽes que sseja em ca ffreguezia. E amostardelos em vossos scriptos per sseus nomes ou quando visitardes essa ffreguezia que nom husem do officio de carnicheiro vendendõ carnes em praça por ssas pessoas nem degolem carnes per ssas pessoas em praça nem sejam taverneiros vendendo per ssy os vinhos em tavernas amoestandoos trez vezes dandolhis por cada hũa amoestaçom hũu tempo aguisado Mostrandolhis e dizendolhis que sse husarem dos ditos officios e se os nom leixarem sse ja delles soyam d'husar ou sse o nom husarom e depois tornarom a elles que perderom em todo o privilegio dos Clerigos sse forem casados. E outro ssy se nom fforem casados se andarem em avitos de leygos. E sse alguem os fferir que nom seja escomungado. E que se ffezerem alguns malefficios que ssera da nossa jurisdiçom em quanto husarem de cada hũa desses officios como he contheudo na degretal primeira da vida e onestidade dos clerigos nas Crementinas. E outro ssy deveadelos amestar sso pea de escomunhom a qual deveades poer em elles sse as trouverem. E que outro ssy nom sejam onzeneiros como he contheudo no degretal *Clerici* da vida e onestidade dos clerigos. E outro ssy deveadelos amoestar que nom husem de Mesteres torpes que nom pertencem a clerigos. Convem a saber que nom sejam yogreres nem bofões nem tafues em praça nem hy husem de falassas medidas nen façam as outras cousas que lhys sam

deffesas por direito como he contheudo na degretal *Clerici* a grande da vida e onestidade dos clerigos no livro Sexto. E devedes a ffilhar destas amoestações hũu stornamento e as nossas justiças outro pera seis tranhado a esses clerigos sse nom guardarem vossas amoestações e ffezerem alguns maaos feitos. E outro ssy devedeslhis dizer e mostrar como non façam maaos feitos ca sse elles ffezerem ffurtos ou omicidios ou derem flalssos testemunhos ou ffezerem outros feitos ssemelháveis a estes ou mayores que vos lhis daredes as peas contheudas em direito que ssom notadas na degretal *ad resprimendam* no Titulo do officio do ordinhairo e em outros direitos que vos muũ bem sabedes e que depouys sse sse nom quizerem castigar que os leyxaredes as Justiças ssegraaes pera lhis seer dada pea como a leigos como a leigos como he contheudo na degretal *Cum non ab homine* no Titulo dos juizos. E outro ssy devedelos meter a tormentos sse ouverdes contra elles presenções como nata o Innocencio no Titulo das Regras de direito na degretal—*Cum in contemplatione*. E outro ssi lhis devedes de dizer que sse trouverem armas ou fforem em pelejas e forem hi fferidos ou mortos que aquelles que os fferirem nom seeram escomungados como he contheudo *perpendimus* = na degretal = *In audientia* = no Titulo da SSentença descomunhom. E outrossi lhis devedes dizer e mostrar que sse nom troverem coroa e abito de clerigo e se mesturarem em officios de leygos sse em todo ffezerem como leygos que nom seeram avudos por clerigos por que parece que despresam o estado dos Clerigos como contheudo na degretal *Contingit* o segundo no Titulo na Sentença da escomunhom e que sejam bem certos que nossa võontade he de husar contra elles da nossa jurisdiçom em os casos sobre ditos. E outro ssy devedes amoestar os clerigos casados que tragam cercilhos e avitos de clerigos casse nom ffezerem assy que non gouviriam de privilegio dos clerigos e que seeriam da Nossa jurisdiçom em todo como he contheudo na degretal *Clerici* no titulo dos Clerigos casados no sexto livro. E outro ssy devedes amoestar os beneficiados e os que ssam ordnhados dordões ssagras que tragam panos ordnhados e se o nom quezerem ffazer devedeslhis dar as peas contheudas na Crementina *quoniam* no Titulo da vida e honestidade dos clerigos nas Crementinas. E outro ssi devedes poer em vossas Audiências bõos promovedores de justiça que ssegom os feitos da justiça aa vossa custa. E devedes Aaver hũu procurador na Corte do Arcebispo e de seus Vigairos que deffendam as vossas ssentenças e dos vossos Vigairos e que apelem pera a Corte das SSentenças desse Arcebispo e de seus Vigairos sse julgarem contra vos. E as vossa SSentenças per que ffomos certo que per mingoa de procuradores e promovedores que vos e os outros nom Avedes na vossa Corte e na Corte do Arcebispo eram ssolstos ssem peas algũs que mereciam peas de Justiça. E outro ssi devedes seer percebudo que nom ordnhedes de ordões meores sse nom aquelles que soubertes que ssom de bõos Costumes e Idoneos pera sseerem ordnhados dessas ordões e que ssejam Idoneos e aptos pera ller e aprender pera poder vir e ssobir a maior bem e A ordões mayores ca ssomos certo que muitos sse ffazem ordnhar mais por engano da nossa justiça que por ffazer serviço a deus nem pera aver maiores ordões. Outrossi porque achamos que muitos clerigos eram casados Algũs com mulheres Virgões e outros com mulheres corrutas e que depois diziam esses clerigos que nom eram casados com ellas pela qual Razom recreciam muitos maaos feitos por que essas mulheres que eram Aas vezes de bõo logo ficavam escarnidas e os seus filhos nom lidemos e nos

outrossi nom podiamos aver as Nossas dividas que nos deviam essas mulheres por que esses clerigos dizem que os bẽes que anbos juntamente aviam eram sseus e nom das molhees. Outrossy quando eram achadas em algũus maleficios diziam que nom eram da nossa jurisdiçom como quer que fossem casados com mulheres curritas porque negavam esses casamentos e nom aviamos testemunhas pera o poder provar nem avemos Razon de ssaber. Esso meesmo ffaziam a qualquer que os quisesse demandar por as dividas que essas mulheres devessem ou acusar perante Nos ou perante a^s Nossas Justiças seendo elles casados com mulheres corrutas ou por contrautos ou dividas seendo elles casados com mulheres virgẽes nos quaes casos ssom da Nossa Jurisdiçom como he contehudo no Capitulo *Cleric* dos clerigos casados no Sexto livro no Titulo *Aleicionis* no Titulo dos Bigamos do livro Sexto pela qual Razom nos e a nossa Justiça e os nossos sogeitos nom podemos auer delles direito. Teemos que sseera bem e serviço de deus e nosso e prol do nosso poboo que ffaçades e ordinhedes que todos aquelles que fforem casados como leygos pareçam perante o priol da Eigreja d'hu soom ffregueses ou perante a quelle que cura dessa Eigreja e que sse Recebam perante el por palavras de presente e esse Recebimento sseja ffeito perante hũu tabalião que sseja estabeleçudo em essa ffreguesia pera escrever esses Recebimentos e que sse ffaça um livro em que apartadamente ssejam escritos esses Recebimentos pera sse poder Saber por esses livros os casamentos que fforam ffeitos em cada ffreguesia por esses Recebimentos ffeitos por esse priol ou clerigo. E que daqui a deante mandedes que todos os Recebimentos que sse ffezerem em essas ffreguesias ssejam ffeitos por esse priol ou Clerigo perante o Tabelliom dessa ffreguesia hu esses casamentos forem ffeitos. E que outrossy deffendades que nenhũu nom tenha Barregãa publicamente nem solteiros nem casados porque he deffeso pela ley divina e humanal como he contehudo e notado nas Crementinas na degretal *ad nostram*. E no Titulo dos hereges E e sse ffezerdes as ditas cousas e cada hũa dellas o que teemos que he aguisado de o ffazerdes ffaredes sserviço a deus e a nos e daredes bõom conto e bõom recado a deus e ao padre ssanto que vos derom esse stado sseera a terra assessegada e cada hũu Senhor do sseu e vivira cada hũu sem maa ssospeyta o que nom pode ffazer temendosse que esses Clerigos lhi fforrem o sseu e ffaçam contra elles outros maleficios como virom e veem de cada dia que o ffazem e nom lhis he estranhado e nom sseerdes A azo de tornarmos hi nem nossas Justiças nem nossos ssogeytos per outra guisa o que sse nom pode escusar ssegundo nosso Entender sse nom ffezerdes as cousas ssobre ditas o que deus sabe que nos pesara muyto sse sse ffezer e embarguamos Ataa aqui quanto podemos que sse nom ffezesse e Embargamos com aguisado quanto podermos. E sse per ventuyra entenderdes que hi ha Al melhor emviadenolo dizer. E sse quizerdes emviar dizer ao Padre Santo E esto que vos mandamos dizer pera vos mandar ssobrelo como ffaçades A nos praz ende ca sseede certo que sse nom ffezerdes as cousas sobre ditas que temos que por direito e daguisado como dito he ssodes tehudo de ffazer que nos enviaremos mostrar ao Padre Santo para nos desculpar sse sse hi Al fezer e pera volo estranhar como prouger aa sa Santidade. E mandamos Aos Alvazys da dita cidade de Coimbra que Vos leam esta Nossa Carta Aberta e sseelada do Nosso Seelo e que a ffaçam leer perante vos em praça perante hũu tabelliom e que da publicaçon della e da Resposta que hi derdes lhi de esse tabelliom hũn stromento Aos quaes Aluazys mandamos que nos envy esse stromento

pera veermos a Resposta que hi derdes e ffazermos ssobrelo o que ffor serviço de de deus e nosso e prol e Assessego da Nossa terra. Dante em Evora sete dias de Dezembro ElRey o mandou Gervas eannes A ffez Era de mil e tresentos e Noveenta Annos. A qual carta Assy mostrada per o dito Alvazil como dito he o dito Alvazil disse que el compriria a dita carta como em ella he contehudo. E depoyz desto Vynte e trez dias de ffevereiro da Era de mil e tresentos e Noveenta e hũu Anos na Cidade de Coimbra nos Paços da morada de Dom Jorge Bispo da dita cidade Ssendo hi o dito Senhor Bispo. Gil esteves Alvazil da dita cidade que hi presente stava mostrou e per my dito tabelliom leer ffez a dita carta como em ella he contheudo. A qual carta assy mostrada e publicada perante o dito Senhor Bispo que hi presente ssya como dito he o dito Senhor Bispo disse e deu em Resposta que el omildemente obeedecerya e compriria o mandado do dito Senhor Rey como na dita carta he contehudo ca dizia que el Bem sabia e crya que o dito Senhor Rey sse ffun-dava em direito e Bõoa Razom e que lhi prazia que os do Seu Senhorio de Viverem em paz e em assessego como Bõom Senhor que era Amador do direito e justiça e que A ssa voontade delle era e ffora sempre dos Clerigos e dos que el Avia de Reger de viver honestamente e bem e que Assy o ffaria el comprir e Aguardar quanto em el fosse. Das quaes cousas todas e cada hũas o dito Alvazil pediu Amy dito tabeliom que lhi desse hũu stormento perã o enviar ao dito Senhor Rey como per el he mandado. ffeito ffoi na dita cidade nos ditos logos dias mezes e Era sobre ditos testemunhas que hi presentes fforam Gonsalo Velho Vaasco Lourenço Vaasco martins tabelliões Martim Affonso de Rua de Coruchi e outras testemunhas. Nom empeesça Arrapadura que he feita na Rega primeira hu diz dez dias de janeiro ca Eu sobredito Affonso Vicente tabelliom o escrevi e Arrogo e per mandado do dito Alvazil este stormento screvi e Aqui este meu signal fiz que tal = *Logar do signal publico* = he em testemunho das ditas cousas.

Pagou o procurador do conselho per este stormento e per outro..... e per caminho tres libras e meya do qual ffoi Alvidrado per o dito Alvazil Gil esteves.

UMA POESIA INÉDITA NUMA MISCELÂNEA QUINHENTISTA

COMUNICAÇÃO LIDA EM ASSEMBLEIA GERAL DE ESTUDO DE 28 DE JANEIRO DE 1932

PELO SOCIO Efectivo TITULAR

DR. PEDRO BATALHA REIS

A poesia que ora transcrevemos dum velho códice da primeira metade do sec. xvi, contrasta singularmente com a severidade de todo o resto e é como que um suspiro exalado, no intervalo da leitura dos áridos estudos que essa miscelânea encerra, por um estudante quinhentista para alívio do seu coração oprimido pelo mal do eterno amor!

O livro a que nos referimos era pertença dum antiquário que no-lo veio oferecer, ha anos, não tendo nós contudo podido adquiri-lo pela elevada quantia que por ele pediam; No entanto algum tempo o tivemos em nosso poder; foi quando copiamos esta poesia e algumas poucas notas tiramos, das quais agora nós servimos, com a ajuda do que guardamos lembrança, para dele falarmos.

Trata-se dum códice em oitavo forrado de pergaminho (sem indicação alguma exterior) que contem três obras impressas alem de varios manuscritos intercalados que nos mostram serem complementos daqueles trabalhos.

As obras pela «letra de fôrma» (como diria o jovial cronista do Príncipe Perfeito) eram, segundo um pequeno apontamento que temos em mão, um incunábulo de 1505 — o *De Secretis Secretorum* de Aristóteles, um *Tractatus de Sphaera* de 1519, e o rarissimo *Astrolabium* de Jacob Koebelio de 1532 (!).

Dos manuscritos, como não tiramos notícia, é por memória que deles falamos. Já lá vão perto de quatro anos, de maneira que a indicação é vaga... embora no pouco que diga seja segura.

Assim, recordamo-nos de que, uns versavam sobre Astronomia — e não nos passou despercebido o estudo do *Cruzeiro do Sul*, descoberto pelos mareantes portugueses, no hemisferio austral, para lhes servir de guia «por mares nunca d'antes navegados» quando perdido tinham a sua estrela polar — outros sobre Geometria e ainda outros, os derradeiros, ocupavam-se da *Arismética*.

Faltava, pois, apenas a Música para termos como um compêndio do quantô se ensinava do *Quadrivium* em Portugal na era de quinhentos.

A curiosa poesia de que nos ocupamos, objecto destas linhas, é em redondilha maior e tem por motu uma quadra que é glosada em duas nonas. Como se verá, alguns arcaísmos nela se verificam, mas todos eles são de facil intelligencia por se encontrarem ainda hoje no falar hodierno, se bem que se nos apresentem, por vezes, ainda com formas arcaicas. Assim temos, *cramo* por *clamo*, *groria* por *gloria*, *dino* por *digno*, *maginando* por *imaginando* (pensando), *consirar* por *considerar*, etc.

A poesia é como segue:

Vence-me tanto a razão
De querer e amar quem amo
Que por lhe ter afeição
A mim mesmo me desamo

Quanto mais vou maginando	Ou sendo bem consirado
Nas perfeições e primores	E dino de consirar
De quem eu adoro amando	Quem nisto me diz culpado
Tanto me vou mais atamdo	Vendo-se tão enganado
Na groria destes amores	Logo m'o hade desculpar
Quem ver sua perfeição	Por isto e tanta razão
Tão perfeita logo cramo	Quero tanto a quem amo
Que me venceu a rezão	Que por lhe ter afeição
Que de amar tenho a quem amo.	A mim mesmo me desamo.

(1) Para os bibliófilos deixamos registadas nesta nota as indicações que seguem àcerca das obras supra mencionadas:

A mais antiga tem por titulo: *Utilissimus liber Aristotelis de secretis secreto-*

rum e é, como dissemos, um incunábulo, de caracteres góticos, impresso em Burgos na era de 1505 por André de Burgos que ulteriormente veio para Portugal e foi *empremidor* (como então soia dizer-se) do Cardial Infante. Varias são as obras conhecidas entre nós desse segundo periodo de actividade dos prelos de André de Burgos na vetusta cidade eborense, onde se estabelecera; Tais como, a *Historia da antiguidade da cidade de Évora*, de André de Resende, impressa em 1576, para citar uma ao acaso. Lembraremos ainda que outras obras ha igualmente impressas em Évora, mas posteriores áquelas, por Martim de Burgos, naturalmente filho daquele outro, como, para dar um só exemplo, a tão conhecida, mesmo alem fronteiras, *De Antiquitatibus Lusitaniae* impressa em 1593.

Por ordem cronologica segue-se a *Sphaera Mundi*, impressa em Veneza por JACUBUS PETIUS DE LEUCHO em 1519. Recordamo-nos de que a este curioso livrinho faltava o rosto e que estas indicações se colhiam do final da obra. Este tratado da Esfera é o de Sacrobosco tão divulgado entre nós nas traduções em *lingoagem* que em regra andavam apenas ao *Regimento do estrolabio e do quadrante*, como se verifica nos exemplares das Bibliotecas de Munich (1509 ?) e de Évora (1518). O celebre Pedro Nunes, ao inseri-lo no seu *Tratado da Sphera*, de 1537, acompanhou-o de anotações, que o corrigem nalguns passos.

A obra de Sacrobosco é seguida das *Teóricas* de Purbáchio, (1423-1461), tidas como complemento daquela, e subordinadas ao titulo: *Theoricae nouae planetarum Georgii Purbachii astronomi celebrantissimi* — E, do discipulo deste ultimo, Regiomontano (1436-1476), (o mestre, por seu turno, do tão discutido entre nós Martim da Boémia), a *Disputationem Joannis de Monte Regio contra Cremonensia in planetarum Theoricis...* Desta obra — *Sphaera Mundi* de 1519 — sabemos da existencia dum exemplar no Observatorio Astronómico de Coimbra pela *Astronomia dos Lusitadas* de Luciano Pereira da Silva, que aí o descreve dando-nos uma reprodução facsimilada da ultima pagina.

Finalmente temos a de impressão mais recente, que não deixa por isso de ser a mais rara e talvez a mais curiosa: é o *Astrolabium* de IACOBO KOEBELIO impresso em Moguncia em 1532 por PETRUS JORDAN. Dificil nos foi, saber quando nos ocupamos dessa miscelanea, quem era Koebelio e se era ou não conhecida essa obra de que não encontravamos menção alguma nas bibliografias mais conhecidas — De maneira que, as indicações bibliograficas que obtivemos acerca dela, devemos-las ao obsequio dos Directores das Bibliotecas de Munich e de Berlim, que nos informaram (respectivamente em cartas de 22 e 29 de Fevereiro de 1928) de que, em Munich apenas existe a edição de 1535, muito embora soubessem da de 1532 por haver sido descrita por Panzer nos seus *Anais Typograficos*, vol. 7 pag. 420 n.º 97 — E de Berlim soubemos que a sua Biblioteca possui o único exemplar conhecido da edição de 1532, o mesmo que appareceu na miscelanea quinhentista de que nos ocupamos.

Jacob Koebelio (1470-1533) era um matemático alemão, natural de Heidelberg, que estudou em Cracovia onde foi condiscipulo do celebre Copérnico. Antes da publicação do *Astrolabium* (porventura a sua ultima obra pois que data do ano anterior ao da sua morte), Koebelio imprimiu varios tratados elementares, um sobre os contos para contar em 1514, outro sobre agrimensura em 1515 e ainda um outro arpaos calculos com a pena em 1520.

Ô *Astrolabium* precede de 11 anos o *De Revolutionibus orbium coelestium* de Copérnico, porisso que se baseava ainda no velho sistema planetario que afirmava estar a terra «queda» e ser «o centro do mundo», como dizia Pedro Nunes. Assim, curiosas gravuras nos mostravam andar o sol em volta do nosso planeta! E esta doutrina é a que semelhantemente filhavam os manuscritos, não havendo em qualquer passo a menor referencia à nova concepção que levaria mais tarde Galileu a dizer, quando publicamente teve de abjura-la obrigado pelo Tribunal da Inquisição: «*E pur si muove!*»

A OFICINA RÉGIA LITOGRAFICA

PEQUENAS ACHEGAS PARA O ESTUDO DA HISTÓRIA DA LITOGRAFIA
EM PORTUGAL

COMUNICAÇÃO FEITA À ASSOCIAÇÃO DOS ARQUEÓLOGOS
PORTUGUESES EM SESSÃO DE ASSEMBLEIA GERAL DE 25 FEVEREIRO DE 1932
PELO SÓCIO EFECTIVO TITULAR

ERNESTO SOARES

Em 1925 publicou o ilustre Presidente da Associação dos Arqueólogos portugueses Snr. Dr. Luís Xavier da Costa, um valioso estudo sobre os inícios da litografia em Portugal. O erudito iconólogo quasi esgotou o assunto apresentando-o magistralmente defenido em seus traços gerais, num já hoje raro opúsculo de 59 páginas e 5 fôlhas de estampas, com o modesto título de *«A obra litográfica de Domingos António de Sequeira com um esboço histórico da litografia em Portugal»*.

Quis o acaso, que é o patrono dos investigadores, que ha anos, quando procurava elementos para a história da gravura artística em Portugal, se me deparassem informações, que reputo importantes para complemento daquele precioso trabalho na parte que diz respeito à história da litografia. São, na verdade pequenas achêgas, mas que poderão servir um dia a quem pretenda escrever a história dessa interessante arte de reprodução, fazendo o inventário das estampas que ainda hoje existem dispersas por colecções particulares—por isso aqui deixo êsses preciosos materiais que em mãos mais ha; beis que as minhas, servirão de auxiliares para a construção do grande edffício da história da arte em Portugal.

Apareça o architecto dessa obra tão necessária que a matéria-prima não lhe faltará.

Depois de historiar documentadamente a fundação e descrever as primeiras produções da Oficina—Régia, apresentando-nos uma notável lista de incunábulo (permitam-me o termo) da litografia portuguesa, diz-nos o seu erudito autor a pag. 24.

“A-pesar-dos antigos jornais portuguezes que pude consultar e que tratam da litografia, serem falhos de dados aproveitáveis a respeito da sua história no nosso país (e cita especialmente O arquivo Popular — O Panorama — O Mosaico e a Revista Universal Lisboense) em um dêles, com data relativamente recente (A Ilustração Popular) encontra-se a informação pouco precisa, mas condizente com os factos anteriormente narrados, de que a primeira litografia que nos consta se estabeleceu, em Lisboa, foi a da Academia, na Rua Augusta; onde hoje está estabelecido um monte-pio, junto ao Arco da Praça do Comércio... no reinado de el-rei D. João VI”.

Os documentos e informações que ora trago a público veem completar em parte esta lacuna que o seu erudito autor não conseguiu preencher a-pesar-das das suas aturadas investigações. E seja desde já dito em abono da verdade que julgo errónea a informação da Revista citada, *Ilustração Popular*, attribuindo o funcionamento da Régia-Oficina no prédio da Rua Augusta no reinado de D. João VI. Quando se fundou a Oficina em 1824 a sua sede foi no Tesouro Velho à Calçada dos Caetanos, onde já então existiam as Aulas de Desenho e Gravura debaixo da inspecção de João José de Sousa e depois de Duarte José Fava. Em 1836 é que já estava a Oficina na Rua Augusta.

Como a Ilustração é de 1874 torna-se natural o desconhecimento destas datas e daí a confusão.

Vejamos em primeiro lugar qual a origem dos documentos e em seguida faremos uma rápida análise do seu valor.

Por decreto de 25 de Outubro de 1836 fundou-se em Lisboa a Academia das Bellas-Artes; dela fizeram parte os mais notáveis artistas da época e entre êles podemos citar Joaquim Rafael — Francisco António da Silva Oeirense — António Manuel da Fonseca — Domingos José da Silva — José da Costa Sequeira — Benjamim Çompte, etc.

Desde a sua fundação reuniram-se regularmente em Conferência os directores que, sujeitos à Secretaria do Estado dos Negócios do Reino, deliberavam sôbre assuntos de arte e de administração interna do Estabelecimento. De tôdas as sessões se lavraram actas que constituem elemento indispensável a todos os que pretendam estudar o desenvolvimento que as artes da pintura, escultura, architectura e gravura, tomaram nessa época em Portugal. Por aqui se vê o

o valor inestimável que êsse documentário tem para os investigadores. A dificuldade de consulta desses livros que segundo informações do Ex.^{mo} Sr. Luciano Freire, quasi se não podem lêr por se ter desvanecido a tinta, fez-me desistir do seu exame; mas, como dizia a princípio, o acaso é patrono dos investigadores e um amigo fêz-me chegar às mãos um extracto muito completo de tôdas essas actas, abrangendo o período que vai de 1836 a 1846 num total de 290 tiradas acta por acta. Li essa preciosa colectânea, tirei os apontamentos que julguei de valôr e são alguns fructos dessa leitura que hoje veem a público.

Seguindo ainda o trabalho do Dr, Xavier da Costa por êle ficamos sabendo que após o estabelecimento da Oficina-Régia-Litográfica ficou sendo seu director João José Le Coq o qual havia estudado esta arte em França. Não tenho dados precisos que me habilitem a ajuizar da competência administrativa de Le Coq, mas a avaliar pelas composições litográficas saídas da sua officina podemos afirmar que algumas delas são do melhor que a litografia portugueza produziu nessa época. Basta apontarmos as estampas dos retratos de D. João VI litografado por Sendim, de Carlos Honório de Gouveia Durão desenhado por Queiroz, a série de retratos em busto de D. Miguel reprodução de quadros ou a grande colecção das Vistas de Sintra por Domingos Esquiopetta para avaliarmos do merecimento artístico do Director Le Coq.

Após a fundação da Academia das Belas-Artes em 1836, êste organismo official pensa em esbulhar Le Coq do seu lugar de Director, e assim, na conferência de 28 de Novembro do mesmo ano, portanto a 3.^a que se realizou, após a sua fundação, Francisco António da Silva Oeirense levanta a questão apresentando razões que não colhem para justificar a violência. Le Coq não foi acusado de menos competência técnica ou administrativa, únicos motivos que deviam ter sido alegados para esta extorsão. Não possuo elementos probatórios que me habilitem a indicar com precisão as razões que levaram a Academia a proceder dêste modo que julgo injusto, mas o excessivo liberalismo tantas vezes patenteado nas actas académicas, chegando mesmo à delação de alguns agregados pela falta de juramento prévio de fidelidade à nova Constituição, faz-me supôr que não foi estranha a êsse esbulho a política que no nosso país é elemento que não pode ser posto de parte para explicar certos pro-

blemas da arte e da ciência. E' um facto extraordinário, mas da sua autenticidade ninguem pode duvidar. Silva Oeirense autôr da proposta, é uma curiosa figura artística e política da época das lutas liberais e que bem merece ser estudada.

Ao meu amigo Sr. Coronel Ferreira Lima que tem entre mãos uma monografia sobre este artista tomo a liberdade de insinuar o estudo sôbre esta modalidade psicológica de Oeirense; por mim contento-me com o que dizem as actas citadas.

Prosigamos no nosso estudo:

A primeira proposta de Silva Oeirense na referida Conferência de 27 de Novembro de 1836 não teve seguimento, provavelmente por ter sido feita de surpresa; e assim, logo foi marcado dia para uma sessão extraordinária que veio a ter lugar em 5 de Dezembro seguinte. Nesta reunião foi deliberado, por unanimidade, que fôsse entregue a Sua Magestade uma representação na qual se pedia que a administração da Oficina Litográfica passasse para a Academia.

Ponderosas deviam ser as razões, embora os motivos alegados fôsem ainda mais de ponderar, para que se pudessem de parte tôdas as praxes burocráticas que sempre foram tão queridas de todos nós portugueses, em todos os tempos e regimes.

E por isso, caso estranho é, o de se fazer uma representação a S. M. em 5 de Dezembro de 1836 para tirar a direcção da oficina litográfica a João José Lecoq e logo no dia seguinte sair um diploma ordenando a cessação das funções officiais do mesmo Lecoq e mandando nomear uma comissão de artistas composta de três membros.

Três dias depois eram eleitos, por escrutínio secreto, em Conferência, o Silva Oeirense e os agregados da aula de pintura de paisagem José Botelho e Joaquim Manuel da Silva, ficando o primeiro destes (José Botelho) membro do Conselho fiscal juntamente com Francisco d'Assis Rodrigues e André Monteiro. Não há por agora motivos para duvidarmos da competência dos ilustres artistas tanto mais que alguns dêles pretendiam ao... batalhão de voluntários e haviam todos prestado juramento de fidelidade ao novo estado político.

Officiou-se a Lecoq para fazer entrega da Oficina, mas as coisas já não correram com a mesma brevidade, pois em 16 de Fevereiro de 1837 teve o Governo de publicar a seguinte portaria:

«Tendo a Academia das Bellas Artes de Lisboa representado, no officio incluzo, as duvidas que se lhe offerecem na entrega de alguns objectos da Officina Lythografica ao ex Director della João Jozé Lecoq, propondo o arbitrio de se proceder a uma Vesturia e louvação dos referidos objectos para se adjudicarem à mesma Academia pelo valor que a Fazenda Nacional tiver despendido com elles, entregando o exesso, se o houver, ao dito ex Director; encarrega-me o Ex.^{mo} Secretario d'Estado desta Repartição de rogar a V. S.^a haja de proceder na quella deligencia, ouvindo os interessados, e remettendo o resultado della com a informação que se lhe offerecer a este respeito . . Ill.^{mo} Snr. Intendente das Obras Publicas. a) Barão de Tilheiras».

João José Lecoq tinha feito a entrega da Oficina, mas reclamava o que dizia pertencer-lhe particularmente e daí a necessidade de arbitragem. O officio dirigido pelo Intendente a Manuel da Silva Passos é elucidativo e interessante, por isso a-pesar-de um pouco extenso aí fica transcrito na integra:

Officio.

«Ill.^{mo} e Ex.^{mo} Snr. — Por officio do Secretario Geral do Ministerio do Reino de 16 de fevereiro ultimo se dignou V. Ex.^a mandar remetter-me o incluso officio da Academia das Bellas Artes de Lisboa sobre duvidas que se offerecem na entrega de alguns objectos da Officina Lytografica ao ex-Director della João Jozé Lecocq, propondo o arbitrio de se proceder a huma Vesturia e louvação dos refferidos objectos para se adjudicarem á mesma Accademia pelo valor que a Fazenda Nacional tiver dispendido com elles, entregando o excessos, se o houver, ao dito ex-Director; e determinou V. Ex.^a que eu houvesse de proceder nesta deligencia ouvindo os interessados, e remettendo por esse Ministerio o resultado com a informação que se me offerecer a este respeito.

§ — Ezeceutei esta determinação concorrendo com os interessados que convoquei para comparecerem na Officina Lythografica assim como o Mestre Carpinteiro desta Repartição para avaliar os objectos em questão, e tenho a expôr a V. Ex.^a o seguinte:

§ — O Ex-Director Lecoq recebeu objectos directamente fornecidos do Arcenal das Obras Publicas, recebeu outros do Almoxarife do

Real Palacio de Queluz que constavão de huma Prensa e seus pertences que se havião fornecido para serviço particular do ex-Infante D. Miguel, e que depois forão mandados entregar a Lecocq, tudo por ordens emanadas dessa Secretaria de Estado dos Negocios Estrangeiros, segundo elle mesmo confessou.

§ — *Para apurar mais este exame solicitei huma copia do recibo que Lecocq passou quando recebeo os artigos que estavam em Queluz; vendo porem que neste recibo se não especificão todos os artigos recibidos e sómente se minciona em geral a recepção da Prensa, não ha outro recurso se não recorrer á boa fé e estar pelo que o mesmo Lecocq de baixo de sua palavra de honra declara ter effectivamente recebido em Queluz.*

§ — *Principiando portanto pelas pedras lithograficas consta nesta conformidade terem-se fornecido 41 por conta do Estado e existindo actualmente na Officina o n.º 57, vem a pertencer ao Ex-Director 16 pedras, sobre cujas dimensões e qualidades se podem suscitar algumas duvidas bem fundadas porque elle poderia por marcas a seu arbitrio conforme bem lhe parecesse, porem elle me apresentou as facturas das que tinha mandado vir por sua conta e tomando o termo medio dos diversos preços sahe a 8\$555 reis cada huma, sendo portanto o valor das 16 pedras que lhe pertencem a quantia de 136\$880 reis,*

§ — *As maquinas que se achão na officina e pertencem ao ex-Director forão avaloadas em 338\$400 reis.*

§ — *Juntando pois esta quantia ao arbitramento das 16 pedras vem a ser 375\$280 reis o valor dos objectos que pertencem ao Ex-Director Lecocq.*

§ — *Procedendo-se á comparação do custo das maquinas e utensilios fornecidos com o seu valor no estado em que presentemente se achão ha differença de 163\$600 reis, segundo o seu actual estado de deterioração.*

§ — *Para que a officina lithografica possa ter o conveniente andamento e se consiga dar impulso a huma arte de tanta utilidade, parece-me que se não devem entregar ao ex-Director Lecocq os utensilios que lhe pertencem, convindo comprar-lhos para ficarem servindo na officina e abatendo do valor delles a quantia orçada pela deterioração dos artigos que se lhe fornecirão por conta do Estado, vem a ficar credor á quantia de 211\$680 reis.*

§ — *Quando João José Lecocq recebeo a prensa lytografica porta-*

til que se havia construido para o ex-Infante D. Miguel, julgou que ella apezar de ser de muito bonita apparencia não desempenhava o trabalho como se queria e solicitou na Repartição das Obras Publicas que ella fosse inteiramente alterada, vindo por consequencia a ficarem inutilizados 160.\$000 reis em que ella importara; e na ocasião em que eu procidi á Vesturia que faz o objecto desta informação querião os Membros da Commissão que ora administra a officina lythografica que o dito Lecocq fosse respõsavel a esta quantia que dizem se perdeo por sua culpa, mas eu entendo que tal responsabilidade se lhe não pode impôr com justiça, porque elle solicitou o que entendo bem ou mal, e estava da parte das Authoridades superiores anuirem ou não á sua solicitação.

§ — *Debaixo destes principios parece livre de duvida que não se removendo da Officina Lythografica artigo algum dos que pertencem a João Jozé Lecocq he elle credor à Fazenda Nacional da sobredita quantia de 211.\$680 reis. He com tudo certo que elle tirou daquelle Estabelecimento o lucro proveniente dos trabalhos que alli se fazião, alem do seu ordenado e então parece-me que desta importancia se poderia fazer hum abatimento razoavel attentas as urgencias do Estado, e que pagando-lhe a quantia de 168.\$000 elle deverá ficar satisfeito.*

§ — *Tenho expendido a minha opinião segundo a minha consciencia me dicta, sobre huma questão em que encontrei bastante acrimonia, porem V. Ex.^a decidirá este negocio como melhor lhe parecer. Deos Guarde a V. Ex.^a—Intendencia das Obras Publicas 21 de Março de 1837.—»*

Serviu de base a esta vistoria uma relação que a Intendencia havia enviado à Academia, afim de saber quais os objectos em poder de Lecoq. Esse documento é importante para a história da litografia e por êle se fica sabendo qual o caminho que levou a prensa litográfica que havia pertencido a Domingos Antonio de Sequeira e da qual o Snr. Dr. Xavier da Costa perdera o rasto.

Na minha opinião e vem confirmá-la o relatório atrás transcrito, Lecoq foi violentamente esbulhado do que de direito lhe pertencia, pela ambição dos membros da Academia. Não consta das actas académicas, nem de qualquer outro documento e muitos li sôbre o assunto, que Lecoq houvesse prevaricado ou mostrado falta de zêlo ou competência como já deixei expresso anteriormente. Estou certo

de que a ser justificada qualquer suspeição, os académicos que tanto empenho mostraram em escorraçar Lecocq do seu lugar, não teriam hesitado numa acusação fôsse ela fundamentada ou gratuita e tal acusação não aparece em parte alguma. Vejamos a relação para continuarmos a examinar em seguida a marcha da indústria e a competência dos administradores.

**Relação dos Utencilios que desta Repartição
recebeu João José Lecocq**

<i>1 Imprensa Lithografica comprada a Domingos Antonio de Sequeira</i>		200\$000
<i>2 Ditas feitas nesta repartição a</i>	250\$000	500\$000
<i>1 Dita grande</i>		350\$000
<i>1 Dita pequena que hera do ex-Infante D. Miguel</i>		160\$000
<i>1 Banco grande com 4 gavetas</i>		6\$000
<i>2 Ditas piquenas de 1 gaveta</i>	2\$700	16\$000
<i>4 mochos de pinho</i>	500	2\$000
<i>3 Cadeiras</i>	800	2\$400
<i>4 Taboas com travessas á Colla</i>	400	1\$600
<i>1 Banca para tintas com 1 Armario na m.^a banca com meias portas e fechadura</i>		4\$000
<i>1 Pedra de moer tintas com molleta</i>		2\$400
<i>2 Peças de Madeira p.^a botar Agua forte</i>	800	1\$600
<i>1 Dita de Folha de flandes p.^a fazer o negro de Essencia</i>		1\$000
<i>1 Armario de 6 p.^{os} de comprido e 3 de largo com porta e fechadura</i>		8\$000
<i>6 Mochos estofados</i>	1\$000	6\$000
<i>1 Pedra de 5 p.^{os} de comprido e 3 de largo para estender as tintas</i>		4\$000
<i>1 Armario de 11 p.^{mos} d'alto 8 de largo com Portas e Fechadura</i>		13\$000
		1.278\$200

Importa em hum conto duzentos setenta e oito mil e duzentos reis em metal.

Intendencia das Obras Publicas 3 de Janeiro de 1837

a) Joaquim Joze de Castro— Fiel das O. P.

Em 1837 estavam solucionados os negócios da Oficina com Lecoq, mas os artistas, agregados da Academia, nomeados para trabalharem como desenhadores na litografia, não compareciam nos lugares que lhes haviam sido destinados pelo motivo de irem trabalhar em oficinas particulares donde porventura auferiam maiores proventos. Êstes factos estão sobejamente porvados nas actas de 31 de Março e 16 de Julho dêste ano. No ano seguinte 1838 parece que não corriam os negócios do Estabelecimento na melhor das harmonias, pois que em Outubro o Fiscal da Oficina, Vasques Martins, informava a Academia da desorganisação dos serviços propondo medidas que julgava necessárias *«para conseguir acredita-la, sendo uma delas o anúncio que tencionava fazer oferecendo os obras por menos 5% que nas mais oficinas.* E acrescentava que um dos motivos que traziam grandes dificuldades financeiras à Administração era o facto de as Repartições públicas não pagarem os seus débitos. Concretiza mesmo a acusação indicando a Secretaria dos Negócios do Reino como sendo um dos devedores relapsos que alegava nada ter de pagar a um organismo dependente da sua Repartição.

Da acta de 9 de fevereiro mostra-se a inferioridade do trabalho da oficina, pois a Conferência deliberou que os diplomas dos académicos não fôsem impressos em litografia, *«porque era preciso que essa obra desse inteiro crédito à Academia»,* deliberando porisso que fôassem gravados pelo professor Domingos José da Silva.

Sobe de ponto a discussão sôbre a parte administrativa da oficina na acta de 22 de fevereiro, em que a comissão directiva é acusada de não apresentar os respectivos saldos mensais, deliberando-se officiar ao governo para que êste nomeasse um contabilista para examinar as contas. Não consegui averiguar se foi cumprida esta deliberação, mas basta-nos saber o que os académicos nos deixaram exarado nesta acta para ajuizarmos do desleixo que imperava em todos os negócios da Oficina - Régia.

Outra causa de decadência, apontada em mais de uma acta era a da insubordinação dos operários que se sentiam a coberto de qualquer acto enérgico que pudesse haver por parte do Fiscal, visto como êste não tinha poderes para os despedir, mas sómente suspendê-los, participando em seguida à Conferência os actos de indisciplina, incompetência ou falta de aplicação, para que então fôsse resolvido se devia ou não ser despedido o argüido.

Nestas condições fácil é de prever que as mais das vezes a acção não procedia, por extemporânea ou pela índole generosa dos directores sempre propensos à clemência, especialmente em uma época de convulsão social.

E como não haviam os operários de ser insubordinados e indolentes se as férias lhes eram pagas com atraso de um mês e mais, como succedeu por exemplo no ano de 1838 em que só em Dezembro receberam os seus salários relativos a Outubro, Novembro e Dezembro?!

Em 15 de Dezembro dizia claramente o Fiscal aos da Conferência que os progressos que augurava para a oficina só poderiam vir a efectivar-se quando se pagassem pontualmente as férias aos operários «pois só assim se obteriam melhores artistas que concorressem com os das oficinas particulares *que trabalham muito melhor*».

E, caso estupendo numa exploração industrial, na sessão de 23 de Janeiro de 1839 o Presidente elogia com entusiasmo as obras litográficas produzidas na oficina particular de Domingos Francisco Lopes e propõe que a este seu concorrente de indústria, seja concedida a alta mercê de *Académico de mérito*.

Para salvar a honra do Convento os outros membros não reprovaram a proposta, mas tergiversaram sobre o assunto, citando um artigo dos Estatutos que mandava o proposto apresentar uma obra da sua invenção para ser devidamente apreciada. Não consta das actas e porisso é de crêr que Domingos Lopes não tivesse tempo nem interesse em se expor à contigência de uma negativa.

No fim dêste mesmo ano (passa-se o facto em Outubro), aparece uma proposta em que se diz «attentas as irregularidades da oficina litográfica a Conferência propôs fazer o governo mais uma vez ciente dêste facto, pedindo-lhe que a oficina fôsse mudada para dentro do recinto da Academia». Funcionava ela então numa casa da Rua Augusta junto ao arco, da qual fôra cedido o salão nobre à Sociedade Escolástico-Filomática. (1)

(1) Desta Sociedade, verdadeira Academia científica e literária, fundada em 14 de Abril de 1839 fizeram parte os nossos mais ilustres escritores românticos. Herculano, Garrett, Rebelo da Silva, Latino Coelho, Magalhães Coutinho, Silva Túlio, Luis Palmeirim honraram êsse instituto com a sua assídua presença e colaboração. A Sociedade liquidou em 1846 sendo distribuídos entre os sócios a biblioteca e os objectos que faziam parte do Museu de História Natural. (V. g. Hist. dos Est. Scient. e literarios. Vol. VIII, pag. 362.

Um dos factos mais sintomáticos e que maior celeuma levantou entre os académicos, dando origem a duas sessões da Conferência, vem provar a falta de competência da Oficina-Régia em matéria de litografia e estampagem ficando assim vingada a injustiça feita ao velho e hábil Lecocq. Foi o caso. O Professor Joaquim Raphael, uma das pessoas que adentro das portas da Academia maior prestígio adquiriu pelo seu procedimento honesto e valôr artístico declarado, precisou ilustrar uma sua obra, que durante muitos anos foi compêndio adoptado para estudantes de desenho. O meio de illustração foi a litografia e natural era que a oficina escolhida fôsse a da Academia. Joaquim Raphael procedeu diferentemente. Escolheu uma oficina particular para a execução do desenho e quando os seus colegas o increparam por tal facto, êle com um movimento franco em que não era excluída uma certa rudeza, declarou-lhes que a litografia da Casa, não satisfazia às exigências de perfeição e acabamento necessárias em obras de tal natureza.

Barafustaram os Académicos, foi chamado o Fiscal e propôs-se fazer um estudo para obviar a estes gravíssimos inconvenientes. Foi marcada uma sessão extraordinária para a quarta-feira seguinte e efectivamente no dia 13 de Janeiro de 1841 veio o Fiscal prestar contas do desleixo e incompetência provadas.

O Presidente justamente indignado exigiu que lhe fôsem prestados esclarecimentos e estritas contas pelo delegado da Academia, perguntando-lhe qual o motivo porque aquella Oficina não podia concorrer como as dos particulares na perfeição das obras, lamentando que *“muitas pessoas entendidas deixem de dar ali as suas encomendas”*.

O Fiscal defendeu-se, contestando a acusação, desculpando-se ao mesmo tempo com a forma arbitrária como eram admitidos os operários e com a falta de força necessária para coibir os abusos, expulsando da colectividade os maus elementos. Quanto á acusação de incompetência técnica não podia admiti-la, visto que muitos dos trabalhos saídos da Oficina os reputava dignos de figurar na exposição, concretizando a sua defeza com a apresentação de algumas estampas. Joaquim Rafael mostra-lhe as incorrecções que impendem sobre êsses trabalhos, mas o Fiscal retrucou-lhe attribuindo êsses defeitos aos próprios artistas desenhadores.

Não consta das actas a attitude que tomaram os demais membros da Conferência, mas não é difficil prever quais as dificuldades que se

suscitariam em tão melindroso caso, como era o do professor Joaquim Rafael, acusando a Academia de incompetência profissional, embora na pessoa de um seu delegado.

Em 1843 continuava a Oficina a funcionar na Rua Augusta, longe das vistas dos académicos e talvez devido, em parte, a êsse facto a falta de tacto industrial mantinha-se inalterável.

As reclamações sôbre a necessidade de mudar a oficina devido á falta de espaço continuavam, sem que uma resolução viesse pôr termo a êste estado de coisas, mas o mais curioso e para o que não encontrei uma explicação plausível é que as salas anexas iam sendo cedidas a diversas colectividades, para fins muito diferentes. Já falámos da Sociedade-Filomática, de carácter puramente literário e científico, que lá continuava instalada. Neste mesmo ano de 1843 vemos que por um officio da Secretaria de Estado dos Negócios do Reino era cedida outra parte da casa à Mesa Administrativa da Irmandade de N. S. da Rocha para aí fazer as suas sessões e no mesmo ano, por portaria daquele Ministério, teve aí lugar uma exposição do Manequim do Bacharel Amaral Frazão (1). Depois desta época, em data que não consegui precisar, a oficina passa para o Edifício da Academia, mas a sua vida industrial torna-se tão apagada que quasi se perde a sua memória, passando a ser apenas um auxiliar dos estudos da Aula de desenho.

Acabaram por onde deviam ter começado.

Além das razões indicadas pelo Fiscal outras se podem apontar como causas dessa decadência.

A simplicidade do sistema, aliada ao facto duma fácil ostentação de habilidade dos desenhadores levou esta arte a prosperar rápida-

(1) Era o Dr. Jacinto Luis do Amaral Frazão e Vasconcelos, formado em Medicina pela Universidade de Coimbra. Em 1843 publicou uma obra preconizando a efficácia da hygiene e dos exercícos gymnásticos como sistema preventivo para a conservação da saúde, abolindo em absoluto tôdas as formas therapeuticas como inuteis e até prejudiciaes. A novidade da doutrina chamou a atenção de todos os homens cultos, sendo apreciada e discutida com critérios muito opositos essa obra intitulada *Medicina sem Medicina*. O manequim de que aqui se fala era um interessante modelo anatómico desmontavel em cada uma das diversas peças do corpo humano. Tratam dêsse curioso invento denominado «Manequim de Anatomia Plástica» a *Revista Universal Lisbonense* e a *Gazeta dos Tribunaes* de 1847. Sôbre o Dr. Amaral Frazão publicou seu sobrinho, o meu illustre consócio Sr. Frazão de Vasconcellos, uma curiosa monografia que possuo devido à sua gentileza.

mente criando apaixonados cultores até entre as senhoras. Esta circunstância, sempre de ponderar no desenvolvimento de qualquer arte, obrigou à criação de inúmeras oficinas que se tornaram outras tantas concorrentes da Oficina-Régia. Melhor providas de material gráfico e remunerando mais generosamente os artistas litógrafos, a concorrência dos particulares fizera cair de todo aquêl estabelecimento onde a ninguém doía o prejuízo material, proveniente de uma incompetente administração.

A *Ilustração Popular* de 1870 publica uma lista das litografias existentes nesta época, na cidade de Lisboa a qual vem provar plenamente o desenvolvimento desta arte entre nós. Assim vemos aí indicadas entre outras as de:

Domingos Francisco Lopes, litógrafo da Casa Real, fundada em 20 de Janeiro de 1835, na Rua Nova dos Martires.

Litografia Progresso na Rua da Horta Seca n.º 12 a 18.

Carlos Maigne na T. de Estevão Galhardo n.º 8.

Lence & Viuva Canongia Rua Nova do Almada 94 com uma filial na R. Duque de Bragança n.º 6.

Antiga Casa Valentim Ziegler Rua Nova do Carmo n.º 45.

Imprensa Nacional.

Castro aos Paulistas etc.

Tôdas estas são bem conhecidas dos coleccionadores pelas subscrições que se veem nas estampas litográficas.

Outra causa de decadência foi a da fundação da aula de gravura de madeira tendo por mestre João Pedroso Gomes da Silva. Esta reviviscência da antiga xilogravura que nos séculos anteriores quási fôra esquecida em Portugal, rápidamente atingiu extraordinário incremento nos meios gráficos, atentas as facilidades de execução e daí a economia de impressão em pequenas tiragens, oposta ao excessivo preço do trabalho litográfico só compensador nas grandes quantidades.

Referi-me há pouco à simpatia por parte das senhoras à arte de Senefelder. Ao percorrer algumas colecções de estampas notei que muitas delas eram subscritas por senhoras e até, caso curioso, por pessoas de elevada condição social.

Ao acaso deixarei aqui anotadas algumas dessas produções que mãos femeninas com a delicadeza própria da sua fragilidade legaram como incitamento às suas descendentes de hoje. E' mais um tributo a prestar ao sentimento artístico da mulher portuguesa.

Começarei por uma magnífica estampa em fólho máximo da qual apenas conheço o exemplar na posse do Sr. Conde da Folgosa.

Representa S. Bartolomeu em busto, cabeça de perfil para a esquerda, corpo de frente. E' subscrito por D. Guilhermina Adelaide Brandão e Souza e tem a data de 15 de maio de 1845. Estampado em 7 de setembro de 1849 por A. J. Dias Monteiro, Estampador de S.S. A.A. O Principe Real e Infante D. Luiz e a indicação (que não percebo) «Consequencia do dia 10 de Fev.^o de 1848. (1)»

Outra estampa assinada por Florencia Candida Branco com as indicações «Lith. de Castro, Poço Novo n.^o 37 Lx.^a—1.^o Estudo lithographico feito no Collegio de N. S. do Monte do Carmo».

Do mesmo Colégio apparecem mais duas estampas assinadas por Levina Correia de Almeida, uma representando um pobre junto de um pôço, e a outra dois jovens tirando agua de um pôço.

De melhor execução que qualquer destas é uma litografia de cor rectissimo desenho representando a leitura de uma carta, assinada por «Maria Rofina de Souza Lixa, na lit. de M.^c Luiz da C.^{ta} R. N. dos Martires n.^{os} 12 e 14.

De igual merecimento é uma que representa uns caminheiros transportando os filhos, subscrita por Palmira do Resgate Dias, na lit. de A. S. Castro.

Sem querer alongar a enumeração das estampas basta nomear as seguintes senhoras tôdas indicadas como litógrafas nas subscrições dos seus trabalhos.

Adelaide Emilia Afonso
 Cecilia Maria de Jesus Branco
 Cecilia de Jesus Viana
 Ana Maria de Bono
 Anunciada M' da Conceição de Bono
 Amalia de Almeida
 Maria Adelaide da Silva Braga etc.

(1) O mesmo titular possui desta Senhora um belo album de desenhos com 20 folhas, e ricamente encadernado.

XV CONGRESSO INTERNACIONAL DE ANTROPOLOGIA E ARQUEOLOGIA PREHISTÓRICA

V SESSÃO DO INSTITUTO INTERNACIONAL DE ANTROPOLOGIA
(PARIS 1931) ⁽¹⁾

RELATÓRIO LIDO EM ASSEMBLEIA GERAL DE 28 DE JANEIRO DE 1932
PELO SOCIO EFECTIVO TITULAR

AFONSO DO PAÇO

I-GENERALIDADES

Quando o ano passado se realisou em Coimbra-Porto o XV Congresso Internacional de Antropologia e Arqueologia Prehistórica, comemorando o cinquentenário doutro do mesmo nome que em 1880 se celebrou em Lisboa e reatando a sequência destes congressos de tão notáveis tradições que a guerra interrompeu, propuzeram os arqueólogos franceses e os outros logo aceitaram, que aquela reunião tão brilhante não terminasse ali, mas que, havendo no ano seguinte em Paris a Exposição Colonial, uma terceira sessão tivesse então lugar na capital de França, prosseguimento das da Lusa Atenas e cidade Invicta.

Dando cumprimento a essas decisões ⁽²⁾ realizou-se este ano em Paris de 20 a 27 de Setembro uma sessão extraordinaria, continuação do XV Congresso Internacional de Antropologia e Arqueologia Prehistórica, e V Sessão do Instituto Internacional de Antropologia.

Foram as três reuniões bastante dissemelhantes. Enquanto que as de Coimbra e Porto decorreram no meio de grandes festas e da maior familiaridade, não o foi tanto assim este ano, porque sendo Paris uma cidade enorme, impossivel era manter-se o contacto das ribeiras do Mondego e Douro.

⁽¹⁾ Relato lido na Assembleia Geral de Estudos da Associação dos Arqueólogos Portugueses de 28 de Janeiro de 1932.

⁽²⁾ De 21 e 27 de Setembro de 1930.

Todavia tudo correu muito bem e o Sr. L. Marin, ilustre presidente do I. I. de Antropologia pode dar-se por satisfeito da obra realizada.

Teve lugar a sessão inaugural ás 3h. da tarde do dia 20 de Setembro, na sala dos congressos da "Cité" de Informações da Exposição Colonial. Presidiu o chefe de estado Sr. Doumer que foi muito vitoriado ao chegar ao recinto da Exposição, pois sendo domingo, a afluência de visitantes era muito grande nesse dia ao certamen de Vincennes. Assistiu ainda o Sr. Petsche, sub-secretário de estado das Belas-Artes que representava o governo, o Marechal Lyautey e muitas individualidades em destaque no meio político e científico francês.

O Sr. Presidente da República abriu a sessão falando em primeiro lugar o Sr. L. Marin que agradeceu a presença do chefe de Estado e representante do ministério, saudando Lyautey e as delegações de todos os países.

Depois foi dada a palavra aos delegados dos diferentes governos, tendo falado como enviado especial do nosso o professor da Universidade do Porto Sr. Dr. Mendes Correia que num brilhante discurso inalteceu o papel de Portugal no descobrimento de terras e raças desconhecidas, citando por exemplo a referência dos "Lusíadas" ao primeiro contacto dos nossos navegadores com os representantes da raça bochimane-hotentote. Agradeceu aos franceses a oportunidade que, com o Congresso e Exposição Colonial, se nos proporcionava de pôr em evidência o nosso papel civilizador. Exaltou a acção da França no progresso dos estudos antropológicos e estabeleceu uma aproximação entre os princípios orientadores das políticas coloniais de Portugal e França, pois os dois países não consideram os indígenas como servos, mas como colaboradores espontâneos e úteis da glória da metrópole. Embora admitindo necessariamente diferenças psicológicas e sociais entre eles e os cidadãos da mãe pátria, esforçam-se por os trazer tanto quanto possível ao nível e ao génio destes.

Escusado será dizer que este discurso do mui ilustre antropologista portuense calou fundo na alma da assistência sendo por todos muito aplaudido.

Depois da sessão inaugural houve uma assembleia geral dos congressistas para escolha dos presidentes de honra e efectivo do Congresso e presidentes e secretarios das secções. Foi nomeado presidente de honra, além do chefe de estado francês o nosso eminente professor Sr. Dr. J. Leite de Vasconcelos e presidente efectivo o profes-

sor da Universidade de Gênebra sr. E. Pittard. Teve ainda esta assembleia de decidir se no futuro, o Congresso Internacional de Antropologia e Arqueologia Prehistórica continuaria ou não anexo ao Instituto Internacional de Antropologia, sendo ela de parecer que *sim*.

A modo de parentesis cabe aqui dizer, que esta fusão não agrada aos arqueólogos germânicos, ingleses, alguns espanhóis e franceses que protestando contra ela, se reuniram em Berne em 28 de Maio deste ano (1), dando por caduco o Congresso Internacional de Antropologia e Arqueologia Prehistórica a quem, reconhecendo as mais gloriosas tradições, acharam não satisfazer ao desenvolvimento científico actual, e criaram em seu lugar o Congresso Internacional das Ciências Prehistóricas e Protohistóricas, que se reunirá pela primeira vez em Londres, no proximo ano de 1932, de 1 a 7 de Agosto. Apareceu portanto um novo Congresso Internacional, patrocinado pelos arqueólogos de maior renome da Europa central e ocidental, vigoroso e prometedor que certamente faria desaparecer a aliança votada em Amsterdam em 1927.

Porém, o voto acima referido da assembleia de 20 de Setembro, deu vida aquele velho Congresso, e o futuro dirá dos seus bons ou maus resultados. Como complemento desse voto reuniu em 25 do mesmo mês uma segunda assembleia geral para assentar na maior amplitude a dar-lhe e possível reforma dos estatutos do I. I. A.

*

O numero de congressistas deste ano não era nada inferior ao do ano passado. Faltando nomes consagrados como Verneau (doente), Matiegka, Svambera, Sergi, Rellini, Stolywho, Mme. Stolyhowa, Pe. Jalhay, Cabré, Perez de Barradas, Kleiweg de Zwaan, Conde de Pellati, Ballestra, Leite de Vasconcelos, Vaufrey, Van Loon, Virgílio Correia, Siret, Burkitt etc., outros apareceram de novo como, P^e. H. Breuil, P^e. Bouyssonie, Absolon, Van Gneep, Mme. Vicrey, Peyrony, Dharvent, Lenoir, Berger, Herig, P^e. Drioton, Conde du Mesnil du Buisson etc.

Todavia dos que faltaram muitos enviaram comunicações científicas.

(1) «L'Anthropologie» Tome XLI. Paris, Julho de 1931.

A representação portuguesa era diminuta: Além do professor Mendes Correia, havia o sr. Dr. Alvaro Souto director do Museu de Aveiro, sr. Almiro do Vale e o signatário destas linhas, e ainda algumas senhoras aderentes como a senhora de Mendes Correia, a sr.^a D. Maria de Lourdes Albuquerque, a sr.^a Dr.^a D. Maria João Lopes do Paço.

II — TRABALHOS

Funcionaram no Congresso 5 Secções, que reuniam da parte da manhã, pois a tarde era aproveitada para visitas a museus, Exposição Colonial e excursões.

- 1.^a SECÇÃO:— *Antropologia morfológica e funcional, Estudo das raças, Grupos sanguíneos*. Reuniu 4 vezes e foram-lhe presentes cerca de 47 trabalhos dos quais dois com projecções.
- 2.^a SECÇÃO:— *Phrehistória*. Foram-lhe presentes cerca de 60 comunicações, das quais 4 com projecções. Reuniu todos os dias.
- 3.^a SECÇÃO:— *Eugénica, Hereditariedade e Selecção*. Reuniu um dia e teve umas 6 comunicações.
- 4.^a SECÇÃO:— *Psico-sociologia e criminologia*. Reuniu 2 dias e teve uns 6 trabalhos.
- 5.^a SECÇÃO:— *Étnica Geral, Etnografia, Linguística, Etnografia religiosa*. Reuniu todos os dias e foram-lhe presentes uns 78 trabalhos, dos quais 6 com projecções.

A representação portuguesa fez-se com duas comunicações á 1.^a secção, cinco á 2.^a e duas á 5.^a.

Havendo apenas trabalhos da parte da manhã, começando umas vezes mais tarde que a hora fixada e demorando outras mais que o tempo regulamentar, quer pela sua extensão, quer pelas discussões levantadas, uma boa percentagem de comunicações da 2.^a e 5.^a secções não poderem sequer ser lidas.

Todas as reuniões tiveram lugar na Faculdade de Medicina, excepto a do primeiro dia de Prehistória, dedicada à Africa, que se realizou no Museu Permanente da Exposição Colonial.

Dentre as comunicações seja-me lícito dizer duas palavras das portuguesas, já que para Portugal escrevo, e um resumo de algumas estrangeiras.

1.ª SECÇÃO

M. BENOIT ET DR. KOSSOVITCH: — 1.º *Recherches anthropologiques sur les Berbères: Hoggar-Djerba-Maroc.* — 2.º *Recherches anthropologiques sur les Israélitas du Maroc.*

DR. KOSSOVITCH: — *Recherches anthropométriques sur les Arabes de Gabés (Tunisie).*

M. BENOIT ET DR. KOSSOVITCH: — *Recherches sérologiques sur les Berbères: Hoggar-Djerba-Maroc.*

O Instituto Internacional de Antropologia organisou uma expedição ao norte de Africa, afim de se fazerem estudos científicos para a Exposição Colonial e Congresso de Paris.

Eis um resumo alguns dos resultados das observações do Dr. Kossovitch e M. Benoit, em Djerba (Tunisia), em Hoggar e sobretudo nas tribus berberes de Marrocos (Rif, Djebala, região de Taza, de Fez e Alto Atlas) baseados sobre o índice bioquímico das raças, mostrando que estas são heterogêneas debaixo do ponto de vista craniológico.

Há entre os berberes muitas cabeças de judeus (semitas de grande narís).

As experiências mostram duma parte que as raças berberes são «povos intermediários entre a Asia e a Europa» com predominância do grupo bioquímico asiático e doutra parte que se libertam das populações de origem antiga. Elas mostram o que seria a mistura de raças na Asia Menor, nesse grande *foyer* de civilizações pré-israelitas de que os berberes de hoje constituem o resíduo isolado na Africa do Norte. A não ser que se queira ver na Africa, ponto que parece inadmissível, a origem das populações que se espalharam pela Asia Menor.

Das suas exposições se conclue que várias correntes migratórias vieram da Asia para a Africa em épocas diferentes, talvez no 3.º ou 2.º milenário

R. COTTEVIEILLE-GIRAUDET: — Êste distinto egiptólogo que em Coimbra se ocupou da semelhança dos peles vermelhas da América do Norte com o homem de Cro-Magnon, apresentou: 1.º *A propos de la classification des races*; 2.º *Les Peaux Rouges doli-*

chocéphales de l'Est Américain (caractères physiques; affinités palé-européennes).

PIERRE ABRAHAM: — Este distinto psicólogo apresentou: *La description des personages exotiques chez quelques écrivains français et anglais.*

M.^{me} STOLYWHOWA E K. STOLYWHO: — Estes dois polacos, que como disse não compareceram no congresso, não deixaram de enviar trabalhos seus, como: K. STOLYWHO: *L'hérédité de la taille chez les émigrés polonais à Paroná.*

M.^{me} STOLYWHOWA: — *Sur le thème de la sélection conjugale chez les émigrés polonais à Paroná.*

CORONEL A. CONSTANTIN: — apresentou: *L'urgence et l'utilité pratique d'une grande enquête internationale.*

EUGÈNE PITTARD: — *Contribution à l'étude anthropologique des populations du Soudan français (documents réunis par Ernest Chantre), e L'Europe anthropologique doit être tendue plus à l'Est et comprende du moins la Turquie et la Perse.*

BARROS E CUNHA: — *Sôbre o crâneo de um Soba quioco da região do Saurino (Luanda).*

LUIZ DE PINA: — 1.^o *La morphologie du crane portugais.* — 2.^o *Etude sur la morphologie du crane égyptien.*

2.^a SECÇÃO

M. REYGASSE: — Com aquela mestria que todos nós reconhecemos no distinto director do Museu do Bardo, em Alger, este notabilíssimo arqueólogo norte africano apresentou uma das mais importantes comunicações do Congresso. Sobre uma enorme carta paleolítica da África setentrional por ele desenhada, passou em revista e explicou todo o paleolítico norte africano. Exemplos expostos nas vitrines juntas serviam de complemento à magistral lição que compreendia:

1.^o — *Distribution géographique et caractéristique des diverses industries préhistoriques sahariennes.*

2.^o — *Découverte d'une station paléolithique dans le Mouydir (Tiguelguemine).*

3.^o — *Gravures et peintures inédites du Hoggar.*

4.^o — *Observations sur le paléolithique et le néolithique du Sahara Oriental (Fort Flatters).*

O P.^e H. Breuil que nesse dia presidiu á secção, fez curiosas observações acerca desta civilização sahariana e produtos similares egípcios ultimamente descobertos. O P.^e Koehler notou a diferença entre o paleolítico estudado por Reygasse e o marroquino.

P.^e H. KOEHLER: — *Note sur une industrie paléolithique á quartzites taillés de la region de Rabat-Maroc.* Com o seu hábito franciscano, sandálias e rosário pendente da cintura, o P.^e Koehler descreve-nos o material paleolítico encontrado em Rabat, perto da Residência, posto á descoberto pelas obras do campo de aviação. Quasi todo de quartzite, os seus instrumentos são de uma técnica bastante rudimentar, que não tem igual nas 18 estações exploradas na zona de Tanger, mas muito de semelhante aos que H. Breuil assinalou em Taivilla bem como em outras estações da província de Santander, e parecem marcar uma transição entre o chelense primitivo e o mustierense grosseiro que se encontra em toda a costa do Atlântico. Há entre eles instrumentos amigdaloides que conservam o cortex em toda uma face, assemelhando-se a sua técnica em muito á asturiense.

P.^e FAVRET: — *Les rites funeraires et la ceramique congolaise vus par um fouiller marnais.* Esta comunicação feita por um padre francês tem para nós portugueses uma grande importância, pois trata da nossa colónia de Angola, comparando a civilização negra dos tempos actuais com europeias de tempos idos.

O trabalho não é seu, diz o P.^e Favret, mas de um missionário do Espírito Santo, o P.^e Bossus, que viveu durante muito tempo naquela nossa província e morreu há alguns anos. No seu espólio científico encontrou disperso o assunto que vai tratar, tendo-se limitado a pô-lo em ordem. O P.^e Bossus, conhecedor profundo das necrópoles gaulezas marnianas, comparou os ritos funerários, a cerâmica e os cemitérios destes com os dos indígenas de Mayombes de há mais de trinta anos, época em que foram feitas as observações.

Descreve os cemitérios destes indígenas de Angola, sua situação, maneira de enterrar os mortos, ritos funerários usados. O negro coloca sobre a campa do seu chefe a cerâmica e loiça de luxo do defunto, que se quebra, para não a roubarem. Pergunta o auctor se a cerâmica que aparece partida nos cemitérios gaulezes não seria quebrada ritualmente. Refere-se ao luxo dos indígenas comprando

loijas, que não utilizam no seu uso, mas que apenas servirão para lhes ornamentar as sepulturas.

Compara a cerâmica dos pretos com a dos gaulezes, reconhecendo na destes últimos uma civilização mais adiantada, e acaba por estudar o seu fabrico e venda entre os indígenas do Congo português.

Êste estudo do P.^e Favret, depois de publicado no *Compt-Rendu* do Congresso, merece ser divulgado no nosso meio científico.

PEYRONY (PAI E FILHO): — 1.^o *La Micoque et ses diverses industries*. 2.^o *Le solutréen et magdalénien du Pech de la Boissière, près Sarlat (Dordogne)*. Dado o nome do seu relator, foi tambem esta umas das importantes teses do Congresso. Nela se passou em revista a Micoque, o solutrense e magdalenense de Pech de la Boissière, com as suas fases industriais, estratigrafia etc. Para esta última chamou Peyrony a atenção dos geólogos presentes, tendo-se travado viva e demorada discussão sôbre o assunto.

M.^{me} VICREY: — *Les dolmens nord-africains et la civilisation primitive de l'occident*. M.^{me} Marcelle Vicrey, que vive no norte de Africa há alguns anos apresenta-nos conclusões curiosas sôbre o problema complexo das origens do estilo dolmênico. Nas escavações a que se tem procedido diz terem-se encontrado esqueletos de raças muito diversas: egípcios das primeiras dinastias, tipos estranhos de características arianas. Estes tipos arianos, encontram-se nos mais belos monumentos emquanto que as sepulturas ordinárias não conteem senão líbicos. A'quela classe de eleitos, de dominadores estrangeiros, atribue a autora a introdução daquele estilo a que se chama occidental. Passa em revista as estações doménicas do norte de África cujos nomes lhe fazem às vezes lembrar as lendas que correm em tôda a parte onde se encontram estes monumentos. As mesmas leis de construções rituais observadas na Bretanha, Irlanda, Portugal etc. são applicadas ao norte de África. Filia estas num pensamento profundamente místico e religioso.

Reygasse que sôbre o assunto pediu a palavra expõe a sua ideia, de que seria a necessidade de proteger os mortos que levou os norte-africanos a construir os seus túmulos.

R. COTTEVIELLE GIRAUDET: — *«La préhistoire de l'Égypte»*. Êste

jovem arqueólogo era bem conhecedor do assunto da sua comunicação, pois há bastante tempo que vive nas margens do Nilo fazendo parte da missão francesa que procede a escavações nos restos das civilizações faraónicas.

NICOLAESCU-PLOPSE: — *Les cultures mésolithiques en Olténie*. O autor apresentou objectos pertencendo a duas novas culturas mesolithicas que descobriu na Olténia (Romania) e a que chamou provisoriamente «Plopsoreene» e «Cleanoveenne».

Podem encontrar-se analogias entre esta civilização e a ibero-mauritana de M. Reygasse e o chwalihogovicien (Polónia) de Koslowsky. Não foi porém intenção do Sr. Nicolaescu encadear esta cultura noutras semelhantes, mas apenas trazer com o seu estudo um raio de luz «ao caos nebuloso do mesolítico».

DHARVENT: — 1.º) *Pierres à représentation figurée du paléolithique*. 2.º) *Présentation d'une petite série d'armes et d'outils en silex de l'époque Robenhausienne, recuillis dans la forêt sousmarine de la Point-aux-Oies, à Wimereux*.

Foi uma das teses que mais viva discussão levantou, pois uma grande maioria dos prehistoriadores presentes negou-se a admitir que aquelas pedras que o sr. Dharvent mostra há algumas dezenas de anos a Congressos, representassem animais, cabeças humanas, peixes, aves etc. Nem os exemplares presentes nem as excelentes fotografias expostas conseguiram convencer a assembleia, destacando-se entre os mais cépticos Van Gneep. Acérrimos defensores havia porém, como o sr. A. Bertin que também apresentou uma comunicação sobre assunto semelhante.

A. BERTIN: — *Présentation de pierres figures provenant des galeries souterraines pour le Métropolitain, des ballastieres des environs de Paris et des dragages de la Seine*. Comunicação no género da de M. Dharvent, que não chegou a ser lida. O seu autor esplanouse sobre ela por ocasião da discussão da anterior, não tendo porém conseguido convencer a assistencia de que tais pedras representassem formas zoológicas.

CONDE DE BEGOUEN, F. BENOIT, LOUIS BEGOUEN: — *Fouilles dans les tumuli du Hoggar*.

M. ABSOLON: — *Représentations idéoplastiques anciennes et nou-*

velles de femmes du paleolithique moravien. (Interprétation ethnologique comparative avec démonstrations).

LOUIS BEGOUEN:— *Campagne de fouilles 1930-1931 dans la caverne des Trois-Frères (Ariège).*

P.^e BOUYSSONIE E M. DELSOL:— *La Corrèze préhistorique.*

UGO RELLINI:— *La questione dell'origine degli Italici secondo i risultati delle ultime ricerche.*

MELLE. KARPINSKA:— *Recherches sur les tombes du cimetière d'Inowroclaw (époque romaine).*

MENDES CORREIA:— *Les nouvelles fouilles à Muge.* Muge é hoje um dos locais mais discutidos da nossa arqueologia prehistórica. As escavações levadas a efeito com a maior mestria pelo Prof. Mendes Correia, acompanhado dos Drs. Santos Junior e R. de Serpa Pinto encheram de entusiasmo os congressistas que o ano passado nos visitaram.

O ilustre antropologista portuense levou a este Congresso o resultado das últimas escavações, que lhe revelaram o aparecimento de esqueletos humanos no Cabeço da Amoreira, até então julgado estéril. Este importante trabalho teve no final do congresso uma nova sessão com projeções que muito ilucidaram a brilhante exposição feita.

R. DE SERPA PINTO:— 1.^o) *Sur le «tumbien» de l'Angola.* 2.^o) *La préhistoire de l'Afrique portugaise.* Este notável prehistoriador portuense indicou no primeiro dos seus trabalhos algumas descobertas recentes e inéditas da cultura «tumbiense» em Angola, coligindo estudos dispersos e fazendo outros novos.

No segundo dá-nos uma síntese dos conhecimentos actuais sobre a prehistoria da Guiné, Angola e Moçambique acompanhada da respectiva bibliografia,

JOSÉ DE PINHO:— *Le grand échiquier dans l'art préhistorique portugais.* Considera o autor que a maior parte dos monumentos de arte rupestre português se encontram ao norte do país, rareando ao centro e faltando em absoluto ao sul do Sado donde conclue que os povos daquela faixa ocidental da Península eram diferentes ou de cultura diferente dos do sul. Estuda o quadrilátero, muito vulgar na nossa arte rupestre e admite-o como um ídolo ou sua representação simbólica. Refere-se ao grande xadrezado pintado, descoberto pelo sr. Dr. Aristides Girão na mamôa de Antelas, do neolítico final, que considera como um deus protector dos mortos ali depositados. Esta-

belece o parentesco entre as pinturas e gravuras rupestres e considera seu ponto de partida o neolítico final.

A. ALMIRO DO VALE:—*Vestiges préhistoriques de la station archéologique de Nandufe*. Em Nandufe, aldeia do concelho de Tondela, existe um «castro» e, procedendo-se á abertura de um poço, encontraram-se alguns instrumentos neolíticos. O Sr. Almiro do Vale, tendo feito escavações, achou também cerâmica romana, umas 24 moedas, todas de prata excepto uma que é de ouro, dos imperadores Nero, Cesar, Vitélius, Vespasiano, Trajano e Adriano. Em usos ainda hoje vulgares na região procura explicação para umas cavidades cilíndricas existentes nas rochas das margens da ribeira que circunda o «castro».

AFONSO DO PAÇO:—*Note sur les industries paléolithiques et mésolithiques de la province de Minho (Portugal)*. Afirmou-se ultimamente em França, que no Minho, era muito difícil fazer uma distinção entre os objectos paleolíticos e tipo asturiense ou ancorense. Mostrando objectos paleolíticos e ancorense de Carreço quis provar que tal afirmação não era verdadeira pelo menos naquela estação, estando absolutamente de acordo com a tese exposta, arqueólogos de valor como Absolon, Hernandez Pacheco, Peyrony, etc.

4.^a SECÇÃO

PIERRE ABRAHAM:—*La psycho-sociologie des personnages exotique chez quelques écrivains français et anglais*.

DR. PAPILLAUT:— 1.^o) *Comment une métropole peu devenir une colonie de peuplement*. 2.^o) *Psycho-sociologie des métis de Nègre et de Blanc*.

5.^a SECÇÃO

LOUIS MARIN:—Apresentou as seguintes comunicações. *Les études ethniques et leur application à la colonisation. L'unité des civilisations et l'unité des études et des méthodes ethniques. La famille occidentale et l'action éducative de son exemple sur la transformation des types de familles indigènes*.

NICOLAESCU PLOPSER:—*La trepanation dans la chirurgie Veterinaire populaire oltenienne*.

CONDE DE BEGOUEN: — *Modèles de tatouages des Iles Marquises.*
 MLL.^c HAMBURGER: — *La langue des hieroglyphes et les dialectes nilothiques modernes.*

FRANKOWSKY: — *Les types fondamentaux de la broderie, leur genèse et leur diffusion.*

MME. VICREY — *La couleur rouge chez certains peuples archaïques et les cultes solaires (essai d'identification et de chronologie), e Causes profondes des grandes «migrations humaines» du monde préhistorique.*

FERNANDA DE MATOS CUNHA: — *Aspects de la vie mentale des paysans de Barcelos:* Analisa a autora a mentalidade do camponês de Barcelos, estudando as suas crêças e superstições, a sua maneira de pensar e viver, longe da civilização que desconhecem, não deixando por isso de ser felizes.

JOSÉ COELHO: — *Contribution à l'étude du culte phalique au Portugal.* Disserta o autor sobre o culto fálico nos tempos préhistóricos e entre os egípcios, gregos, romanos etc. Estuda o mesmo culto em Portugal onde encontra vestígios nos amuletos fálicos, na arquitetura religiosa e civil da Idade Média, no culto da *Nossa Senhora do Coito*, do *Parto* e das *Prenhes*, nos *frades* que guardam as esquinas das casas e dos portões, nos *marcos* que separam as propriedades rústicas, nas cantigas licenciosas, etc.

*

* *

No sábado, 26 de Setembro, as comunicações tiveram quasi todas lugar no anfiteatro da Faculdade de Medicina e foram acompanhadas de projecções e filmes, versando na quasi totalidade assuntos da 2.^a e 5.^a secções.

Dentre as da 2.^a, devemos destacar um esplendido filme de:

M. ABSOLON: — *L'exploration scientifique de la station paleolithique à Vistonice (Morávia)*, dedicado à memoria do Dr. Capitain.

Vistonice é um vasto cemitério de mamuthes, em tal quantidade eles lá aparecem. Além dos trabalhos de escavação, mostrava o filme os de classificação feitos pelo professor Absolon num laboratório instalado ao pé do local das explorações, bem como a visita do Chefe do Estado Checo Eslovaco á estação.

MENDES CORREIA: — Apresentou diversas projecções das últimas

escavações feitas em Muge, principalmente no Cabeço da Amoreira, as quais foram pedidas pelo Conde du Mesnil du Buisson para ilustrar o seu curso de técnica de escavações arqueológicas na Escola do Louvre, facto que muito nos honra.

O Prof. Mendes Correia ainda apresentou outra comunicação ilustrada, *as inscrições de Alvão, Parada e Lerilla*, que muito interessaram a assistência, que sobre o assunto fez várias perguntas a aquele nosso antropologista.

GIOVANNI MARRO:—Tambem apresentou projecções de alguns paleolíticos da Somália, de rochedos com muitas gravuras prehistóricas de animais encontrados ultimamente em Val Camonica e da colecção pré-colombiana de Turim.

Devo fazer notar aqui, que a delegação italiana que em Coimbra-Porto foi notavel pelo número e comunicações científicas apresentadas sendo de salientar entre elas a do professor Sergi, do melhor do congresso, estava em Paris muitissimo reduzida, faltando Sergi, Rellini, Conde de Pelati, Battaglia, etc.

FRIEDRICH HERIG:—Engenheiro, encarou os silices paleolíticos duma maneira nova, a sua preensibilidade e gume cortante, comparativamente com objectos modernos, apresentando do todo gráficos e figuras que muito interessaram e ilucidaram a assistência.

Dentre as comunicações da 5.^a secção devemos destacar:

P.^o AUPIAIS:—Com um estudo muitissimo interessante e completo do cerimonialismo religioso e organização religiosa no Dahomey.

Este filme que agradaria a uma assistencia culta em qualquer cinema, fez-me desejar que nas nossas vastas colónias alguém começasse estudos etnográficos e filmasse, com todo o rigor, usos e costumes dos negros.

As barbas esbranquiçadas de missionário e os hábitos talares do P.^o Aupiais, bem como o seu esplendido trabalho, foram coroados com quentes salvas de palmas.

CONDE DU MESNIL DU BUISSON:—Mostrou instrumentos agrícolas da Síria e vida agrícola deste povo levantino.

M. G. BERGER:—Apresentou tambem uma excelente comunicação, com esplendidas fotografias, intitulada: *Le sens et l'évolution des symboles populaires chez les Yougoslaves*. Os trajes populares daqueles povos balcânicos e os seus hábitos foram aqui minuciosa e conscienciosamente estudados.

III — VISITAS A MUSEUS

Compreendia o programa do Congresso algumas visitas a museus. O primeiro que vimos foi o

MUSEU DE ETNOGRAFIA DO TROCADERO

que fica situado no palácio do mesmo nome, construído em 1878, para a exposição que então se realizou em Paris. Nele ficam situados, além do *Museu de Etnografia*, os de *Escultura Comparada* e da *Indo-China*.

Destes museus apenas visitamos o primeiro, onde fomos recebidos pelo seu director o sr. dr. Rivet e sub-director sr. H. Rivière, que foram duma gentileza captivante para todos os congressistas. Acompanharam-nos também na visita, fornecendo informações preciosas, Mlles. Bouteiller, Rivière e Oddon, jovens que trabalham no museu, algumas das quais recentemente formadas ou cursando estudos superiores na universidade de Paris.

Dos primeiros degraus da escadaria o dr. Rivet falou aos congressistas expondo os seus planos de reorganização, os seus milagres financeiros, o abandono em que o museu se encontrava antes da sua gerência.

O dr. Rivet é um homem simpático e empreendedor, que se propõe organizar aquelas coisas velhas e abandonadas em moldes absolutamente modernos. E' dum pouco mais de meia idade, e com ele só trabalha pessoal jovem capaz de dar vida aquele amontoado de coleções.

No patamar da escada e primeiro andar o que mais abundam são restos de civilizações americanas e moldes de peças das mesmas que não existem na Europa: cópia de estatuas do museu do México, um altar das Honduras, esculturas do Yucatan, estelas de Guatemala, cabanas de índios da Terra do Fôgo etc. Há mesmo a sala do México, pejada de bustos, pedras com inscrições, vasos ornamentais e funerários, objectos da idade da pedra, colecções etnográficas e arqueológicas da maioria dos países das Americas Central e Sul.

Mais adiante, há as galerias da Europa onde deparamos com um carro de bois, de animais apostos e uma pipa em cima, quasi em ta-

manho natural, dos usadas ao norte do nosso paiz. Outras coisas existem pelas paredes e em duas vitrines com o rótulo de Portugal continental, mas que afinal são da Madeira. Fiz esta observação a M.^{elle} Bouteiller, bacharela em filosofia e encarregada da etiquetagem, que me pediu para passar uma manhã pelo museu e dar algumas indicações, o que gostosamente fiz.

Tenho esperanças que a nossa representação no Trocadero, hoje diminuta, seja um dia coisa que nos não envergonhe.

Diferentes salas existem a seguir, com costumes de França, objectos de outros paizes europeus, preciosas coleções de Africa, da Asia e da Oceania. Uma galeria que ultimamente se envidraçou contém as novas coleções enviadas por diferente colónias francesas que são deveras interessantes, e estão dispostas já com o dedo de mestre do actual director.

Possue este museu um laboratório, para reparação, limpeza e desinfeção dos artigos recebidos, munido da aparelhagem necessária para o seu completo funcionamento.

Montada nos moldes modernos das mais perfeitas da America, há nma biblioteca, dirigida por M.^{elle} Odon, que para esse fim se especializou nos Estados Unidos. O seu metodo, a sua ordem, a sua facilidade de consulta, foram os encantos de todos os congressistas.

Claro que a arrumação actual do museu, não é nada do que está no plano do seu director, pois haverá salas da Europa, da Africa do Norte, da Africa Negra, da América, da Oceania, dos povos árticos, atelier de moldagem, carpintaria, armazem de receção, etc. (!).

Esplendidos escritórios e uma rede telefónica interior permitem aos empregados trabalhar comodamente e não andar a subir e descer escadas.

O Trocadero é um museu donde se sai com uma bela impressão, quer pela gentileza do seu pessoal quer pelo que promete ser em breve.

Claro que nem tudo isto é feito á custa do Estado. Nacionais e estrangeiros porfiam em donativos de dezenas de milhar de francos, para que tal obra chegue a bom termo.

(!) Dr. P. Rivet e G. H. Rivière, «La reorganisation du Musée de Ethnographie du Trocadero» — *Bulletin du Museum*, 2.^a Série, tomo II, n.^o 5—Paris, 1930.

Existindo entre nós o hábito de copiar tudo o que é de França, não haverá meio de infiltrar tal moda entre os nossos argentários?

A etiquetagem era coisa que quasi não existia antes de 1928, data da entrada do dr. Rivet. Trata-se hoje de remediar essa falta na medida do possivel e distribui-se a cada colecionador uma brochura sobre a maneira de proceder (1) e um modelo de ficha que, devidamente preenchida, é enviada ao museu com o objecto recolhido. Esta ficha é no Trocadero substituida por outra definitiva de bristol rígido, e devidamente arquivada. (2)

A França procura hoje com todo o afan, tanto na metrópole como nas colónias, reunir tudo o que possa interessar á etnografia, antes que a onda civilisadora dos tempos modernos destrua tudo por completo.

Eis outro exemplo curioso a seguirmos.

Do Trocadero seguimos a visitar o

MUSEU GUIMET

que foi fundado em Lyon em 1879 por Emile Guimet de volta de uma missão á Asia, para o estudo das religiões do Oriente, e trans-

(1) «Instructions sommaires pour les collecteurs d'objets ethnographiques» — Musée d'Ethnographie — Paris, 1931.

(2) Esta ficha foi organizada tendo em conta o melhor aperfeiçoamento dos museus europeus e americanos, e é pouco mais ou menos do modelo seguinte:

Em cima e á esquerda:
numero correspondentemente
ao registo do inventario.

- 1.º—Logar de origem.
- 2.º—Nome e denominação.
- 3.º—Descrição.
- 4.º—Notas complementares.
- 5.º—Indicações étnicas.
- 6.º—Por quem e quando foi o objecto colhido.
- 7.º—Condições de envio ao museu (a preencher pelo museu).
- 8.º—Referencias iconograficas.
- 9.º—Bibliografia.

No verso existe um desenho ou fotografia do objecto.

ferido para Paris em 1888 depois da doação que o seu fundador dele fizera ao Estado.

E' um museu de artes, religião e historia do Oriente. Está instalado num grande edificio e contem vastas salas peçadas de arqueologia Indo-Chinesa, arqueologia religiosa do Medio e Extremo-Oriente, arte dos povos orientais, religiões da India, do Tibet, da China, do Japão (Bramanismo, Budismo, Confucionismo, Taoismo, Lamaismo), mobiliário e pintura chinesa e japoneza, bronzes, loiças, joias, coleções de cetros de mandarins, de vasos de jade, etc., etc. uma biblioteca de 35.000 volumes com muitos manuscritos orientais, coisas do Egito antigo, a múmia de Thaís, objectos da epoca romana e bizantina, enfim uma enorme profusão de antiguidades tão notáveis, que seria fastidioso enumerar as mais importantes.

Este museu que está em reorganisação desde 1920 ainda não tem todas as suas salas perfeitamente arrumadas.

No sabado 26, proporcionou-se-nos um belo passeio, em boas caminhetas, oferecidas pelo Instituto Internacional de Antropologia. Foi a visita ao museu de

SAINT-GERMAIN-EN-LAYE

O *Museu de Antiguidades Nacionais*, nome porque tambem é conhecido, fica situado num histórico castelo, a 20 quilómetros de Paris, na margem esquerda do Sena.

Encerra objectos prehistóricos, célticos, galo-romanos, arte romana do império etc.

Começamos a visita pela capela, que fica á direita, onde se encontram túmulos, altares antigos e no tecto medalhões com as efigies do rei S. Luís e membros de sua família que segundo se crê são verdadeiras.

Entramos depois no museu propriamente dito onde vimos alguns exemplares de arte galo-romano e moldes de peças de renome.

Como Salomon Reinach, seu ilustre director, nos esperasse na sala n.º 1, passamos imediatamente ao 1.º andar, a-fim-de, sob a sua direcção visitar as salas n.º 1, 2 e 3 onde nos foi dado ouvir as suas preciosas explicações.

A primeira destas, tambem chamada da "pedra lascada" é notá-

vel sob o ponto de vista histórico, pois nela se assinou em 10 de Setembro de 1919 o tratado de paz entre a Áustria e as potências aliadas.

Contem valiosíssimas coleções paléolíticas com quantidades formidáveis de material de pedra e de osso.

A sala n.º 2 ou do neólítico, é importantíssima pelo material colecionado desta civilização, reprodução de menhirs, dolmens, etc. etc.

A sala n.º 3 contem principalmente a reprodução do «tumulus» de Gavr'inis.

Visitamos depois no 2.º andar a sala n.º 4 com restos de estações lacustres, a n.º 5 com objectos da idade do bronze, a n.º 6 com outros da 1.ª idade do ferro, a n.º 7 e 8 com restos da civilização gauleza, a n.º 9 com o túmulo dum chefe gaulez enterrado com as suas armas e sobre o seu carro de guerra, na n.º 11 e seguintes diversas coleções particulares legadas ao museu, entre elas a de Fréderique Morean. Nestas salas admiramos entre outras maravilhas a bela colecção de seixos pintados de Mas-d'Azil.

Tentei ver uma nossa joia pré-histórica que ali se encontra arrecadada, o torques ou colar de Portel, mas não me foi possível pelo adiantado da hora.

Terminada a visita passamos pela explanada do castelo em direcção pavilhão Henrique IV, ampla varanda sobre o Sena e Paris que se divisa ao longe, onde nos foi oferecida uma chavena de chá pelo I. I. A.

IV — RECEPÇÕES, EXCURSÕES, ETC.

Os congressistas em Paris não gostam de ter o tempo muito preso com festas e recepções oficiais, razão porque poucas há, diz-me o psicólogo Pierre Abraham.

Todavia, algumas houve, devendo entre elas destacar a do «Hotel de Ville», construído no local do outro que a Comuna de 1871 incendiou. O edifício da Municipalidade de Paris, em estilo renascença, é interiormente um rico museu, pois todas as suas paredes e tetos se encontram ornamentados com pinturas. Dentre as salas destacam-se a de festas, a das Cariátides, a de jantar, a das ciências, e das letras, a das artes, a das sessões, etc. Além das pinturas possui ainda ricos gobelins, esculturas, vasos, bronzes...

Em frente do microfone o sr. F. Latour, presidente do Conselho

Municipal deu as boas vindas aos congressistas em nome da cidade de Paris. Igualmente foi radio-difundido o discurso do Prefeito do Sena sr. E. Renard que se associou ao sr. Latour, tendo agradecido em nome dos congressistas o presidente sr. E. Pittard. Depois da assinatura do Livro de Ouro foi oferecido a todos os presentes um «lunch», seguindo-se a visita do palácio.

No recinto da Exposição colonial, em diferentes pavilhões de colónias francesas e de outras nações foram oferecidos aos congressistas produtos indígenas, brochuras etc. e na tarde de 23 de Setembro o «Comité d'accueil» ofereceu uma taça de champanhe, tendo dado as boas vidas num brilhante discurso o sr. Conde de Vogué, seu presidente.

De todas as recepções porém, a mais simpática para nós foi sem dúvida a que se realizou no nosso Pavilhão de Honra, a 24 de Setembro, onde fomos recebidos pelo delegado português sr. capitão Jacome de Castro que, com os outros nossos compatriotas que o acompanhavam foram todos duma gentileza inexecedível, o que fez avivar aos congressistas que o ano passado nos visitaram, a saudade dos inolvidáveis dias do congresso de Coimbra-Porto.

O «Ferreirinha» (D. Antonia) que correu a jorros e o café das nossas colónias, mereceram a todos as mais altas considerações de apreço.

* * *

Como excursões houve uma a Epernay, no Marne, onde se visitaram as grutas prehistóricas e cemitérios gauleses da região, brilhantemente organizada pelo P.^e Favret director do museu local e ilustre congressista. Ocupou todo o dia 24 de Setembro pois partiu-se de Paris ás 6^h,55 e a chegada realizou-se ás 20^h,55.

Em Epernay houve recepção na Camara Municipal, visita ao museu, visita ás caves de champanhe «Moët et Chandon» que expdem anualmente cerca de 25 milhões de garrafas, e onde foi oferecido vinho. Seguiu-se um almoço oferecido pelo Sindicato de Iniciativa e um passeio em caminhetas até Villevenard. Aqui se dividiram os congressistas em 2 grupos, visitando alternadamente as colecções Rolland e as grutas neolíticas de Coizard, em numero apróximado de 50, pertencentes ao Estado. Descobertas por Baye há uns 60 anos, duas delas são notáveis pelas suas esculturas principalmente de repre

sentações humanas e foram abertas excepcionalmente para os congressistas.

Visitaram depois a necrópole de Faguières, dos primeiros tempos do Marneano, violada pelos galo-romanos, e onde poucos túmulos restam ainda intactos. Alguns deles foram abertos diante dos congressistas.

* * *

Como festas foram interessantes a "*soirée* indo-chinesa" e a "*soirée* africana" que se realizaram na sala de festas do Palácio de informações da Exposição Colonial e para que foram convidados os congressistas.

A primeira compreendia teatro anamita, dansas do Cambodja e de Laos, bem como música anamita.

A segunda, batuques e dansas de pretos, músicas argelinas, cantos e dansas malgaches, entremeadas com números de canto e baile por artistas dos teatros de Paris, tendo todos eles agradado muito.

* * *

Para encerramento do congresso, houve um almoço, oferecido pelo I. I. A. no restaurante *Rambala*, situado no recinto da Exposição. Decorreu ele no meio da maior animação, tendo no final o professor Pittard que presidia, recordado com saudade os "dias luminosos" de Portugal.

Depois os "canaques", povos selvagens da Nova Caledónia, em trajes regionais, executaram algumas danças guerreiras, que pela sua ferocidade a todos inspiraram o maior respeito, para não dizer pavor.

No final todos se despediram até Varsóvia, pois ficou resolvido que o novo congresso se realise na capital da Polónia em 1933, tendo sido feito já para isso um convite, pelo governo daquela nação.

Antes de terminar estas linhas seja-me lícito render homenagem ao trabalho das ilustres secretárias do sr. Louis Marin e do I. I. A., especialmente a M.^{elle} Fernande Hartmann, ilustre secretária da "Sociedade de Etnografia de Paris" e bacharela em Letras pela universidade da mesma cidade, incansáveis em prestar todos os esclarecimentos e facilidades aos congressistas.

Lisboa, Outubro de 1931

CATÁLOGO DA EXPOSIÇÃO BÍBLIO-ICONOGRÁFICA ANTONIANA

REALIZADA PELA
ASSOCIAÇÃO DOS ARQUEÓLOGOS PORTUGUESES EM 1931

RELATÓRIO

Na assembleia geral da Associação dos Arquelógos Portugueses, realizada em 29 de Janeiro de 1931, propôs o socio titular sr. Dr. Oliveira Guimarães que, na associação, se celebrasse condignamente o 7.º centenario da morte de Santo António.

Tendo sido esta proposta unanimemente aprovada, assentou-se em que o assunto fôsse submetido ao Conselho Administrativo, que nomeou a comissão organizadora das homenagens antonianas.

Ficou assim composta, segundo a comunicação feita pelo sr. Dr. Laranjo Coelho, na sessão da assembleia geral de 12 de Março: srs. coronel Henrique de Campos Ferreira Lima, presidente, Dr. Luiz de Alarcão de Oliveira Guimarães e P.º Francisco Rodrigues, vogaes e Conde de São Payo, secretario. Foram depois agregados a esta comissão os srs. Augusto Cardoso Pinto e Gastão de Melo e Matos.

Como a comissão não teve interferencia na organização da sessão solene, efetuada no dia 13 de Junho, em que foram oradores os srs. Conde de Vila Flor e Dr. Luiz de Oliveira Guimarães, apenas nos occuparmos, aqui, da exposição biblio-iconográfica antoniana, cuja realização constituiu assim o seu unico objectivo.

Com o fim de obter os objectos e espécies, sem os quais essa exposição se não poderia levar a efeito, dirigiu a todos os sócios a seguinte circular:

ASSOCIAÇÃO DOS ARQUEÓLOGOS PORTUGUESES

Edifício histórico do Carmo — Lisboa

Ex.^{mo} Sr.

Tendo resolvido a Associação dos Arqueólogos Portugueses associar-se à comemoração do 7.^o centenário da morte do insigne português Santo Antonio, realizando uma exposição bibliográfica e iconográfica, com a colaboração dos seus sócios, vem solicitar de V. Ex.^a o empréstimo das espécies que possúa e que possam figurar na mesma exposição, como manuscritos, livros, estampas, medalhas, imagens, etc. Para que a comissão nomeada pela assembleia geral, fique habilitada a saber com antecedência, o número de objectos com que póde contar, afim de poder organizar a respectiva instalação, pede tambem que estes objectos sejam entregues, ao empregado do museu, com uma relação em duplicado, numa das quais se passará o recibo, até ao fim do corrente mez impreterivelmente.

Desde já agradece a V. Exa. a sua valiosa colaboração.

Edifício Histórico do Carmo, 18 de Maio de 1931

O Presidente da Comissão

Henrique de Campos Ferreira Lima

Em virtude desta circular e das notícias insertas nos jornais, nas quais se alargou o empréstimo a pessoas estranhas à associação, conseguiu a comissão reunir um avultado número de objectos e espécies que lhe permitiram organizar a projectada exposição.

Como se verá pelo catálogo sucinto que dela elaboramos, procurámos reunir metódicamente os elementos que a constituíram em grupos ou secções distintas, facilitando assim aos visitantes o exame da exposição.

À exposição foi inaugurada no dia 13 de Junho.

Dos três principais jornais, publicados no dia seguinte, recortamos as notícias vindas à cerca desta inauguração.

Eis o que se lia no *Diário de Notícias*:

A exposição icono-bibliográfica no Museu do Carmo

«Conforme estava anunciado, foi solenemente inaugurada ontem, ás 16 horas, a exposição icono-bibliográfica Antoniana, promovida pela Associação dos Arqueólogos, e levada a efeito por uma comissão de socios, a que preside o sr. coronel Ferreira Lima, e a que pertencem os srs. Melo de Matos e Cardoso Pinto.

A exposição occupa a antiga e vasta capela-mor da igreja, actualmente sala das sessões da referida colectividade científica. Tem um bellissimo aspecto, vista em conjunto. Dão-lhe um cunho interessante oito grandes pendões de seda, bordados a ouro e artisticamente pintados, feitos em 1895 por ocasião do centenario do nascimento de Santo Antonio.

Em vitrinas e molduras vêem-se centenas de gravuras, antigas e modernas, representando o Taumaturgo. Algumas têm grande valor artistico e muita raridade. Estão nesse caso as expostas pelo sr. dr. Xavier da Costa, da autoria de Vieira Lusitano: o Santo Antonio do pinheiro, em 3 tiragens diferentes; e as das collecções dos srs. coronel Ferreira de Lima, Afonso de Dornelas, marquês de Faria, conde de Sucena, Matos Sequeira, etc.

Entre as coisas modernas, admira-se uma formosissima escultura de Costa Mota Sobrinho.

Tambem o prof. Guido Vitaletti expõe uma curiosa collecção bibliografica de Santo Antonio em Italia.

E' justo dizer que, não sendo vasta a exposição, nem se agrupando nela quanto ha de bom e belo por tantas e tantas collecções particulares do país, sem falar já de bibliotecas, museus, etc., merece uma visita demorada e que sempre será agradável a quem a fizer. E porque essa exposição é na sua maioria de objectos pertencentes a socios da Associação dos Arqueólogos, tem ainda essa nota simpatica a recomendá-la.

A's 16 horas, chegou ao museu do Carmo o sr. ministro da Instrução, acompanhado pelos seus secretarios. Aguardavam-no á porta do edificio, o presidente da referida Associação, sr. dr. Laranjo Coelho, os membros da comissão organizadora acima citados, e os srs. marquês de Faria, condes de S. Paio, Bonfim e de Tovar, visconde de Santarem, Afonso de Dornelas, dr. Xavier da Costa, Frazão de Vasconcelos, dr. Vasco Valente, Pina Cabral, etc.

Pouco depois chegavam tambem á exposição S. Eminencia o sr. Cardinal Patriarca e o Nuncio de S. Santidade, igualmente recebidos e cumprimentados por todos os socios presentes.

Depois de todas estas altas personalidades haverem percorrido a exposição, foi esta patente ao publico, e muito visitada.

Continurá aberta por toda esta semana.»

O jornal *A Voz* dedicou-lhes estas palavras :

«Nas ala das sessões da Associação dos Arqueologos, tambem o centenario da morte de Santo Antonio foi ontem condignamente comemorado. Para esta solenização, a vetusta sala vestiu galas das mais adequadas. Pendões, que são preciosas reliquias, com varios passos da vida do Santo. Pelas paredes e nos mostruarios, quadros, livros, relicarios — muitas e valiosas especies duma bem organizada exposição biblio-iconografica, da vida do glorioso Santo Português.

Esta exposição, valiosa sob todos os aspectos e digna de ser visitada, inaugurou-se solenemente, ontem de tarde, e deram-lhe a honra da sua visita Sua Eminencia o sr. Cardial Patriarca, Sua Ex.^a Rev.^{ma} o Nuncio de Sua Santidade e o Ilustre titular da pasta da Instrução.»

No jornal *O Século* veiu esta notícia :

Exposição Bibliografica Antoniana no Museu Arqueologico

«Foi inaugurada, ontem, no Museu Arqueologico do Carmo, a Exposição Bibliografica e Iconografica Antoniana, que reune algumas especies curiosas.

Ao acto inaugural concorreram, entre outras individualidades convidadas, os srs. ministro da Instrução Publica, Nuncio Apostólico e Cardial Patriarca de Lisboa.

A exposição, abundante em especies bibliograficas, é pobre em iconografia e nenhuma das suas seções corresponde á gloria e renome do Santo nem á extensão do seu culto em Portugal.

A colecção de livros, folhetos e descriçionarios consagrados a Santo Antonio ou que á sua vida e feitos se referem, não contem nenhuma valiosa raridade ou documento precioso; de mais notavel apontamos o volume do «Portugaliae Monumenta», que reproduz a vida do grande franciscano ; os «Sermões» do Santo, editados em Italia, os livros dos vencimentos do antigo Regimento n.º 2 de Lagos, nos quais Santo Antonio figura com os postos de alferes e capitão, abertos nas paginas em que consta o registo do soldo do Santo, quinze mil réis.

As outras especies expostas : imagens, medalhas, quadros, gravuras, estampas, selos, etc., não oferecem interesse de maior. Anotámos apenas, a maqueta de uma estatua de Santo Antonio, do mestre Costa Mota, de barmoniosas linhas; um quadro a oleo, de José Campas, figurando certa capela rustica, consagrada ao Santo ; uma gravura de Vieira Lusitano ; outra de Bartolozzi, de boa factura, e um reliquiario, com uma reliquia autentica de Santo Antonio.

Vêem-se, tambem, na exposição, os pendões que figuraram no cortejo do setimo centenario do nascimento do Santo.»

As palavras, contidas na local anterior, em que se não reconheciam os esforços empregados pela comissão na organização da referida exposição, deram lugar à seguinte carta, dirigida pelo presidente

da Comissão ao director do mencionado jornal, na qual se frisa, com precisão, o intento da nossa associação:

A exposição biblio-Iconográfica

«*Meu caro amigo.* — Como presidente da comissão organizadora da exposição biblio-icongrafica antoniana, efectuada no Museo Archeologico do Carmo, sede da Associação dos Archeologos Portugueses, permita-me que, a proposito da noticia, dada no *Seculo*, de 14 do corrente, acêrca da sua inauguração, venha dar alguns esclarecimentos. Em primeito lugar, devo dizer que a comissão não teve a pretensão de realizar uma exposição em que figurassem apenas obras de arte ou livros raros. Essa missão, no que respeita á primeira parte, pertencia á comprovada competencia do sr. dr. José de Figueiredo, illustre director do Museu de Arte Antiga, que, por ter a sua atenção absorvida na organização da valiosa exposição cultural portuguesa em Paris, não pôde efectivar a, aliás, anunciada exposição de obras artisticas relativas a Santo Antonio. Quanto á segunda parte, poderia ela ser realizada pela Bibliotheca Nacional de Lisboa, que, já em 1895, por ocasião do 7.º centenario do nascimento do grande Santo, efectuara uma notavel exposição bibliografica de que publicou o respectivo catálogo.

A' Associação dos Archeologos Portugueses faltavam os meios que aquelas duas entidades têm ao seu alcance e por isso, como em identicas exposições que tem realizado, com o maior exito, limitou-se a, por intermedio da comissão nomeada, obter, dos seus socios e de pessoas estranhas ao seu gremio, objectos e especies dos mais variados generos e de maior ou menor valor relativo.

Conseguiu assim reunir, mercê dos seus dedicados colaboradores, na opinião das numerosas pessoas que têm visitado a exposição, uma serie de documentos interessantes, que nos comprovam, á evidencia, quanto é querida e venerada a figura desse grande Santo, desse grande português, gloria de Portugal e de todo o orbe catolico.

Ali figuram, na abundante secção bibliografica, pequena, em todo o caso, para o muito que existe, algumas especies, raras como : a «Cronica da ordem dos frades menores do serafico padre S. Francisco», por Fr. Marcos de Lisboa, Lisboa 1562-1566, de cuja 1.ª parte (2.ª edição), agora exposta, apenas se conhecem dois exemplares : «Primera parte de la chronica general de N. Seraphico P. S. Francisco», por Fr. Luis de Rebolledo, Sevilha 1598; quatro sermões do P. Antonio Vieira, em rarissimas edições avulsas; três belas edições italianas da biografia feita pelo P.º Manuel de Azevedo; os sermões de Santo Antonio, na edição de Paris de 1521; a importante serie de relações das exequias régias que tiveram lugar na igreja de Santo Antonio dos Portugueses em Roma e a curiosa serie teatral.

Na parte iconografica, composta de curiosidades das mais diversas qualidades, temos ainda assim que admirar, além da escultura de Costa Mota e do quadro do sr. José Campas; não uma mas cinco rarissimas gravuras a agua forte, de Vieira Lusitano; um desenho a sanguinea deste mesmo artista, uma gravura de Bartolozzi; uma gravura de Domingos José da Silva, segundo um desenho do pintor Pedro Ale-

xandrino ; outra de Aguiar, segundo um desenho de Sequeira ; algumas apreciáveis pinturas sobre chapa de cobre, uma das quais se pode attribuir a Pedro Alexandrino; uma preciosa escultura em pedra, talvez do seculo XIV ; uma interessante imagem em barro, saída das mãos de Rafael Bordalo Pinheiro, e um curioso relicario. Os dez pendões que nela se ostentam, executados em Antuerpia, tambem se impõem pela beleza das suas pinturas.

Os oito livros de vencimentos do regimento de Infantaria n.º 2 (Lagos), pertencentes ao Arquivo Histórico Militar, em que aparece Santo Antonio como alferes e capitão, com o soldo de 15 mil reis, e todas as outras especies relativas á carreira militar de Santo Antonio, são documentos pelos quais o publico muito se tem interessado.

Com estes ligeiros esclarecimentos creio que ficará bem definida a intenção da Associação dos Arqueologos Portugueses ao organizar esta exposição, que, apesar de ser constituída, repito, com as especies obtidas pela amavel sessão dos seus socios e amigos, apresenta objectos interessantes e dignos de serem admirados pelo publico inteligente e culto, que, decerto, reconhecerá os esforços empregados pela comissão neste certame.

Desculpe-me, meu caro amigo e prezado consocio, o ter-lhe assim roubado um pedaço do seu jornal. Com a maior consideração, me subscrevo — De V. etc., *Henrique de Campos Ferreira Lima*, coronel de Artelharia».

A exposição esteve aberta desde o dia da sua inauguração até ao dia 30 de Junho e foi visitada, durante esse curto período, por mais de quinhentas pessoas, das quais duzentas no dia 14 de Junho.

A comissão julga ter cumprido o mandato que lhe foi confiado, tendo conseguido realizar a exposição e, por último, elaborado o respectivo catálogo, que, apesar de resumido, ficará para atestar, no futuro, que a Associação dos Arqueólogos Portugueses não deixou de prestar o seu concurso nas homenagens realizadas em memoria de um dos portugueses mais notáveis da nossa história.

Finalmente a comissão agradece a todos os sócios e pessoas estranhas à comissão a sua valiosa colaboração, sem a qual impossível teria sido a organização desta modesta, mas curiosa e interessante exposição.

A Comissão :

Henrique de Campos Ferreira Lima
Luiz de Alarcão Oliveira Guimarães
P.º Francisco Rodrigues
Conde de São Payo
Augusto Cardoso Pinto
Gastão de Melo e Matos

CATÁLOGO

I — ICONOGRAFIA

a) ESCULTURA

- 1—*Imagem lavrada em pedra lioz*, escultura popular de caracter ingenuo. Talvez do seculo XIV.

Exp. Gustavo de Matos Sequeira.

- 2—*Imagem em barro feita por Rafael Bordalo Pinheiro em 1904 e cozida apos a sua morte.*

Foi a ultima obra do artista. Está datada e assinada na parte posterior da base.

E' esta a historia da imagem : a poetisa D. Zulmira Falcarreira (Azul) tendo perdido um brilhante, fez promessa a S.^{to} Antonio de lhe mandar fazer uma imagem por Bordalo Pinheiro se a pedra apparecesse. O brilhante appareceu pouco depois e a promessa cumpriu-se. S.^{to} Antonio pousa o pé esquerdo sobre o *diamante*, relembrando o milagre e a promessa.

Exp. Alvaro Franco Teixeira.

- 3—*Imagem (maquete) em gesso*, do escultor Costa Mota.

Exp. : Madame Costa Mota.

- 4—*Imagem em barro vermelho*, do escultor Elias.

Exp. : Dr. Xavier da Costa.

- 5—*Imagem em barro branco*, tendo na parte inferior da base as letras A. C., fabrica manual das Caldas da Rainha. Alt. 0,^m09.

Exp. : Antonio Cesar Mena Junior.

- 6—*Imagem em barro*, com resplendores em prata.

Exp. : Luciano Ribeiro.

- 7—*Imagem em madeira*, com resplendores de prata.

Exp. : Alvaro Valença.

- 8—*Imagem em madeira*, com dois resplendores e cruz em prata.

Exp. : D. Maria Ermelinda Pessoa de Sant'Ana.

- 9—*Imagem em barro*. Altura 0,^m24. Resplendor, coroa e cruz de prata. Seculo XVIII.

Exp. : D. Sofia Mac-Bride.

- 10—*Imagem em madeira*.

Exp. : Gastão de Melo e Mafos.

- 11—*Imagem em barro*, com manto de setim castanho bordado a oiro e prata e o menino vestido de seda branca e amarela. Resplendores de prata. Altura 0,^m35.
Exp. : D. Sofia Mac-Bride.
- 12—*Imagem em barro*. Dois resplendores de prata e cruz em prata dourada com pedras.
Exp. : D. Maria Ermelinda Pessoa de Sant'Ana.
- 12-a—*Imagem em madeira* pintada a oleo, com resplendores de chumbo, escultura muito tosca.
Exp. : Antonio Assis de Brito.
- 13—*Imagem de madeira e marfim*, com resplendores, em prata dourada (o santo) e em prata (o menino) trabalho indiano.
Exp. : D. Maria Luiza Correia Mendes.
- 14—*Imagem em madeira*, escultura do seculo XVIII, em resplendor, corôa e cruz de prata.
Exp. : D. Adelaide de Matos Sequeira.
- 15—*Imagem em barro*, com o menino e respectiva peanha com madeira. Altura total 0,^m35.
Exp. : José Campas.
- 16—*Imagem em barro*.
Exp. : Dr. João Luiz da Fonseca.
- 17—*Imagem em barro*, muito tosca.
Exp. : D. Maria Ermelinda Pessoa de Sant'Ana.
- 18—*Imagem em madeira*, com o menino de pé sobre o livro. Altura 0,^m30. Corôa, resplendor e cruz de prata. Seculo XVIII.
Exp. : D. Sofia Mac-Bride.
- 19—*Imagem em madeira e marfim*.
Exp. : Augusto Cardoso Pinto.
- 20—*Imagem em chumbo*.
Exp. : D. Maria Ermelinda Pessoa de Sant'Ana.
- 21—*Imagem em aluminio*, dentro duma pequena caixa.
Exp. : D. Maria Ermelinda Pereira de Sant'Ana.
- 22—*Imagem em cobre*.
Exp. : Ramiro Rosa.
- 23—*Imagem em metal*, sobre peanha tambem de metal. Proveniencia italiana (Padua). Seculo XX.
Exp. : Dr. Laranjo Coelho.
- 24—*Imagem, de pequenas dimensões, de madeira e marfim*.
Exp. : D. Maria da Penha de Sousa Coutinho (Balsemão).
- 25—*Placa, em relevo*, de barro colorido.
Exp. : D. Laura Amelia de Matos e Silva.

- 26—*Medalhão em faiança.*
Exp. : José Artur Barcia.
- 27—*Grupo em barro, escultura popular,* representando o santo junto de uma fonte e duas mulheres, uma de pé e outra de joelhos, proximo duma bilha quebrada.
Exp. : Antonio Assis de Brito.
- 28—*Relicario formado por um grupo de anjos e o santo de joelhos,* tudo em barro, segurando um daqueles uma pequena custodia, onde se mostra uma pequena reliquia de Santo Antonio, autenticada por um documento manuscrito datado de 1820, que, na exposição, figurou emoldurado junto da maquina, onde se observava o mesmo relicario.
Exp. : Conde de Bobone.

b) PINTURA, AGUARELA, ETC.

- 29—*Quadro pintado em cobre, com moldura de pau santo.*
Exp. : Antonio Machado de Faria.
- 30—*Iluminura sobre pergaminho.*
Exp. : Alberto de Sousa.
- 31—*Esboço a tinta da China.*
Exp. : Alberto de Sousa.
- 32—*Quadro pintado em vidro.* Do principio do seculo XIX.
Exp. : Dr. Carlos Santos.
- 33—*Quadro a oleo,* representando um dos milagres do santo (a burrinha ajoelhando deante da custodia).
Exp. : Dr. Carlos Santos.
- 34—*Quadro em tela* (adoração á Virgem e Anjos).
Exp. : Tomás de Melo (Tom).
- 35—*Quadro em madeira* (adoração á Virgem e Anjos).
Exp. : Tomás de Melo (Tom).
- 36—*Quadro em cobre* (adoração e anjos).
Exp. : Tomás de Melo (Tom).
- 37—*Quadro em folha de Flandres* (adoração e anjos).
Exp. : Tomás de Melo (Tom).
- 38—*Relicario de rica e artistica obra de talha dourada* formando um triptico: á esquerda S. Francisco ou S. Bruno; ao centro pequeno medalhão em barro e á direita Santo Antonio.
Exp. : José Campas.
- 39—*Pintura a oleo sobre metal, oval.*
Exp. : Dr. João Luiz da Fonseca.

- 40—*Pintura em folha*, oval, pequena.
Exp.: Antonio Cesar Mena Junior.
- 41—*Quadro pintado em madeira*.
Exp.: Coronel João Cardoso Junior.
- 42—*Quadro a oleo sobre madeira*.
Exp.: Julio Eduardo dos Santos.
- 43—*Aguarela de Jorge Colaço*.
Exp.: Julio Eduardo dos Santos.

c) GRAVURA, ZINCOGRAVURA E LITOGRAFIA

- 44—*Gravura encaixilhada em vidro e com flores de papel*.
Exp.: D. Maria Ermelinda Pessoa de Sant'Ana.
- 45-51—*Sete registos de Santo Antonio*.
Exp.: D. Maria Ermelinda Pessoa de Sant'Ana.
- 52-56—*Cinco registos de Santo Antonio*, sendo um deles em pergaminho e outro gravado por O. Cor.
Exp.: Dr. Eduardo Neves.
- 57—*Gravura colorida*, de Sempere, emoldurada.
Exp.: D. Sofia Mac-Bride.
- 58—*Zincogravura* de S. Antonio, espanhola.
Exp.: Coronel João Cardoso Junior.
- 59-77—*Dezanove registos de Santo Antonio*, sendo um gravado por Debrie.
Exp.: José Artur Barcia.
- 78-89—*Vinte e dois registos de Santo Antonio*.
Exp.: Dr. Carlos Santos.
- 90-97—*Oito registos de Santo Antonio*.
Exp.: Gastão de Melo e Matos.
- 98-99—*Dois registos de Santo Antonio*.
Exp.: Afonso de Dornelas
- 100-163—*Registos (64)*, sendo um datado de 1794, outro gravado por Quinto e outro por Francisco José Ribeiro.
Exp.: Coronel Ferreira Lima.
- 164—*Registo*, reprodução zincografica, duma gravura de Domingos José da Silva, desenho de Botelho.
Exp.: Antonio Cesar Mena Junior.
- 165-173—*Nove registos de Santo Antonio*, sendo um gravado por Le Bouteux.
Exp.: Antonio Cesar Mena Junior.

- 174-176—*Três registos*, sendo um gravado por Francisco José Ribeiro.
Exp.: Frazão de Vasconcelos.
- 177—*Registo* (pequeno), com moldura em vidro.
Exp.: Antonio Cesar Mena Junior.
- 178—*Registo de papel*, vestido de seda.
Exp.: Ramiro Rosa.
- 179-180—*Registos* (dois) pequenos de Santo Antonio (de cirios).
Exp.: D. Maria Ermelinda Pessoa de Sant'Ana.
- 181-182—*Registos* (dois) pequenos de Santo Antonio (de cirios).
Exp.: D. Sofia Mac-Bride.
- 183—*Litografia* colorida francesa.
Exp.: D. Adelaide de Matos Sequeira.
- 184—*Gravura de Santo Antonio com e menino*, segundo uma pintura de Pedro Alexandrino, desenhada e feita por Domingos José da Silva.
Exp.: José Campas.
- 185—*Gravura* a sanguinea, assinada "M. le Bouteux F. 1765".
Exp.: José Rodrigues Simões.
- 186—*Gravura* com a inscrição "S. Antonio de Padua" e a subscrição "C. P. maj. 331 Mart. Engelbe exc. A. D.", numa moldura, com vidro, em setim bordado a ouro.
Exp.: Dr. Eduardo Neves.
- 187—*Gravura* emoldurada.
Exp.: Manuel Bobone.
- 188—*Gravura* de Aguilar, segundo um desenho de Domingos Antonio de Sequeira, emoldurada.
Exp.: Alberto de Sousa.
- 189—*Litografia* representando o santo, oferecida "A Sua Magestade D. Miguel Primeiro", assinada "J. (João) T. (Thomas) da Fonseca, inv. des. e lith".
Exp.: Dr. Frederico Perry Vidal.
- 189-A—*Gravura* representando Santo Antonio adorando o menino Jesus "Carlos Maratta Pinxit" e "F. Bartolozzi del. et sc."
Exp.: Henrique Coimbra.
- 190—*Gravura*, anonima, com cercadura, representando Santo Antonio que se venera na capela do Telheiro da freguezia de S. Mamede d'Infesta.
Exp.: Henrique Coimbra.
- 191-198—*Oito registos*.
Exp.: Gastão de Melo e Matos.

- 199—*Gravura* colorida de "S. Antonius".
Exp.: Afonso de Dornelas.

d) FOTOGRAFIA

- 200-209—*Dez fotografias*: quadro de Giotto (Padua), do quadro existente em Siena (Oratorio de S. Bernardino), do quadro de Moretto existente em Brescia (Pinacoteca Comunale Martinengo), dum quadro (escola de Mainardi) existente em Florença (S. Croce), outro (de Giacomo Cozzarelli (?)) dos arredores de Siena (Convento dell'Osservanza), outro de A. Gatti em Jerusalem (Chiesa del Santo Sepolcro).
Exp.: Afonso de Dornelas.
- 210—*Fotografia dum milagre de Santo Antonio* (azulejos da igreja do Estoril).
Exp.: José Artur Barcia.
- 211—*Fotografia dum quadro do Museu Poldi Pezzoli*, de Milão.
Exp.: Afonso de Dornelas.
- 212—*Fotografia da imagem do Santo Antonio* que se venera no asilo do seu nome.
Exp.: José Artur Barcia.
- 213—*Fotografia do quadro de Columbano*.
Exp.: Coronel João Cardoso Junior.
- 214—*Fotografia de uma pagina do livro de horas de D. João de Castro*, existente em Viena d'Austria,
Exp.: Afonso de Dornelas.
- 215—*Fotografia representando um baixo relevo de Santacroce*.
Exp.: Afonso de Dornelas.
- 216-221—*Fotografias (seis) da imagem de Santo Antonio* venerada na Sé.
Exp.: Afonso de Dornelas.
- 222-228—*Fotografias (sete) de quadros do pintor português Andre Gonçalves* e da capela de St.º Antonio, na igreja da Madre Deus, referentes a Santo Antonio.
Exp.: Antonio Cesar Mena Junior.
- 229—*Fotografia de uma imagem de Santo Antonio*, existente na igreja de Santa Cruz de Coimbra.
Exp.: Coronel Ferreira Lima.

- 230-233—*Fotografias (quatro) de painéis de azulejos policromos*, existentes na capela de Santo Antonio, no Penedo (Colares).
Exp.: Coronel João Antonio Cardoso Junior.
- 234—*Fotografia de Santo Antonio* tendo duas figuras ajoelhadas a seus pés, uma do lado direito, outra do lado esquerdo. (Da basilica de Santo Antonio, em Padua).
Exp.: Afonso de Dornelas.
- 235—*Reprodução fotografica de um desenho representando S. Antonio falando aos peixes*, na qual se lê «Ravena».
Exp.: Afonso de Dornelas.

e) MEDALHAS

- 236-238 *Três medalhas* (uma do congresso catolico internacional de 1895, outra de Santo Antonio da Azarujinha e uma veronica).
Exp.: Afonso de Dornelas.
- 239-242—*Medalhas* (quatro) de Santo Antonio.
Exp.: Adolfo Leitão Ferreira.
- 243—*Medalha* de ouro e esmalte.
Exp.: Gastão de Melo e Matos.
- 244-246—*Medalha* comemorativa do congresso catolico internacional, realizado em Lisboa em 1895.
Em cobre—Exp.: Coronel Augusto Vieira da Silva.
» metal branco—Exp.: José Artur Barcia e dr. Eduardo Neves.
» » amarelo—Exp.: Dr. Frederico Perry Vidal.
- 247—*Medalha* de latão com S. Antonio de Padua e N. Scnhora.
Exp.: Dr. Eduardo Neves.
- 248—*Medalha* de latão com santo Antonio de Padua e S. Pedro de Alcantara.
Exp.: Dr. Eduardo Neves.
- 249—*Medalha* de prata comemorativa do 7.º centenario de Santo Antonio, 1195-1895 (cruz antonina), da Casa Mascote de Lisboa.
Exp.: Dr. Eduardo Neves.
- 250—*Medalha* de estanho (?) comemorativa do 7.º centenario do nascimento do santo.
Exp.: Dr. Eduardo Neves.
- 251—*Medalha* de prata comemorativa do 7.º centenario de Santo Antonio, 1195-1895 (Cruz Antonina).
Exp.: Dr. Eduardo Neves.

- 252—*Medalha* de prata, comemorativa do 7.º centenario de Santo Antonio, 1195-1895 (Cruz de Cristo).
Exp.: Dr. Eduardo Neves.
- 253—*Medalha* em cobre com a legenda "S. Antonio de Lisboa" no anverso e no reverso as armas dos Bulhões.
Exp.: Dr. Frederico Perry Vidal.
- 254—*Medalha* em prata com a legenda "1195-1895."
Exp.: Dr. Frederico Perry Vidal.
- 255—*Medalha* em prata com a legenda no anverso "Santo Antonio de Lisboa" e tendo, no reverso, as armas dos Bulhões e de Lisboa.
Exp.: Dr. Frederico Perry Vidal.
- 256—*Medalha* em aluminio com a legenda "Associação Protectora da Infancia Santo Antonio de Lisboa".
Exp.: Dr. Frederico Perry Vidal.
- 257—*Veronica* de latão tendo de um lado S. Francisco de Assis e do outro Santo Antonio
Exp.: Dr. Frederico Perry Vidal.
- 258—*Veronica* de chumbo com a legenda "S. Antonio no anverso e no reverso "1895" e "Centenario".
Exp.: Dr. Frederico Perry Vidal.
- 259—*Veronica* de latão com a legenda: "Antonii Padua Confessor".
Exp.: Dr. Frederico Perry Vidal.
- 260—*Medalha* em metal amarelo. No anverso o santo, reverso liso.
Exp.: D. Maria Ermelinda Pessoa de Sant'Ana.
- 261—*Medalha* de aluminio, tendo no anverso a imagem do santo e no reverso a basilica de Padua.
Exp.: Antonio Cesar Mena Junior.
- 262—*Medalha comemorativa do 7.º centenario do nascimento.*
Exp.: D. Sofia Mac-Bride.
- 263-264—*Dois medalhas em prata* comemorativas do 7.º centenario do nascimento.
Exp.: D. Sofia Mac-Bride.

f) ESTAMPILHAS E BILHETES POSTAIS

- 265-276—*Estampilhas*, anuncio da casa Bertrand, comemorativas do 7.º centenario do nascimento.
Exp.: José Artur Barcia.

- 277-283—*Bilhetes postais* comemorativos do 7.º centenario do nascimento do santo, sendo seis editados pela casa Freire Grava-dor e um pela Companhia Nacional Editora.
Exp.: Coronel Ferreira Lima.
- 284—*Bilhete postal* comemorativo da exposiçào antonina realisada no Porto em 1931.
Exp.: Coronel Ferreira Lima.
- 285—*Estampilha* comemorativa da exposiçào antonina realisada no Porto em 1931.
Exp.: Coronel Ferreira Lima.
- 286-292—*Colecção de estampilhas italianas* comemorativas do 7.º centenario da morte do santo.
Exp.: Afonso de Dornelas.
- 293-298—*Colecção de estampilhas* comemorativas do 7.º centenario da morte do santo (provas).
Exp.: Afonso de Dornelas.
- 299—*Bilhete postal* comemorativo do 7.º centenario do nascimento do Santo, para Portugal (10 reis).
Exp.: D. Sofia Mac-Bride.
- 300—*Estampilha* comemorativa do 7.º centenario do nascimento do santo, para Portugal (5 reis)
Exp.: D. Sofia Mac-Bride.
- 301-315—*Colecção de estampilhas* do 7.º centenario do nascimento do santo, para os Açores (2½, 5, 10, 15, 20, 25, 50, 75, 80, 100, 150, 200, 300, 500, e 1000 reis).
Exp.: D. Sofia Mac-Bride.

II — BIBLIOGRAFIA

a) OBRAS DE SANTO ANTONIO

- 316—*Quadragesimales sermones* S. Antonii de Padua, Parisi 1521.
Exp.: Conde de Sucena.
- 317—*S. Antonii Patavinini Conf. Sermones in Evanvelio Dominica-rum per anni circulum cum lectionibus ex. s. scripturae libris in officio temporis occurrentibus et cum missarum concordantiis Ad Aedis Antoninae Instaurandae Emolumentum*, Patavii 1890.
Exp.: Afonso de Dornelas.

- 318—*Santo Antonio*—Serimões compostos e prègados por...,
Exp. Julio Eduardo dos Santos.

b) BIOGRAFIAS

- 319-320—*Abreu* (Braz Luiz de)—Sol nascido no occidente e posto ao
nascido do sol Santo Antonio Portuguez, Coimbra, 1725.
Exp.: Coronel João Antonio Cardoso Junior.
Idem
Exp.: Conde do Bomfim.
- 321—*Abreu* (Braz Luiz de)—Vida de Santo Antonio (portuguez) ou
sol nascido no occidente e posto ao nascido do sol, Lisboa, s. d.
Exp.: José Campas.
- 322—*Aguilar* (M. (Maria) J. (José) de Azevêdo Teixeira de)—Santo
Antonio de Lisboa, Lisboa 1915.
Exp.: José Artur Barcia
- 323—*Almeida* (Antonio Joaquim de)—Vida e Milagres de S. Anto-
nio de Lisboa, Lisboa 1866.
Exp.: Coronel Augusto Vieira da Silva.
- 324—*Azevedo* (Emmanuele de)—Fasti Antoniani, Venezia, 1789.
Exp.: José Artur Barcia.
- 325—*Azevedo* (P.^e Emmanuele de)—Vita del Taumaturgo portoghese
Santo Antonio di Padova. Arricchita di nuove notizie, e critiche
osservazioni. . . , Venezia 1788.
Exp.: Afonso de Dornelas.
- 326—*Azevedo* (Emmanuele de)—Vita del Taumaturgo portoghese
Sant'Antonio di Padova. Arricchita di nuove notizie, e critiche
osservazioni tratte da codici e monumenti securi ignoti agli
stessi piu classici, non che ad altri Autori delle cento e piu
vite del santo rette dall'autore. Seconda edizione. . . , Bologna
1790.
Com o ret. do santo, gravura de Rosaspina.
Exp.: Afonso de Dornelas.
- 327—*Azevedo* (P. Manuel de)—Vida do Thaumaturgo portuguez Santo
Antonio de Padua. Traduzida por F. Lino d'Assumpção, Lis-
boa 1904.
Exp.: Dr. Frederico Perry Vidal.
Idem. Lisboa 1909.
Exp.: Afonso de Dornelas.

- 328—*Bayam* (Joseph Pereira)—Epitome chrono-genealogico e critico da vida, virtudes e milagres de Santo Antonio de Lisboa, Lisboa, 1735.
Exp.: Coronel Augusto Vieira da Silva.
- 329—*Brito* (Fernando Tomás de)—Vida e milagres de Santo Antonio de Lisboa, Lisboa 1894.
Exp.: Dr. Frederico Perry Vidal.
- 330—*Gravuras* extrahidas do livro—Vida e milagres de Santo Antonio de Lisboa, por Fernando Thomaz de Brito, Lisboa 1894.
Exp.: José Artur Barcia.
- 331—*Coelho* (Jeronymo)—Discursos predicaveis sobre a vida, virtudes e milagres do gigante dos menores, Hercules portuguez Divino Athlante S. Antonio, Parte I e II, Lisboa, 1663. 2 vol.
Exp.: Conde de Sucena.
- 332—*Deus* (João da Madre de)—Compendio da vida admiravel do Thaumaturgo Portuguez Santo Antonio, Lisboa, 1833. Trad. sob as iniciais D. J. M. D. C. R.
Exp.: Major Antonio Augusto d'Almeida e Silva.
- 333—*Dandâra* (Alfredo de Oliveira)—Quem foi Santo Antonio de Lisboa, Lisboa 1931.
Exp. Coronel Ferreira Lima.
- 334—*Gonçalves* (Aloysio Thomaz)—Vida de S. Antonio de Lisboa, Braga 1931.
Exp.: o autor.
- 335—*Lino* (Antonio)—Santo Antonio de Lisboa, Lisboa 1929. Com as iniciais A. L.
Exp.: Coronel João Antonio Cardoso Junior.
- 336—*Lopes* (Francisco)—Vida aççoens, e milagres de S. Antonio Gloria de Portugal, primeira e segunda parte, Lisboa 1680-1701.
Exp.: Conde de Sucena.
- 337—*Lopes* (Francisco)—Santo Antonio de Lisboa, do seu nascimento, criação, vida, morte e milagres, Porto 1876.
Exp.: Coronel Vieira da Silva.
- 338—*Pimentel* (Alberto)—Livro (O) das lagrimas (Legendas da vida de Santo Antonio), Lisboa 1874.
Exp.: Coronel João Antonio Cardoso Junior.
- 339—*Rolim* (Padre)—Santo Antonio de Lisboa 1221-1931, Coimbra. 1931.
Exp.: Afonso de Dornelas.

- 340—*Rosario* (M. R. T. M. Fr. Antonio do)—Feyra mystica de Lisboa (Armada em hũa trezena do divino portuguez Santo Antonio), Lisboa 1691.
Dois exemplares: um do Dr. Carlos Santos, aberto para mostrar a gravura em que se vê o santo, num pulpito a prégar; outro do Conde de Suceña, aberto no frontispicio.
- 341—*S. Boaventura* (Fr. Fortunato de)—Vida e milagres de Santo Antonio de Lisboa», Coimbra 1830.
Exp.: Coronel Augusto Vieira da Silva.
- 342—*S. Boaventura* (Fr. Fortunato de)—Vida milagrosa de Santo Antonio de Lisboa, Lisboa 1931.
Exp.: Cunha Saraiva.
- 343—*Teixeira* (Francisco Gomes)—Santo Antonio de Lisboa 1931.
Exp.: Coronel João Antonio Cardoso Junior.
- 344—*Vida e milagres de Santo Antonio* (o Portuguez) Lisboa s. d.
Exp.: José Augusto Barcia.
- 345—*Vida e milagres de Santo Antonio de Lisboa*. Summula biographica, Lisboa 1891.
Exp.: Dr. Perry Vidal.
- 346—*Vita Sancti Antonii*. Pag. 116 e seg. do vol. V do—Portugaliae Monumenta Historica Scriptorum, Lisboa 1856.
Exp.: Associação dos Arqueologos Portugueses.

c) SANTO ANTONIO MILITAR

- 347—*Almanach contemporaneo para 1833*.—Contem um curioso requerimento atribuido a Santo Antonio, de 1823.
Exp.: Coronel Ferreira Lima.
- 348-349—*Bilhetes postais* (dois) com a imagem de Santo Antonio do regimento de Cascaes.
Exp.: João Cardoso Junior.
- 350—*Branco* (Manuel Bernardes) —Padre (O) Santo Antonio de Lisboa, thaumaturgo e official do exercito portuguez, Lisboa 1887.
Exp.: Dr. Carlos Santos.
- 351—*Costigan* (A. W.)—Lettres sur le gouvernement, moeurs et les usages en Portugal, Paris 1810. Ref. ao culto do santo nos regimentos portugueses e petição de promoção a pag. 52 e seguintes.
Exp.: Rodrigues Simões

- 352—*Costigan* (Arthur William)—Sketches of society and manners in Portugal, London s. d., vol. I.
Exp.: Abilio Teixeira Rebelo de Carvalho.
- 353—*Escrivanis* (Augusto Carlos de Souza)—Iniciativa patriotica da instituição memorativa do regimento de infantaria n.º 19 de Cascaes, Lisboa 1906.
Exp.: José Artur Barcia.
- 354—*Escrivanis* (Augusto Carlos de Souza)—Investigações historicas do regimento de Infantaria n.º 19, Lisboa 1900.
Exp.: Afonso de Dornelas.
- 355-362—*Livros* (oito) *de vencimentos do regimento de infantaria n.º 2*. (Lagos), 1808, 1809, 1810, 1811, 1812, 1813, 1814, 1816 e 1817, em que figura «O Senhor Santo Antonio, como Capitão e Protector deste Reyno», e «Capitão e Protector deste Regimento, com o soldo de 15\$000 reis» e «O glorioso Santo Antonio, como Alferes e o mesmo soldo», em 1825, 1826, 1827, 1828, 1829, 1830, 1831, 1832 e 1833.
Exp.: Arquivo Histórico Militar.
- 363—*Palmeirim* (Julio)—Santo Antonio. Da capela da cidadela de Cascaes á Batalha do Bussaco, art. no *Diario de Lisboa*.
Exp.: Coronel João Cardoso Junior.
- 364—*Mapa comemorativo* da guerra peninsular 1914.—Nele se vê a imagem de Santo Antonio.
Exp.: José Campas.
- 365—*Postal* com o Santo Antonio de Cascaes e diversos dizeres, reprodução da imagem e de uniformes.
Exp.: José Rodrigues Simões.
- 366-373—*Registos* (oito) *de Santo Antonio* do regimento de infantaria n.º 19 de Cascaes.
Exp.: Coronel Ferreira Lima.

d) SANTO ANTONIO NO TEATRO (1)

- 374—*Alvares* (Affonso)—Auto de Santo Antonio.
Rep. feita em Espanha duma edição quinhentista que, apesar de não ter indicação de origem, é sem duvida portuguesa. Da ed. original não se conhece ex. algum em Portugal.
Exp.: Augusto Cardoso Pinto.

(1) Vid. art. do sr. Jorge de Faria *Santo Antonio*, no *Diario da Manhã*, de 13-6-1931 e o interessante folheto do sr. Hipólito Raposo *Santo António no teatro português*, Guimarães 1931.

- 375—*Alvares* (Affonso)—Auto de Santo Antonio. Lisboa 1723.
Exp.: Conde de Sucena.
- 376—*Avellar* (Gorgeanto d')—Santos (Os) das raparigas, Triptico popular, Lisboa 1922.
Exp.: Julio Eduardo dos Santos.
- 377—*Azevedo* (Antonio Maria de Castro e) — Acto intitulado Santo Antonio livrando seu pai do patibulo, Lisboa 1875.
Exp.: José Artur Barcia.
- 378—*Cascaes* (Joaquim da Costa) — Theatro, vol. II, Lisboa 1904. Contem Giraldo sem sabor, ou uma noite de Santo Antonio na Praça da Figueira.
Exp.: Coronel Ferreira Lima.
- 379—*Coutinho & Cabral* (Penha . . . , Alvaro)—Festas a Santo Antonio em Lisboa (córos, coplas, etc.) Lisboa 1908.
Exp.: José Artur Barcia.
- 380—*Machado* (Baptista)—Santo Antonio milagreiro, monólogo, Lisboa, s. d.
Exp.: Julio Eduardo dos Santos.
- 381-383—*Martins* (José Maria Braz)—Gabriel e Lusbel ou o thaumaturgo, Lisboa 1854.
Exp.: D. Maria Ermelinda Pessoa de Sant'Ana.
Id. Lisboa 1866.
Exp.: Id.
Id. (traz *Silva* em vez de *Martins*), 4.^a ed.
Exp.: Coronel João Antonio Cardoso Junior.
- 384—*Menezes* (Julio de)—Carta a Santo Antonio, peça em 1 acto, Lisboa 1902.
Exp.: Julio Eduardo dos Santos.
- 385—*Programa* do teatro Avenida, Lisboa 25 de janeiro de 1922. Caricatura desenhada por Francisco Valença.
Exp.: José Rodrigues Simões
- 386—*Programa* do teatro Politeama da matinée a favor . . . Lisboa 25 de Dezembro de 1919. Capa com a imagem do santo desenhada por Francisco Valença.
- 387—*Romaria* ao prodigioso Santo António de Lisboa, Lisboa 1790
Exp.: Gustavo de Matos Sequeira.
- 388—*Saint' Anna Nery* (Baron de)—Saint Antoine de Lisbonne (Auto mystère) Livourne 1905.
Exp.: Dr. Carlos Santos.

e) SANTO ANTONIO NA OBRA ARTISTICA DE VIEIRA LUSITANO

- 389—*Castilho* (Julio de)—Amores de Vieira Lusitano, Lisboa, 1901.
Exp.: Dr. Xavier da Costa.
- 390—*Costa* (Luiz Xavier da)—Francisco Vieira Lusitano poeta e abridor de aguas-fortes, 2.^a edição, Coimbra 1929.
Trata desenvolvadamente das obras de Vieira Lusitano referentes a Santo Antonio. Exemplar em papel Wathman.
Exp.: Dr. Xavier da Costa.
- 391—*Vieira* (Francisco . . . , Lusitano) Insigne (O) pintor e leal esposo Vieira Lusitano, Lisboa 1780.
Trata das obras executadas por este artista referentes a Santo Antonio e contém referências do mesmo santo.
Exp.: Dr. Xavier da Costa.
- 392—*Desenho a sanguinea*:—Santo Antonio prégando aos peixes, assinado: «F. Vieira Lusitano».
Exp.: José Campos.
- 393—*Santo Antonio* e o numero nove. Agua-forte de Vieira Lusitano.
Exp.: Dr. Xavier da Costa.
- 394-396—*Santo Antonio* e o pinheiro quebrado pelo vento. Agua-forte de Vieira Lusitano.
Três exemplares: um sobre papel de linho branco; outro (rarissimo) sobre papel azul-acinzentado e outro em sanguinea sobre papel de linho branco,
Exp.: Dr. Xavier da Costa.
- 397—*Santo Antonio* recebendo o Menino Jesus das mãos de Virgem Maria.
Agua forte de Vieira Lusitano datada de 1729. Um dos rarissimos exemplares com o soneto.
Exp. Dr. Xavier da Costa.
- 398-400—*Reprodução* zincografica de três gravuras de Vieira Lusitano.
Exp.: Coronel Ferreira Lima.

f) SANTO ANTONIO DOS PORTUGUESES EM ROMA

- 401 —*Cavalli* (Athanasius) — In funere Josephi I Lusitanorum et Algarbiorum Regis Fidelissimo Oratio Romae habita coram Sacro E. E . ac. RR. Cardinalium Collegio in Regali Ecclesia Lusitanorum Divi Antonii, Roma 1777.
Exp.: Afonso de Dornelas.
- 402—*Correa* (Sebastianus Maria) — Oratio in funere Fidelissimi Lu-

- sitaniae Regis Joannis V. habita in Templo S. Antonii ejusdem Nationis, dum ei Regio nomina parentaretur, Roma, 1751.
Exp.: Afonso de Dornelas.
- 403—*Descrizione* del funebre apparato eseguito in Roma nella Reggia Chiesa di Sant'Antonio della Nazione Portoghese in memoria de S. M. Fedelissima Maria I Regina di Portogallo, del Brazile e dell'Algarvia, Nel giorno XX Marzo MDCCCXX Roma 1820.
Exp.: Afonso de Dornelas.
- 404—*Descrizione* dell'aparato funebre fatto in Roma nella Regia Chiesa di S. Antonio della Nazione Portoghese nel di 20 Dicembre dell'anno 1777, per la morte di Sua Maestá Fidelissima Giuseppe I. Roma 1777.
Exp.: Afonso de Dornelas.
- 405—*Estatutos* da veneravel igreja, e hospital de Santo Antonio da Nação Portugueza de Roma, Roma 1683.
Exp.: Afonso de Dornelas
- 406—*Estatutos* da veneravel igreja e hospital de Santo Antonio da Nação Portugueza em Roma. 2.^a edição, Roma 1863.
Exp.: Afonso de Dornelas.
- 407—*Estatutos* e regulamentos do Instituto Portuguez de S. Antonio em Roma, Roma 1872.
Exp.: Afonso de Dornelas.
- 407-A—*Estatutos* da Igreja e Hospital de Santo Antonio dos Portuguezes em Roma. Anno de 1593, Lisboa 1888.
Exp.: Afonso de Dornelas.
- 408—*Estatutos* da Igreja e Hospital de Santo Antonio dos Portuguezes de Roma. 1639-1640, Roma 1889.
Exp.: Afonso de Dornelas.
- 409—*Estatutos* da Igreja e Hospital de Santo Antonio dos Portuguezes em Roma. Anno de 1539 e Trellado dos statutos do Snor Cardeal D. Jorge, 1486, Lisboa 1890.
Exp.: Afonso de Dornelas.
- 410—*Exequias* feitas em Roma... a D. João V. Roma 1752, Fol. max. com 20 gravuras.
Exp.: Dr. Xavier da Costa.
- 411—*Funerale* celebrato nela chiesa di Santo Antonio della Nazione Portoghese in Roma per la morte del Rè di Portogallo D. Pietro II, l'anno MDCCVII, Roma 1707.
Exp.: Afonso de Dornelas.

- 412—*Macchi* (Aloisio de Comitibus) — Oratio habita in parentalibus solemnibus Petri V. Portugalliae et Algabiorum Regis Fidelissimi adstante Sacro Patrum Cardinalium Collegio in Sacra Aede Regali S. Antonii, Romae 1862.
Exp.: Afonso de Dornelas.
- 413—*Matteis* (Mario de Comitibus)—In funere Mariae Primae Lusitaniae Brasiliae Argarbiae Reginae Fidelissimae oratio habita coram Sacro E. E. ac RR. Cardinalium Collegio in Regali Ecclesia Sancti Antonii dum ei regio nomine parentaretur, Romae 1820.
Exp.: Afonso de Dornelas.
- 414—*Obituario*—Registo dos defuntos. Anno Domine 1693. Livro em que se assentão os deffuntos que se enterrão nesta Igreja e Real Hospital de S. Antonio da Nação Portugueza de Roma no anno de 1693. Annos 1693 a 1916.
Copia em dois vol., feita pelo sr. Marquês de Faria.
Exp.: Afonso de Dornelas.
- 415—*Pereira* (Gregorio Petro)—In funere Petri III Fidelissimi Lusitanorum Regis. Oratio habita coram Sacro E. E. A C R R. Cardinalium Collegio in Regali Ecclesia S. Antonii Lusitanae Gentis dum ei regio nomine parentaretur, Romae 1787.
Exp.: Afonso de Dornelas.
- 416—*Relazione* del funebre apparato e magnifico mausoleo eretto nella Regia Chiesa di Sant'Antonio dell'Inclita Nazione Portoghese in Roma per la morte di Giovanni V. Ré Fidelissimo di Portugallo, Roma 1751.
Exp.: Afonso de Dornelas.

g) SERMÕES EM HONRA DE SANTO ANTONIO

- 417—*Boa Hora* (Fr. Francisco da) — Panegyrico de S. Antonio prégado no collegio da Pedreira da cidade de Coimbra, Lisboa 1780.
Exp.: Julio Eduardo dos Santos.
- 418—*Godinho* (P. Manuel)—Sermão do glorioso Santo Antonio de Lisboa. Coimbra 1692.
Exp.: Conde de Sucena.
- 419—*Malhão* (Francisco Raphael da Silveira)—Sermões, Lisboa A pag. 188 e seg.: Sermão de Santo Antonio.
Exp. Coronel Ferreira Lima.

- 420—*Mendes* (Alves)—Santo Antonio.—Discurso do setimo centenario do nascimento de Santo Antonio, Lisboa 1895.
Exp.: Coronel João Antonio Cardoso Junior.
- 421—*Ribeiro* (Antonio Alves Mendes da Silva)—Panegyrico de Santo Antonio, Coimbra 1858.
Exp.: Dr. Frederico Perry Vidal.
- 422-425—*Vieira* (P.^e Antonio)—Sermão que pregou o R. P. na igreja das Chagas em . . .aos 14 de Setembro de 1642 s. l. n. d.
Exp.: Conde de Sucena.
Idem. Lisboa 1645.
Exp.: Conde de Sucena.
Idem. Coimbra 1658.
Exp.: José Rodrigues Simões
Idem. Coimbra 1672.
Exp.: Conde de Sucena.
- 426—*Vieira* (P.^e Antonio)—Sermão de Santo Antonio. Santo Antonio e os peixes. Lisboa 1895.
Exp.: Major Antonio Augusto d'Almeida e Silva.
- 427-431—(*Vieira* (P.^e Antonio)—Sermoens, 2.^a, 3.^a, 6.^a, 11.^a e 12.^a partes Lisboa 1632-1699.
Notes vol. se incluem oito sermões dedicados ao santo.
Exp.: José Rodrigues Simões.
- 432—*Vieira* (P.^e Antonio)—Trechos selectos. Lisboa 1897. Traz extractos de sermões relativos ao santo.
Exp.: Coronel João Antonio Cardoso Junior.

h) PUBLICAÇÕES DO 7.^o CENTENARIO DO NASCIMENTO

- 433—*Actas* do congresso catholico internacional de Lisboa, Lisboa. 1896.
Exp.: José Artur Barcia.
- 434—*Album de photographias* do 7.^o Centenario de Santo Antonio 1195-1895.
Exp.: Major Antonio Augusto d'Almeida e Silva.
- 435—*D. Augusto*, Arcebispo d'Evora.—Influencia benefica e civilizadora da igreja atravez dos tempos, Lisboa 1895.
Exp.: Julio Eduardo dos Santos.
- 436—*Aguilar* (Francisco Azevedo Teixeira d')—Setimo (O) centenario de Santo Antonio no Congresso Catholico Internacional de Lisboa, Porto 1895.
Exp.: Conde de Sucena.

- 537—*Azevedo* (José de)—Thaumaturgo (O) de Lisboa, Porto 1895.
Exp.: Conde de Vila Flor.
- 438—*Catalogo* da exposição bibliographica antoniana (Bibliotheca Nacional de Lisboa), 1895.
Exp.: Coronel Ferreira Lima.
- 439—*Diario de Noticias Illustrado*, comemorativo do 7.º centenario do nascimento de Santo Antonio.
Exp.: D. Sofia Mac-Bride.
- 440—*Diniz* (Garcia)—Sermão do 7.º centenario de Santo Antonio, Lisboa 1895.
Exp.: Julio Eduardo dos Santos.
- 441—*Exposição de arte sacra ornamental*, promovida pela Comissão do Centenario de Santo Antonio em Lisboa no anno de 1895. Catalogo da Sala de Sua Magestade El-Rei, Lisboa 1895.
Exp.: José Campas.
- 442—*Freitas* (P.º Senna)—Sagrada (A) Biblia, Lisboa 1895.
Exp.: Julio Eduardo dos Santos.
- 443—*Guimarães* (Oliveira)—Guimarães e Santo Antonio, Guimarães 1895.
Exp.: Gustavo de Matos Sequeira.
- 444—*Montalegre*—Origem genealogica de Santo Antonio. Estudo critico e biographico, Lisboa. 1895.
Exp.: Dr. Carlos Santos.
- 445—*Monteiro* (José de Sousa)—Santo Antonio de Lisboa. Estudo de historia e critica, Lisboa 1895.
Exp.: Dr. Carlos Santos.
- 446—*Neves* (F. A. Carlos das)—Grande (O) Thaumaturgo de Portugal Santo Antonio de Lisboa. Porto 1895. 2 vol.
Exp.: Dr. Frederico Perry Vidal.
- 447—*Pinheiro* (Rafael Bordalo)—Antonio (O) Maria, folha humoristica, n.º 424 de 10 de Julho de 1895. Com caricaturas das festas do centenario antonino.
Exp.: Antonio Cesar Mena Junior.
- 447-A—*Pinto* (P.º Antonio)—Glorias de sete seculos. Breve historia illustrada de Santo Antonio de Lisboa. 1895. Saiu anonima.
Exp.: Dr. Frederico Perry Vidal.
- 448—*Programa oficial do centenario antoniano* (1895).
Exp.: Julio Eduardo dos Santos.
- 449—*Programa das festas* do VII centenario do nascimento de Santo Antonio de Lisboa, 1195-1895.
Exp.: José Artur Barcia.

- 450—*Recreio* (O), revista.... Lisboa 1895. Com o ret. do santo a pag. 33.
Exp.: José Rodrigues Simões.
- 451—*Sertorio* (Carlos)—Santo (O) do Povo, collecção de anedotas, rifões e anexins, poesias relativas ao Santo. Lisboa 1895.
Exp.: Major Antonio Augusto d'Almeida e Silva.

i) CASA E HOSPITAL DE SANTO ANTONIO

- 452-453—*Jordão e Corrêa* (Dr. Levy Maria — e José do Nascimento) Historia da Real Casa de Santo Antonio, Lisboa 1857.
Exp.: Dr. Carlos Santos.
Relatorios sobre a Casa de Santo Antonio e merceiras do Alqueidão, Lisboa 1857.
Exp.: o mesmo.
- 454—*Simões* (Antonio Augusto da Costa)—Hospital (O) de Santo Antonio da Misericordia do Porto, Porto 1883.
Exp.: Gastão de Melo e Matos.

j) LIVROS COM REFERENCIAS

- 455—*Almanach* de Santo Antonio — para o anno de 1902. Braga 1902.
Exp.: Dr. Frederico Perry Vidal.
- 456—*Almanaque* de Santo Antonio para 1912.
Exp.: Afonso de Dornelas.
- 457—*Almanaque* de Santo Antonio para 1931.
Exp.: Antonio Cesar Mena Junior.
- 458—*Araujo* (Antonio José da Costa)—Verdadeira relação do admiravel prodigio que obrou na villa de Merthola, o glorioso S.^{to} Antonio na igreja dos religiosos frânciscanos da Provincia dos Algarves sita na dita villa, Lisboa 1753.
Exp.: Conde de Sucena.
- 459—*Braga* (Victoriano)—Oração a Santo Antonio. VII centenário de Santo António Lisboa, 13 de Junho de 1931. Folha avulsa.
Exp.: Coronel Ferreira Lima.
- 460—*Cardoso* (P.^o Jorge)—Agiologio luzitano, tomo III, Lisboa 1666. Trata de Santo Antonio a pag. 658.
Exp.: José Rodrigues Simões.

- 461—*Faria* (Antonio de Portugal de)—Portugal e Italia, Leorne 1898, 1900, 1901 e 1905 e Milano 1926. Este importante trabalho contem numerosas fontes de informação acêrca de Santo Antonio na Italia.
Exp.: Afonso de Dornelas.
- 462—*Farinha* (P.^o Antonio Lourenço)—Sertã (A) e o seu concelho, Lisboa 1930.
Exp.: Gastão de Melo e Matos.
- 463—*Gasco* (Antonio Coelho)—Primeira parte das antiguidades da muy nobre cidade de Lisboa, Coimbra 1924. Trata de Santo Antonio.
Exp.: Afonso de Dornelas.
- 464—*Guerreiro* (Candido)—Em Forli (o primeiro sermão de Santo Antonio). Vila Nova de Famalicão 1931.
Exp.: Coronel Ferreira Lima.
- 465—*Henriques* (Antonio José)—Monographias historicas e descriptivas das capellas de Nossa Senhora de Monserrate e Santo Antonio de Lisboa, e Convento de Nossa Senhora do Desterro e Hospital de Todos os Santos, Lisboa 1904.
Exp.: Dr. Carlos Santos.
- 466—*Lirio* (P.^o Manuel)—Monumentos e instituições religiosas, Porto 1926.
Exp.: Gastão de Melo e Matos.
- 467—*Martins* (Rocha)—Prospecto das *Legendas de Portugal*.
Exp.: Coronel Ferreira Lima.
- 468—*Panorama* contemporaneo. Coimbra 1883-1884. Fotografia de Santo Antonio dos Oliveas.
Exp.: Coronel Ferreira Lima.
- 469—*Raposo* (Hipólito)—Sorriso (Um) de Santo Antonio, Lisboa 1929.
Exp.: Julio Eduardo dos Santos.
- 470—*Relação* autentica da milagrosa saude de Catharina Clerici Bolzonella, succedida em Este no dia de Quarta Feira 8 de Março do anno corrente de 1747 por obra do thaumaturgo de Padua S.^{to} Antonio. S. l. n. d.
Exp.: Conde de Sucena.
- 471—*Sampaio* (Antonio de Vilas Boas e)—Nobiliarchia portugueza, Lisboa 1727.
Exp.: Coronel Ferreira Lima.

- 472—*Santos* (Julio Eduardo dos)—S. Francisco de Assis. Versão dos seus poemas e opusculos, acompanhada de notas e de um boquejo da vida, obra e ideal do Porevello, Lisboa 1927.
Exp.: Associação dos Arqueologos Portugueses.
- 473—*S. João da Pesqueira* (Visconde de)—Palazzola (um convento portuguez na Italia) Monographia 2.^a edição. Porto 1906. Ref. ao santo.
Exp.: Afonso de Dornelas.
- 474—*Voz de Santo Antonio* (revista scientifica e religiosa) Dezembro de 1909.
Exp.: José Artur Barcia.

k) OBRAS DE DEVOÇÃO

- 475—*Amado* (P.^c José de Sousa)—Mês (O) de Junho ou o mez de Santo Antonio de Lisboa. Lisboa 1886.
Exp.: Julio Eduardo dos Santos.
- 476-482—*Cultos de devoção*, e obsequios, que se dedicão ao thaumaturgo portuguez S.^{to} Antonio de Lisboa em os dias da sua nova trezena, etc.
Lisboa 1757—Exp.: José Campas
» 1761—Exp.: Dr. Eduardo Neves.
» 1787—Exp.: Dr. Carlos Santos.
» 1802—Exp.: D. Sofia Mac-Bride (2 ex. encadernados com lindos ferros e as armas de Bulhões e Portugal) e Paulo Ferreira (1 ex. com bonita encadernação).
« 1874—Exp.: Julio Eduardo dos Santos.
- 483—*Enghien* (Prospero d')—Novena, orações e canticos em honra de S.^{to} Antonio de Lisboa, Trad. de A. Moreira Bello, Porto.
Exp.: José Artur Barcia.
- 484—*Enghien* (Prospero d')—Trezena em honra de Santo Antonio de Lisboa, trad. de A. Moreira Bello, Porto, 3.^a ed. s. d.
Exp.: Dr. Eduardo Neves.
- 485—*Exercicio quotidiano* para os treze dias do glorioso portuguez, e nosso cidadão o Senhor S. Antonio, accrescentado com o Epitome genealogico de sua illustrissima ascendencia, etc, Lisboa, 1730, com uma pequena, mas interessante, gravura de Debric.
Exp.: Rafael de Barros e Sá.
- 486—*Ladainha* de Santo Antonio. Manuscrita.
Exp.: D. Sofia Mac-Bride.

- 487—*Manuel* de devotion à Saint Antoine de Padoue, Bruxelles 1851.
Exp.: Dr. Eduardo Neves.
- 488—*Mello* (Faustino De Afonseca Freyre e)—Thesouro espiritual da novena do glorioso S. Antonio de Padua. Lisboa 1740. Contem uma portada aberta a agua forte por Vieira Lusitano. Unico exemplar conhecido.
Exp.: Dr. Xavier da Costa.
- 489—*Novena* do glorioso Santo Antonio de Lisboa. Porto, 1895.
Exp.: Julio Eduardo dos Santos.
- 490—*Oração* e reponso a Santo Antonio.
Exp.: Antonio Cesar Mena Junior.
- 491—*Pia* união em honra de Santo Antonio. Braga, 1896.
Exp.: Julio Eduardo dos Santos.
- 492—*Responsorio* di S. Antonio da Padova. Folha impressa, volante, com o retrato do santo.
Exp.: Afonso de Dornelas.
- 493—*Semana* de amor ao portento dos milagres de Santo Antonio Pobre. Porto 1908.
Exp.: Julio Eduardo dos Santos.
- 494—*Treze* exposiçoens panegyricas da vida do glorioso thaumaturgo portuguez S. Antonio, por Joseph Correa Leytam, Lisboa Occidental, 1734.
Exp.: João Cardoso Junior.
- 495—*Trezena* de Santo Antonio ou culto devoto, Lisboa 1766.
Exp.: Julio Eduardo dos Santos.
- 496—*Trezena* de Santo Antonio, Lisboa 1789.
Exp.: Coronel Ferreira Lima.
- 497—*Trezena* de Santo Antonio, Lisboa s. d.
Exp.: Coronel Ferreira Lima.

1) OBRAS ESTRANGEIRAS

- 498—*Bataglia* (Dom Camillo)—Lingva (La) di Sant'Antonio, Padova 1907.
Exp.: Afonso de Dornelas.
- 499—*Bula* de Benedicto XIII da concessão de privilegios e beneficios à Igreja de S. Antonio de Padua, Roma e Padua 1730.
Exp.: Afonso de Dornelas
- 500—*Concioli* (Onofrio).—Nel giorno festivo di S. Antonio di Padova venerato in casa del cavalier Antonio Concioli. Sonetto di... di lui figlio. Dedicato al medesimo santo, Roma 1714.
Exp.: Afonso de Dornelas.

- 501—*Esposizione* di ricordi portoghesi in Italia, Lisboa 1929.
Exp.: José Campas.
- 502—*Facchinetti* (P. V.).—Vie de S. Antonie de Padoue, Paris 1931.
Exp.: Afonso de Dornelas.
- 503—*Gillet* (L.).—Histoire artistique des ordres mendiants,
Exp.: J. Cardoso Gonçalves.
- 504—*Gonzati* (P. Bernardo Dr.).—Dell'Arcella di Padova. Notizie storiche. Raccolte e descritte dal... , Padova 1842.
Exp.: Afonso de Dornelas.
- 505—*Guyard* (Abbé J. A.).—Saint Antoine de Padoue, sa vie, ses œuvres et son temps, 2.^e édition, Paris 1868.
Exp.: José Campas.
- 506—*Hervilly* (Ernest d').—Grand (Le) Saint Antonie de Padoue. Son enfance. Sa belle jeunesse. Ses miracles. Ses tentations. Sou apotheose et son petit cochon. Badinage irrévéréncieux de... Lahr (Bade) s. d.
Exp.: Afonso de Dornelas.
- 507—*In lode* di S. Antonio di Padova nel solleñnizarsi nella chiesa di S. Francisco del P. Min. Conv. di S. Genesio... Soneto. S. l. n. d.
Exp.: Afonso de Dornelas.
- 508—*In occasione* del sacro ottavario solemnizato in onore di Sant'Antonio di Padova. Dalli molto R. R. P. P. Min. conventuali nella città di Macerate. Soneti. S. l. n. d.
Exp.: Afonso de Dornelas.
- 509—*Kerval* (Léon de),—Sancti Antonii de Padua vitae duae quarum altere hucusque inedita, Paris 1904.
Exp.: D. Sofia Mac-Bride.
- 510—*Mendach* (Comte de)—Saint Antoine de Padoue et l'art italien, Paris 1899.
Exp.: J. Cardoso Gonçalves.
- 511—*Michel* (André).—Histoire de l'art. Tom. III. 2.^e partie.
Exp.: J. Cardoso Gonçalves.
- 512—1931. Septième centenaire de Saint Antonie de Lisbonne, de Coimbra et de Padoue.
Exp.: Coronel João Antonio Cardoso Junior.
- 513—*Minciotti* (P. M. Luigi M.^a Dr.).—Catalogo dei manoscritti esistenti nella Biblioteca di Sant'Antonio di Padova. Compilato del... , Custode della Biblioteca Suddetta, con brevissimi cenni biografici degli autori, Padova 1842.
Exp.: Afonso de Dornelas.

- 514—*Morelli* (Bartolommeo)—Vita breve di Santo Antonio di Padova scritta da . . . , 2.^a Edizione. Fermo 1859.
Exp.: Afonso de Dornelas.
- 515—*Nel* celebrarsi la festa di S. Antonio di Padova. Che si celebra nella chiesa di S. Francesco da P. P. Min. Convent. di S. Genesio. Sonetto. Macerata 1704.
Exp.: Afonso de Dornelas.
- 516—*Palatini* (Prof. Leopoldo)—Data della prima venuta di S. Antonio a Padova, Venezia 1894.
Exp.: Afonso de Dornelas.
- 517—*Poletto* (Prof. G.)—S. Antonio di Padova e Dante Allighiéri. Ricerche, Padova. 1896.
Exp.: Afonso de Dornelas.
- 518—*Rebolledo* (Fr. Francisco de)—Primera parte de la chronica general de N. Seraphico P. S. Francisco, Sevilha, 1598.
A pag. 295 traz retrato do santo em bela gravura em cobre.
Exp.: Paulo Ferreira.
- 519—*Riancey* (Henry de)—Vie (La) des saints illustrée en chromolithographie d'après les anciens manuscrits de tous les siècles publiée par F. Kellerhoven texte par . . . Paris 1866.
A pag. 191 trata de Santo Antonio.
Exp.: José Rodrigues Simões.
- 520—*Ricordo* della Basilica di S. Antonio di Padova. 12 cartoline.
Exp.: Dr. Laranjo Coelho.
- 521—*Ricordo* di Padova 32 vedute.
Exp.: Dr. Jordão de Freitas.
- 522—*Rivadaneira* (Pedro)—Vida de San Antonio de Padua, Madrid 1884.
Exp.: José Artur Barcia
- 523—*Santo* (II), rivista antoniana.
Exp.: Afonso de Dornelas.
- 524—*Saviolo* e Franco (Pietro . . . , Benedetto)—Arca del Santo di Padova, ove si contengono gli ordini, e le regole spettanti alla retta amministrazione, e buon governo de Beni, Rendite, ed obblazioni dell' Arca stessa. Compilazione di . . . coll' aggiunta delle parti, e decreti dall' anno 1727 sino all' anno 1765, Padova 1765.
Exp.: Afonso de Dornelas.
- 525—*Sinzig* (Frei Pedro)—Thaumaturgo (O) Santo Antonio, na lenda e na arte, Petropolis 1922.
Exp.: José Campas.

526—*Soane* (R. P. Gianfrancesco da)—Compendio della vita e miracoli del glorioso thaumaturgo Sant'Antonio di Padova, Padova 1885.

Exp.: Dr. Carlos Santos

527—Vita e miracoli piu sorprendente del grande taumaturgo Santo Antonio di Padova 1826.

Dois ex.: um do Dr. Carlos Santos e outro (aberto para mostrar uma das gravuras) de Tude Martins de Sousa.

m) MUSICA

528 - *Canto* (O) do povo dedicado a S.^{to} Antonio, musica de F. Ferreira, versos de Eça Leal.

Exp.: Major Antonio Augusto d'Almeida e Silva.

529—*Santo Antonio* descante de romeiros, fasciculo 54 do 3.^o vol. do "Cancioneiro de Musicas Populares".

Exp.: Gastão de Melo e Matos.

III — VARIA

530—*Quadro a oleo*, sobre madeira, representando a "Histórica capela de Santo Antonio (Entre-as-Vinhas)", na antiga vila de Punhete, actualmente "Notavel vila de Constancia", pelo pintor José Campas. No livro de Frei Braz Luiz de Abreu "Sol nascido etc.," Coimbra 1725, faz-se referencia a esta capela,

Exp.: José Campas.

531-537—*Ex-libris* (sete, com côres diversas) de Antonio Piedade, da Figueira da Foz.

Exp.: Coronel Ferreira Lima.

538—*Encadernação* armoriada, pertencente ao livro "Cultos etc.," com as armas dos Bulhões e de Portugal.

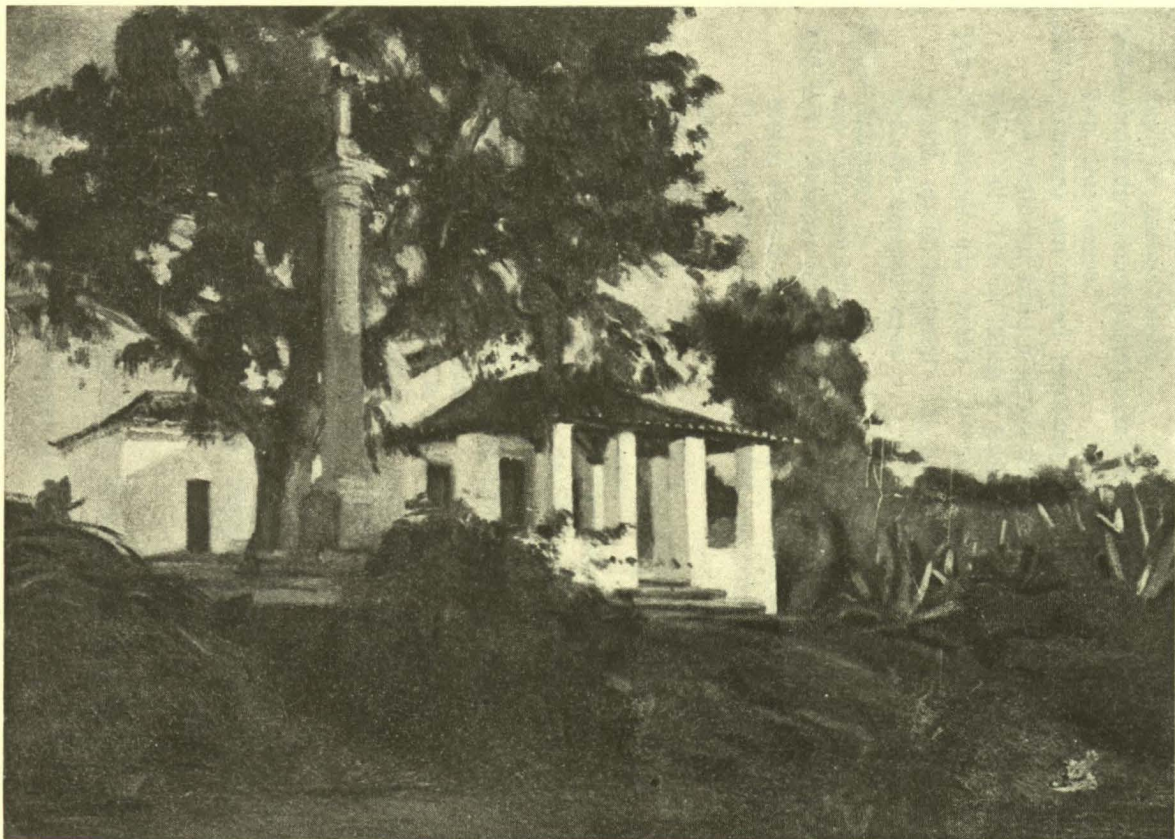
Exp.: Dr. Frederico Perry Vidal.

539—*Pequeno prato* em barro, recordação do 7.^o centenário do nascimento.

Exp.: Major Antonio Augusto d'Almeida e Silva.

540—*Medalha*, em barro, comemorativa do 7.^o centenario do nascimento. Dois exemplares para mostrar o anverso e reverso.

Exp.: Dr. Carlos Santos.



*A histórica capela de Santo Antônio — Entre-as-Vinhas, na vila de Punhete — (notável vila de Con-
stância) 0^m,46×0^m,38 — quadro de José Campas.*

- 541—*Medalhão* sobre placa de marmore.
Exp.: Dr. Laranjo Coelho.
- 542—*Prato* de faiança portuguesa, do 7.º centenário de Santo Antonio.
Exp.: José Campas.
- 543—*Estampa* em papel picotado, com a legenda: «Ditosa Lisboa que deste tal filho á Igreja de Deos.»
Exp.: Abilio Teixeira Rebelo de Carvalho.
- 544—*Ventarola* em cartão. Oferta da casa Salão Mimoso, rua Augusta, no 7.º centenario do nascimento.
Exp.: Dr. Eduardo Neves.
- 555—*Azulejo*.
Exp.: Dr. João Luiz da Fonseca.
- 556-563—*Pendões* (oito) de seda e setim, bordados a ouro, prata e matiz. Pintados, em Antuerpia, por Josef Ratinck e bordados por D. Vansina. Figuraram em 1895, no cortejo do centenario antonino.
Exp.: Monsenhor Domingos Nogueira.
- 564-565—*Pendões* (dois) de veludo carmesim, bordados a ouro.
Exp.: Monsenhor Domingos Nogueira.
- 566—*Quadro* em seda bordado a vermelho, com moldura dourada com o «Verdadeiro retrato de Santo Antonio de Lisboa».
Exp.: Major Antonio Augusto d'Almeida e Silva.
- 567—*Chavão* para bolos. Gravura a ôco em latão. Seculo XVII (?).
Exp. Gustavo de Matos Sequeira.
- 568—*Gravura* com a seguinte legenda: »Nuovo tempio, che ad onore del grande taumaturgo Santo Antonio de Padova si sta erigendo all'Arcella, distante mezzo miglio da quella citá, ove mori nell'anno 1231.
Exp.: Afonso de Dornelas.
- 569—*S. Antonio* di Padova che si venera nella basilica di S. Siro in Genova. Riproduzione di A. Benevenuto. Lomi, dipinse.
Exp.: Afonso de Dornelas.
- 570—*Lenço estampado*.
Exp.: José Artur Barcia.
- 571—*Lenço estampado*, com Santo Antonio e a basilica de Padua,
Exp.: Frazão de Vasconcelos.
- 572—*Lenço estampado* (Companhia lisbonense).
Exp.: José Campas.
- 573—*Fotografia* do tecto da igreja de Santo Antonio dos Portugueses em Roma, pintura de Vieira Lusitano.
Exp.: Afonso de Dornelas.

- 574—*Fotografia* da capela de Santo Antonio, na Basilica de Padua.
Exp.: Afonso de Dornelas.
- 575—*Fotographia* da capela de Santo Antonio, numa igreja de Livorno (com as armas de Portugal).
Exp.: Afonso de Dornelas.
- 576—*Fotografia* da igreja de Santo Antonio, em Lisboa.
Exp.: José Artur Barcia.
- 577-580—*Fotografias* (quatro) da Sé de Lisboa (interior): pia onde foi batizado St.^o Antonio, azulejos relativos a Santo Antonio, cruz marcada na parede pelo santo, etc.
Exp.: Afonso de Dornelas.
- 581—*Bilhete* postal representando a «Eglise de S. Antoine de Pado-ue-Genève, Servette.»
Exp.: Afonso de Dornelas.
- 582—*Bilhete* postal com a morte de Santo Antonio por Ticiano.
Exp.: Major Antonio Augusto d'Almeida e Silva.
- 583—*Bilhete* postal editado, por ocasião de um aniversario de Santo Antonio, pelo major Escrivanis, com a reprodução da imagem do santo pertencente ao regimento de infantaria n.^o 19 de Cascaes.
Exp.: José Rodrigues Simões.
- 584—*Bilhete* postal com o quadro de Murillo do Museu de Dresde.
Exp.: Coronel Ferreira Lima.
- 585—*Bilhete* postal com o quadro de Murillo do Museu do Prado.
Exp.: Coronel Ferreira Lima.
- 586—*Bilhete* postal com o retrato de Santo Antonio por Giotto (basilica de Padua).
Exp.: Coronel Ferreira Lima.
- 587—*Bilhete* postal da Basilica de Padua.
Exp.: Coronel Ferreira Lima.
- 588-596—*Bilhetes* (nove) postaes com os baixos relevos de Donatelo na basilica de Padua.
Exp.: Coronel Ferreira Lima.
- 597-599—*Bilhetes postaes* (três) representando: um deles, Santo Antonio, quadro de Murillo na cathedral de Sevilha e os outros dois, Santo Antonio, quadro do mesmo pintor no museu provincial da mesma cidade.
Exp.: Antonio Cesar Mena Junior.
- 600-602—*Bilhetes postaes* (três) representando: Santo Antonio, quadro existente na basilica de Padua; quadro de Columbano

- e Santo Antonio Pobre (no claustro do convento de Santa Marta).
Exp.: Antonio Cesar Mena Junior.
- 603-607—*Bilhetes postaes* (cinco) representando: Hospital de Santo Antonio do Porto, Nave de Santo Antonio (Covilhã), convento de Santo Antonio (Covilhã), Santo Antonio dos Olivais e igreja de Santo Antonio de Padua (Genebra).
Exp.: Gastão de Matos.
- 608—*Serão antoniano* comemorativo do VII centenario da morte de Santo Antonio de Lisboa. Programa.
Exp.: Julio Eduardo dos Santos.
- 609—*Representação* da «Oratoria Santo Antonio», no Coliseu dos Recreios, em junho de 1931. (Três impressos).
Exp.: Julio Eduardo dos Santos.
- 610—*Impresso* da Associação Protectora da Infancia Santo Antonio de Lisboa.
Exp.: José Artur Barcia.
- 611—*Programa* das festas em honra de S. Antonio, promovidas pela Academia Recreativa de Lisboa, em 1909.
Exp.: José Artur Barcia.
- 612—*Gravura* em madeira tendo dentro da cercadura o nome de «Santo Antonio» escrito á mão.
Exp.: José Artur Barcia.
- 613—*Anuncio* da Casa Gato Preto (Rua da Victoria).
Exp.: José Artur Barcia.
- 614—*Propescto*, com Santo Antonio, do atelier de Pires Marinho.
Exp.: José Artur Barcia.
- 615—*Milagres* (Os) de Santo Antonio. Reclame da casa de Antonio Ignacio da Fonseca em 1889.
Exp.: José Artur Barcia.
- 616-617—*Conhecimentos* (dois) de navios com o nome de Santo Antonio.
Exp.: Frazão de Vasconcelos.
- 618-619—*Summarios* dos privilegios, graças e indulgencias concedidos aos irmãos e confrades da confraria de Santo Antonio de Lisboa. Dois exemplares.
Exp.: Frazão de Vasconcelos.
- 620—*Impressos* com o santuario de Arcella.
Exp.: Coronel Ferreira Lima.

- 621—*Impresso* da Comissão de devotos de Santo Antonio de Lisboa.
Exp.: Coronel Ferreira Lima.
- 622—*Recordação* de Lisboa S.^{to} Antonio 7.^o centenario. 1895. Impresso com vistas e a imagem.
Exp.: Coronel Ferreira Lima.
- 623—*Anuncio* da Casa Memoria de Santos Beirão & C.^a
Exp.: Coronel Ferreira Lima.
- 624-625—*Anuncios* (dois) de um sabonete antonino da Perfumaria Lusitana.
Exp.: José Artur Barcia.
- 626-628—*Marcas industriaes*, com Santo Antonio: da companhia dos Tabacos (uma), do café de Santo Antonio (uma) e da loção rosas de Portugal (uma).
Exp.: Coronel Vieira da Silva.
- 628-650—*Vinte e tres* especies: bilhetes de lojas e papelarias, marcas da companhia de Tabacos, de vinho de Colares, de sabonetes, anuncios, selos, etc.
Exp.: José Artur Barcia.
- 651—*Papel de carta* com a reprodução do quadro de Murillo.
Exp.: José Artur Barcia.
- 652—*Quadro oval*, com moldura preta, com o busto de Santo Antonio e o menino em cêra.
Exp.: José Artur Barcia.
- 653—*Prato de barro* comemorativo do 7.^o centenario do nascimento.
Exp.: José Augusto Barcia.

DUAS MATRIZES SIGILARES ENCONTRADAS EM ALENQUER

COMUNICAÇÃO APRESENTADA NA ASSEMBLEIA GERAL DE 3 DE MARÇO DE 1932

PELO SÓCIO EFFECTIVO

DR. LUCIANO RIBEIRO

A Sigilografia, cujo estudo se tem desenvolvido nos últimos tempos, afora o constituir uma ciência complexa nos ramos da arqueologia, é uma fonte, a meu vêr importante, de elementos para os estudos da heráldica, muito em especial quando as espécies esfragísticas estudadas remontam ás épocas da idade média, tempo do qual os conhecimentos da heráldica estão ainda bastante vagos e longe da perfeição.

E' ainda esta materia subsídio de considerar para o estudo da história, porquanto nos pode trazer ao conhecimento o terem existido personagens até ao momento ignorados, que podem ter exercido cargos de importância e até — quem sabe quantas vezes — terem tido interferência em assuntos ou factos de monta para história geral da nação ou para história restricta duma região ou d'uma localidade.

E' por virtude destes dois factos que aponte que dezejo apresentar as duas matrizes sigilares encontrados na vila de Alenquer.

Antes, porém, de entrar no estudo das espécies a que me refiro, permito-me chamar a atenção de V. Ex.^{as} para Alenquer cuja importância em tôdas as épocas se patenteia quer pela série de monumentos que se encontram na vila e seu termo, quer ainda pela quantidade de espécies prehistóricas que se acham no sub-solo.

Foi pertença da Casa das Rainhas e berço de homens notáveis da nossa terra.

Rica de história, rica de monumentos de várias épocas, que se encontram quer nas formas rígidas da architectura militar quer nos

requintes artísticos das architecturas civil e religiosa onde os ornatos, colunas, corucheus e outras peças trabalhadas finamente deleitam o nosso espírito num ambiente que apraz.

Foi nesta vila que um Alenquerense, meu amigo, o senhor Hipólito da Costa Cabaço, possuidor de um museu curiosíssimo, formado por peças encontradas em Alenquer e seu conselho, achou as duas espécies que tenho o prazer de mostrar a V. Ex.^{as}, encontradas, a primeira nas escavações da Calçada do Espírito Santo, quando das obras ali levadas a efeito, há pouco, para arranjo das canalizações de esgotos, nos quaes tambem se topou com dois silos romanos, ao que me disse o mesmo senhor muito interessantes, mas que a picareta dos trabalhadores reduziu a nada; a 2.^a achada há 3 ou 4 anos n'outras obras realisadas junto ao claustro do antigo convento do Espirito Santo, no Largo do mesmo nome, que foi mandado edificar pela Rainha Santa Isabel.

Passemos agora á descripção das matrizes:

A PRIMEIRA MATRIZ

E' uma matriz de suspensão, pois tem no verso um pequeno anel perpendicular à chapa, colocado no sentido longitudinal.

O todo é de bronze em forma de escudo -- forma esta que segundo os mestres é das mais raras -- tendo na parte central uma simbolisação de certo heráldica, e em torno uma faixa onde corre a legenda, que é:

+ S : AJRAS : MARTJT

A significação heráldica central compõe-se de trez flores de liz em banda acompanhadas de dois machados.

Consultados os nossos mestres da heráldica, não conhecem esta representação.

Procurei, tambem saber quem teria sido Airas Martit, mas não consegui averiguar.

Este nome Martit, que aqui aparece seria forma de Martins? Será nome estrangeiro? Não sei.

O que por acaso consegui saber é que, coincidencia curiosa, no Districto de Aveiro, Concelho da Feira, Freguesia de S. João de Ver,

há uma povoação que se chama *Airas*, e que já em 1155 existia, — Vidé Pinho Leal. —

Nesta povoação ha uma velha casa fidalga que ultimamente pertencia a um indivíduo que se chamava José Correa Leite Barbosa.

Por outro lado Santos Ferreira, no seu «*Armorial Portuguez*», apresenta um brasão dos Martins (de Braga Martins) assim composto:

«Cortado, tendo no 1.^o de negro com 2 palas de ouro e o 2.^o em em fundo de oiro, 3 flores de liz de púrpura».

Ora, na matriz apresentada existem 3 flores de liz em banda.

Repito pois a pergunta:

Será êste nome Martit forma de Martins? será nome estrangeiro?

Aqui teem um problema os senhores heraldistas.

De que época é esta matriz?

Se a compararmos com aquella que o nosso consocio Sr. Armando de Matos encontrou no museu municipal de Vila Nova de Gaya, e sobre a qual apresentou uma comunicação à Secção de Diplomática da nossa Associação em 25 de abril do ano passado, verificamos sem dificuldade a semelhança que existe entre as duas espécies.

Pela composição e talhe quer das flores de liz quer dos caracteres existentes no exemplar Alenquerense, comparados com a flor de liz e caracteres da encontrada pelo nosso consocio Sr. Armando de Matos, cuja reprodução está publicada no seu trabalho intitulado «*Uma reliquia Sigilar*», podemos concluir que ambas são da mesma época, aproximadamente.

A legenda é em ambas aberta em caracteres unciaes com alguns latinos. A separação do S — abreviatura de *Sigillum* é feita por dois pontos ao alto.

Serão estes exemplares — o que apresento a V. Ex.^{as} e o apresentado pelo Snr. Armando de Matos da epocha de transição da escrita latina para a uncial, como este nosso consocio aventa?

E' possível.

O nosso consocio — investigador ilustre — Senhor José Cordeiro de Sousa, nos seus apontamentos da Epigrafia Portuguesa, Lx.^a 1928, a pg. 11 diz:

«Com o declinar da 1.^a metade do Seculo XII aparecem entre nós os primeiros caracteres góticos maiusculos ou unciaes (do baixo latim *untia*) por entre os caracteres romanos das velhas inscripções».

D'aqui, e tendo em conta que nos caracteres empregados ha alguns que não teem, ao que penso o aspecto dos empregados nos seculos XV e XVI, e que o escudo boleado foi usado não só depois do final do seculo XV em que em definitivo foi introduzido entre nós, mas que já anteriormente ao gótico ele se usou em Portugal, podemos inferir que as especies, apresentadas possam pertencer aos seculos XIII ou XIV. (1)

Consultei sobre o assunto o nosso consocio Cordeiro de Sousa, que emitiu a opinião de que se trate de um exemplar do final do seculo XV ou seculo XVI, mas consultando tambem o nosso consocio Snr. Conde de Sampaio sobre o significado da figuração heraldica, é S. Ex.^a de opinião de que se trate de especies do seculo XIII ou XIV, pelos motivos a que acima aludo e ainda pela forma do escudo que não tem os lados parallelos.

Aqui ficam as opiniões de pessoas conhecedoras, uma de epigraphia, outra de heráldica, materias em que são mestres, e que na discussão destes problemas são quem deve ter a palavra, a ver se se pode chegar a uma conclusão.

A SEGUNDA MATRIZ

E' como a primeira uma matriz de suspensão, pois que, no anverso, tem um anel colocado perpendicularmente á chapa de bronze e colocado no sentido longitudinal.

Tem a forma triangular com os lados lobados. No verso, aberta a buril, dentro do triangulo, tres chaves ao alto com o palhetão voltado para a esquerda do observador. Nos lobulos corre a legenda:

M || A || R || T

lobulo superior

I || N || : || G || O

lobulo lateral
direita do observador

M || E || S ||

lobulo lateral
esquerda do observador

E' na verdade esta peça bastante curiosa, pois que a gravação no bronze está feita de modo a que a sua leitura se faz ao direito para

(1) Ainda temos que considerar que o nome Airas é uma forma que me parece bastante medieval, o que me ajuda a corroborar esta hypothese.



Primeira matriz



Segunda matriz

quem lê na chapa, de sorte que quando sirva para reproduzir, na cera ou no lacre, dá a imagem ao inverso. Como explicar o facto?

Porque a gravação tivesse sahido assim erradamente? Não me parece de aceitar, pois que a pessoa a quem ela se destinava devia ser pessoa de qualidade não querendo, decerto, que o seu selo apparecesse gravado em negativo.

Ainda, tomado este caso como possivel, e que o tal Martim Gomes não o usasse, não deveria parti-la, tanto mais que tal era habitual até quando da morte da pessoa que usava o selo?

Não sei explicar.

Esta matriz é na forma, e nos caracteres semelhante á de um selo existente na Biblioteca Nacional, e que o seu illustre Director e nosso consocio Senhor Tenente Coronel Costa Veiga, teve a gentileza de me fazer mostrar. Pertenceu esse selo a Pero Martins Botelho, que viveu no final do seculo XIII principio do seculo XIV, visto que o documento a que está junto é do 1.º quartel do seculo XIV.

Vejamos agora a representação das tres chaves que formam a parte central desta especie.

Tomada a representação como simbolo heraldico, é ela dos nossos heraldistas desconhecida.

Sugere-se-me porem uma possivel explicação.

Sendo Alenquer uma vila que já ao tempo de tomada por D. Afonso Henriques aos mouros era acastelada, que tinha alcaide, não teria este Martim Gomes sido um dos alcaides ainda desconhecidos de Alenquer, e as tres chaves exactamente a simbolisação do cagro, representando as chaves do castello?

A relação dos alcaides conhecidos de Alenquer, é muito falha. Ha lapsos grandes de que não ha noticia, ao que eu saiba, de quem foram os alcaides do castello.

Começa a lista por Gomez Mendez, cujo nome figura na carta datada em 1199 em que El Rei D. Sarcho o avisou e a mais alguns alguns alcaides das vilas proximas da vinda dos francezes e os auctorisou a receber e bem tratar os mesmos estrangeiros. Anteriormente a esta data nada sei e de nada dei noticia.

A seguir encontra-se outra data: 1279, na Alcaidaria de Pero Fernandes. Vem depois Vasco Martins de Altero, nomeado alcaide mor interino em 1367. Estevão Vasques foi nomeado em 1372. Ha a presunção de que João Gomes Gomide tivesse tido a alcaidaria, mas

não se sabe quando foi nomeado. Vasco Pires de Camões, terceiro avô por varonia de Luiz de Camões, é o alcaide que depois nos aparece no comando do castelo. Ha agora um intervalo de quasi um seculo sem nada se conhecer, até que no reinado de D. Manuel nos aparece Gonçalo Gomez de Azevedo. E segue a lista com que não quero massar mais V. Ex.^{as}, e que vem publicada por Guilherme João Carlos Henriques no «Alenquer e seu concelho» 1.^a edição a pg. 107 e seguintes.

Como se vê ha aqui saltos de anos, que nos permitem por a hypothese de que Martim Gomez fosse um dos alcaides ainda desconhecidos de Alenquer.

Por fim, qual a epoca a que se pode reportar esta especie?

Nova dificuldade.

Pela forma do anverso pelo material empregado e pela maneira do trabalho parece coeva da 1.^a que apresentei.

Os caracteres aqui empregados são mais caracteristicamente unciaes do que na outra matriz. Tem porem a separação das palavras feita por dois pontos ao alto e não por trez pontos nesta posição, como era de habito colocar na separação das palavras na escrita uncial, como Cordeiro de Sousa refere no seu já citado livro de Epigrafia.

Consultei tambem este nosso consocio sobre a epoca a que poderiamos reportar estes caracteres, e emittiu S. Ex.^a a opinião de que deverão talvez ser do século XIV até final do seculo XV, tanto mais que a legenda está escrita em portugûes.

Por comparação com o selo existente na biblioteca nacional a que já me referi, com a qual tem semelhança flagrante, reputo-a, salvo o devido respeito mais antiga e coeva da de Pero Martins Botelho.

Para terminar, e porque àcêrca das espécies que vim mostrar a V. Ex.^{as}, nada mais fiz do que expor hypotheses, devo a todos os que me deram a honra de me escutar uma explicação. E' que, se não vim trazer os problemas resolvidos, julgo assim mesmo, da maior utilidade no campo desta matéria dar a conhecer aos estudiosos o material que, não me tendo sido possível utilizar para base de um estudo definitivo, possa servir, em conjunto com aqueles que outras pessoas consigam coligir, para solidamente ali cerçar trabalhos que nos levem a todos ao conhecimento perfeito e sistematizado de um

assunto de interesse grande, como o d'esta matéria, tal como ao princípio eu disse.

Finalmente, o estudo das espécies que aqui vim trazer, como o de outras da mesma natureza tem um duplo interesse:

1.º -- A apresentação das simbolizações presumivelmente heráldicas que os selos nos mostram, para seu possível estudo ;

2.º -- A notícia dos personagens a quem êsses sêlos pertenceram, os quaes devem em vida ter tido funções de importância e que, como aqueles a quem se referem as matrizes que apresentei ao que julgo, estão ainda ignorados na historia.

FREI LUÍS DE SOUSA
NA
HISTORIA PORTUGUESA DAS LETRAS E DAS ARTES
— FREI LUÍS DE SOUSA,
MESTRE DO PATRIOTISMO LUSÍADA

COMUNICAÇÃO LIDA EM ASSEMBLEIA GERAL DE 7 DE MAIO DE 1932
PELO SÓCIO EFECTIVO TITULAR

LUÍS CHAVES

A 5 de Maio de 1632 morria no convento de S. Domingos de Bemfica, às-portas-de Lisboa, o que fôra Fr. Luís de Sousa em religião e nas letras, Manuel de Sousa Coutinho no mundo das coisas e dos homens.

Festejam o quarto centenário da morte dêste homem as agremiações cultas de Portugal. Quis eu então evocar também nesta casa o vulto português que se comemora, e creio assim honrar as tradições familiares destas salas augustas.

Fr. Luís de Sousa foi alguém. E é necessário definir a sua personalidade intelectual e moral, tanto no seu tempo como nos séculos seguintes até hoje.

Fala-se muito e sem tino, constantemente, na nossa decadência no século XVII. Decadência em quê? Porque não encontrámos mais ilhas perdidas, nem havia mais Indias ou Brasís aonde chegássemos? Porque não havia mais Camões para mais Lusíadas?

E, todavia, é larga bastante para o desmentido a lista bibliográfica do século. Nela há nomes como os de: *D. Francisco Manuel de Melo*, o prosador mais substancioso e conciso da lingua portuguesa e um dos maiores eruditos do seu tempo, na apreciação de Rebelo da Silva, na sua *História de Portugal nos séculos XVII e XVIII*; *Francisco Rodrigues Lobo*, que Garrett com justiça pôs na vanguarda dos bucólicos portugueses, e Camilo afirma leva vantagem a todos os poetas portugueses na pintura da natureza, até na admirável e terna saudade e tristezas da solidão, sendo superior a Sannazaro, seu mestre; *Antonio Vieira* e *Manuel Bernardes*, os maiores padrões da eloquên-

cia portuguesa; *Gabriel Pereira de Castro*, *Brás Garcia Mascarenhas* e *Francisco de Sá de Menezes*, na poesia épica, o primeiro com a *Ulyssea ou Lisboa edificada*, o segundo com o *Viriato Tragico*, e o último com a *Malaca conquistada*, «um dos derradeiros títulos de glória da litteratura portuguesa», na opinião de Garrett; místicos como *Soror Violante do Ceo*, a «décima musa portuguesa», *Fr. António das Chagas*, *Fr. Jerónimo Vahia*; eruditos e historiógrafos como *António de Sousa de Macedo*, *António Brandão* (que para Herculano foi «uma «das mais nobres intelligencias que Portugal tem gerado e um illustre «restaurador da historia patria»), *Diogo de Paiva de Andrade*, *Faria e Sousa*, *Severim de Faria*, *D. Luís e D. Fernando de Menezes*, *D. Rodrigo da Cunha*, *Amaro de Reboredo*, *Jorge Cardoso*, *Baltazar Teles*, etc.

E o celebrado de hoje: *Fr. Luís de Sousa*.

As academias (dos *Generosos*, dos *Singulares*, etc.) tiveram voga no movimento geral europeu, prestaram a sua parcela de trabalho, que as do século XVIII aproveitaram e, melhor ou peor, contribuíram para a obra de joalheria nacional do século XVII, que foi o primor da língua. A quantidade e a qualidade não denotarão interesse intelectual, actividade mental?

Géneros literários houve que, como o teatro clássico, à italiana, não passaram do séc. XVI por inadapáveis à nossa índole literária; outros foram continuados e até excedidos, como o bucolismo, que teve o apogeo no Theócrito português, Rodrigues Lobo, ou evoluíram como o teatro com D. Francisco Manuel de Mello e como a história; criaram-se novos géneros como a sátira, a relação jornalística, a memória histórica, a epistolografia, a grande oratória, que serviram lição e abriram horizontes explorados no século imediato

O gongorismo, marinismo, preciosismo, eufuismo, etc.? Que diferença fazem do baroquismo na arte? Há o barôco da literatura e da arte no séc. XVII como em outros séculos, na antiguidade e na modernidade, quando haja pujança do pormenor, superabundância da decoração, luxo de cenário, opulência no secundário. O gongorismo não é um estilo, mas o que Friedrich Schürer disse do barôco — estrutura especial de um estado de alma e de especial sensibilidade (*Volkstum und Kultur der Romanen*, Hamburgo, 1.º fasc. de 1930, págs. 55-57).

O século da nossa prosa, aquele em que ela adquiriu a maioridade,

foi êste. Os grandes, os maiores mestres da nossa língoa estão no século XVII. Então que decadência literária é esta?

Precisamente, Fr. Luís de Sousa é um dos grandes entre os maiores. Correcto, elegante, grande.

Bastava esta consideração, para o não esquecermos. Agora o comparo a êsse extraordinário escultor português do sec. XVII, que foi o maior da Península e o terceiro na escola dos grandes escultores, a principiar em Miguel Ângelo. Refiro-me a Manuel Pereira, que D' Elias Tormo recentemente nos revelou em todo o vulto da sua obra.

*

* *

A história modificou-se no conceito e na forma. As *Décadas da Índia*, de João de Barros e Diogo do Couto, o *Tratado dos diversos e desvairados caminhos...* de António Galvão, rasgaram rumos novos. As *Lendas da Índia*, os *Commentários de Affonso de Albuquerque*, etc. confirmam em géneros menores a feição nova, que as necessidades emergentes impuseram. E, se crónicas houve ainda, como as de Damião de Goes, tinham vastidão maior que as dos tempos idos, ganharam período de maior oscilação.

Frei Luís de Sousa escreveu ainda nesta forma, ao geito velho, os *Annaes d'el-rei D. João III*; mas que distância das crónicas antigas! A disposição dos factos, o método, a informação, a interpretação objectiva, são novidades. Decerto não podemos exigir no século XVII que Fr. Luís de Sousa escrevesse história com o rigor científico dos séculos XIX e XX. O ambiente em que vivia, suggestionava-o. Nem expurgou da narrativa as lendas, que não podia pôr de parte, porque eram integrantes da sociedade e do próprio historiógrafo, nem, para circunstâncias diferentes, usou de espírito crítico, o que se lhe censura, como se a história, sciência ou arte, não fôsse de hoje no seu conceito e no método, que a disciplina intelectual reclama e impõe.

O género da «memória histórica» observa-se na *Vida de D. Fr. Bartolomeu dos Mártires* (Viana, 1619). A ampliação dos limites da crónica, apertada entre as divisórias de um reinado, alcança em espaço e em tempo tôda a *História de S. Domingos*, desde a introdução da ordem no Reino, nos fins do ano de 1217, séculos fóra, ligando, na sequêcia dos factos, os de carácter interno da Ordem com os de

esfera externa ou da política dos Reis. Porque a Ordem tomou grande incremento, e foi brilhante a sua acção na metrópole e no ultramar, todos os seus anais reflectem a vida nacional e nela se reflectem. Assim o âmbito da historiografia se desenvolvem, e Fr. Luís de Sousa foi um dos seus cultores e iniciadores.

A-cada-passo se refere às fontes, cinge-se a factos, descreve os acontecimentos, é objectivo.

Neste sentido, é com António Brandão um percursor da historiografia de século XIX, que busca nas fontes documentais a estratificação dos séculos. E' um historiador do século XVII, e é no século em que viveu, que hemos de o colocar, como elo dos elos da cadeia dos séculos. E nele é criador. Se não se adapta inteiramente ao plano que êle próprio traçou, — e, se o realizasse, não seria do seu século, — é que a visão da história por êle criada sobrepujava as possibilidades de realização; nesta perspectiva temos de o ver. Repito: ultrapassou a época no conceito, que tinha da história; não realizou êsse conceito, porque objectivamente o não podia fazer no meio e no tempo em que viveu.

«*Não pareça n'elles cousa que faça a verdade suspeitosa, sendo ella só a que dá alma, e vida à historia*», — disse Fr. Luís de Sousa, referindo-se aos «escritos» (não pareça *n'elles* cousa) de género histórico (pág. 153). E' a confissão de honestidade do historiador.

*

* *

A Ordem dominicana passa a nossos olhos no rosário dos séculos, desde que D. Frei Soeiro Gomes entra em Portugal, em 1217, êle que «prégou, e fundou, e mais dilatou» a Ordem cá, e foi Provincial da Espanha em 1221, e era português, nobre e letrado. E' o reinado de D. Afonso II; são as lutas do Soberano com as Infantas, irmãs suas, D. Teresa, D. Sancha, D. Branca; é D. Fr. Soeiro Gomes, eleito por ambas as partes litigantes, a intervir como juiz na contenda grave entre D. Sancho II e o Arc. de Braga, e a assistir à escritura de composição entre o Rei e as Infantas, suas tias, em 1223. E' S. Fr. Gil, que sucede a D. Fr. S. Gomes, a tentar influir no ânimo rebelde do Monarca, descuidoso e arredoio, a quem intima a deposição, imposta pelas cartas pontifícias. São as casas fundadas pela Ordem.

Alguns dados a confirmar ou rectificar, em qualquer dos casos, porém, de importância, nos dá o historiador com a notícia da fundação, situação e condições, origem e incremento, das casas conventuais, para a bibliografia artística e para a contribuição da Ordem no movimento da arte portuguesa.

Em Alenquer oferece a Infanta D. Sancha a D. Fr. Soeiro Gomes terras na Serra-de-Montejunto, onde foi edificado o primeiro convento da Ordem, com a invocação de N.^a S.^a das Neves, o qual teve exercício monástico desde 1218. A Infanta D. Branca oferece também terra e edificio em Coimbra, junto do rio, em 1220 talvez, para outro convento. O de Alenquer passou depois para o sítio de Monteirás, em Santarém. Guimarães recebeu os Dominicanos no Hospital, que foi por isso chamado de S. Domingos. Até aqui só conventos de frades; por 1224 é fundado o primeiro convento de freiras em Chelas. Seguem-se os conventos da Ordem: no Pôrto, de que foi «autor, fundador e padroeiro» D. Sancho II em 1239, que D. Denis tomou sob a sua protecção e onde se vê a esfera de D. Manuel I; em Lisboa, por 1249, êsse à nossa vista, ali no Rossio, obra inicial de D. Sancho II, reconstrução e ampliação de D. Afonso III; em Guimarães, derribado e reconstruído noutro logar em 1270; em Elvas, a fundação do convento dos Mártires; em Évora, Mosteiro de Freiras de S.^{ta} Catarina de Sena, em 1286; em Santarém, o de S. Domingos das Donas; em Gaia, o de Corpus Christi; na Batalha, o Real Convento de N.^a S.^a da Vitória, doado à Ordem no ano de 1388; cêrca de Lisboa, o convento de S. Domingos de Bemfica; pelos séc. XV e XVI, além: o de Ceuta, depois em Tânger, o de Azeitão, o de Jesus em Aveiro, os de Abrantes, Pedrógam-Grande, Leiria, Almeirim, Montemor-o-Novo, Moura, Alcáçovas, Almada, o Mosteiro da Anunciada, em Lisboa, do Paraíso em Évora, o Colégio de S. Tomás de Coimbra, os mosteiros de N.^a S.^a da Rosa em Lisboa, de S. João me Setúbal, de S. Gonçalo em Amarante em 1540, por ordem de D. João III, o do Sacramento em Lisboa...

Descrições dos logares, informações de obras e de preciosidades, deleitam o espírito, encantam a inteligência, aguçam a curiosidade.

Com êstes dados, que servem de guia artística, vêm outros que engrandecem a obra evangelizadora da Ordem, e são padrões seus no mundo português: são as missões, é o martirológio, os conventos de Ceuta e Tânger, missões na Guiné, Congo, Índia, conventos em

Chaúl, Cochim, Macau, nas Ilhas de Solar e de Ende, em Cambodja, Malaca, Sião, Bengala, Etiópia, Moçambique...

Um cordão de memórias portuguesas a cingir o mundo.

*

* *

Êste o escritor, o purista, o historiógrafo. Agora o patriota. A alma lusíada, tinha-a êle demonstrado no apêgo à língua pátria e à terra nacional. Demonstra-o a vida também.

E, meus senhores, é um exemplo claro de que também a decadência moral não existia no século XVII, êste de Manuel de Sousa Coutinho.

Temos inconscientemente atraído a memória dos nossos antepassados, atribuindo a venalidade e rebaixamento dos Portugueses a entrega do Reino a Felipe II. Nunca se lembrou ninguém de perguntar se tínhamos força para vencer. E os governadores das praças, que foram enforcados, porque resistiram? E os combatentes de Alcântara, onde D. Francisco de Portugal, da Casa de Vimioso, era capitão general e condestável do Prior do Crato, e o qual tão bem se bateu de montante em punho contra a gente de Espanha? E Febo Moniz?

Que o povo resistia passivamente. Que a nobreza resistia, como podia. Que o império ultramarino era reconquistado. Que os conventos eram centros de resistência, conjura e revolta. E, se não fôra assim, quem faria e como se faria o 1.º de Dezembro de 1640? Tudo mostra que a unidade nacional se mantinha integralmente. E' o segredo da vitória na Guerra da Restauração.

Manuel de Sousa Coutinho, ao queimar o seu palácio de Almada, quando os Governadores do Reino, em 1591, fugindo à peste de Lisboa, exigiam aposentadoria na casa dêle, prova o estado de espírito nacional, e aquela fogueira aqueceu a alma portuguesa. Ora o irmão mais velho, Ruy Lopes Coutinho, aceitara a legitimidade do Rei espanhol no trono português, pondo acima do sentimento português o que entendia ser a política realista do momento. Não obstante, Manuel de Sousa Coutinho procede ao invés.

Êle, que se batera nas galés da Ordem de Malta, onde noviciara, e fôra cativo de mouros em Argel, trouxe a alma rija de quem põe o oração acima das conveniências. De regresso a Portugal, português

acima-de tudo, aqueceu no fogo de sua casa, incendiada pela própria mão, a esperança de um dia grande para Portugal libertado.

E, caso curioso, é ainda dêsse pôr-do-sol, nos séculos que se foram, o clarão do incêndio que no séc. XIX a sugestão dramática de Garrett reavivou, e, acima do pedestal de Fr. Luís de Sousa, tinge o fundo do quadro onde avulta, vive e cada vez se engrandece mais Manuel de Sousa Coutinho.

O lusitanismo dêste lusíada é herva-santa em manhã de S. João. Rejuvenesce e alenta.

E' que não devemos esquecer nesta hora um português, que foi grande nas letras, grande no sangue, grande no amor à terra pátria.

TRÊS LIVROS PERUANOS QUE SE OCUPAM DE ASSUNTOS PORTUGUESES

COMUNICAÇÃO APRESENTADA À SECÇÃO
DE BIBLIOGRAFIA E BIBLIOLOGIA EM 16 DE NOVEMBRO DE 1931
PELO SÓCIO EFECTIVO TITULAR

GASTÃO DE MELO DE MATOS

Possuo uma edição espanhola ilustrada (Montañer y Simón, Barcelona, 1893-4) do livro *Tradiciones Peruanas* escrito pelo director da Biblioteca Nacional de Lima, o notavel escritor Ricardo Palma.

Segundo se vê de uma advertencia do editor, este suprimiu na edição a maior parte dos artigos de natureza propriamente histórica, os estudos biográficos e outros. E' claro que, sob o nosso ponto de vista, suprimiu o melhor e mais util; como se tratava de incluir esta obra numa colecção de livros de literatura recreativa, quase só ficaram as narrativas de character romanceado, embora todas ou quasi todas com bases em noticias históricas ou em tradições.

Alem disso, na edição só figuram as oito primeiras séries de tradições, publicadas de 1861 a 1891, enquanto que o autor, que ainda era vivo em 1918, publicou até esta ultima data mais três novas séries.

Como não consegui achar uma edição completa (só na B. N. L. há um exemplar desta obra, da mesma edição do meu, mas falto do terceiro volume) as minhas considerações são forçozamente parcellares, e é muito de supôr que as relações entre este livro e a história portugêsa sejam bem mais numerosas e interessantes do que aquelas de que vou falar.

O livro, escrito em estilo vivo e saboroso, oferece um grande interesse literário, mas não é desse que temos a tratar; procuraremos apenas indicar as noticias que nêle se relacionam com Portugal.

Em primeiro logar, parece que no vice-reino do Peru habitaram durante a epoca colonial, muitos cristãos-novos portugêses; segundo

o auctor, que tambem escreveu um *Anaes da Inquisição de Lima*, era sobre êles que principalmente se exercia a acção inquisitorial. A este respeito, Palma, como é natural em um homem nascido em 1833, reedita os estafados logares comuns liberaes (cubiça dos bens dos condenados, violencias do tribunal, etc.) cuja inanidade demonstrou a critica moderna. Interessa-nos, porém, a existencia dessa numerosa colonia judaica, que parece ter colaborado em tentativas contra o dominio espanhol do Peru que se tramaram no Brazil depois de 1640.

Os cristãos-novos idos de Portugal, ou talvez principalmente do Brazil, devem ter sido bastante numerosos, porque o autor muitas vezes os designa simplesmente por *portugueses*, nome que parece ter-lhes sido dado tambem noutros pontos em que tiveram colonias importantes. Constituïam um agrupamento importante pelas suas riquezas; di-lo Palma repetidas vezes e é plausivel que assim fôsse. O que julgo menos provavel é o seu interesse pelo dominio portuguêz, a menos que não conspirassem no Peru com os portugueses contra os espanhoes, como no Brazil conspiraram com os holandeses contra nós.

E' de notar que nem todos os portugueses que habitavam no vice-reino deviam ser cristãos-novos, porque alguns desempenhavam cargos no Santo Oficio segundo um documento official. Mas é facto que muitos se dedicavam ao commercio porque em 1641, tendo sido mandados internar os portugueses, não se applicou esta disposição aos que residiam no Callao porque «si se paraua a echar los de alli auia de cesar la merchanteria, que se compone gran parte de esa gente» diz a memoria de governo do vice-rei Marquês de Mancera (1).

Como é sabido, o vice-reino do Peru abrangia os territórios com que no século XVIII foi constituido o vice-reino de Buenos Aires. E' provavel que fosse nestas provincias limitrofes da costa do Brazil que se houvesse fixado maior numero de portugueses. Quanto

(1) *Memorias de los Virreys del Perú Marquês de Mancera y Conde de Salatierra*, publicadas por José Toribio Polo, Lima 1899. O governo destes vice-reis abrange o periodo de 1639 a 1655. As *memorias* eram uma especie de relatórios em que os vice-reis davam conta do seu governo; tambem foram publicadas as dos outros vice-reis, mas não existem na B. N. L. Segundo diz Palma (*Trad.*, I, 220) o total dos portuguêzes atingidos por uma ordem de expulsão de 1642 excedia seis mil; as *Mem.* não se referem a tal ordem.

eram ali numerosos se pode avaliar pela obra de Lafuente Machain *Los portugueses en Buenos Aires* (Madrid, 1931, que se refere à origem judaica de muitos, mas não a qualquer participação importante nas tentativas portuguesas contra o dominio espanhol na America.

Tratando-se de uma edição incompleta, não me sobrou paciencia para tomar nota de todas as referencias a Portugal e a portugueses que são bastantes e sem grande importancia. Apenas farei duas indicações de character literário.

* * *

O livro é garrettiano sem o saber; com efeito no primeiro vol. pag. 78, figura um verso de Garrett sem nenhuma referencia a este, e por forma a poder-se julgar da autoria de Camões, que Ricardo Palma parece supôr ter sido inteiramente cego:

“y si el cantor de *Los Lusíadas*, el desgraciado amante de Catalina de Ataíde, hubiera antes de perder la vista, colocado su barba bajo las ligeras manos y diestra navaja de Ibirijuitanga, de fijo que la menor galanteria que habría dirigido á Transverberación habría sido llamarla:

Rosa de amor, rosa purpurea y bella.

Y ¡por el gallo de la Pasión! que el bueno de Luis de Camoens no habría sido lisonjero...”

* * *

No terceiro volume, pags. 233-252, teve o editor a feliz ideia de deixar ficar um artigo bibliografico *Los planideros del siglo pasado* sôbre as relações de exequias impressas em Lima no século XVIII. Entre elas figuram duas respeitantes a Portugal e que não conheceu Bernardes Branco. (1)

(1) Provavelmente ambas as obras são raras, pelo menos em Portugal. Como se verá, a uma delas não achei referencia que não fôsse a de Ricardo Palma, e a outra é tambem desconhecida dos bibliografos portuguezes, tendo escapado mesmo às investigações do nosso ilustre consocio, o senhor Ernesto Soares, que ultimamente publicou na revista *Feira da Ladra* uma interessante noticia bibliográfica sobre as obras necrológicas dedicadas à memoria de D. João V, em que fez figurar numerosas espécies desconhecidas dos que antes tinham tratado do assunto.

Consegui encontrar a primeira na B. N. L.. E' um livro 4.º e de aspecto bastante máu que prova que a imprensa no Perú estava bem longe de se comparar com a europeia da época. Por exemplo, no próprio título entre as letras maiúsculas foram intercalados ñ ñ minúsculos, sem dúvida por falta de tipo.

O seu título que Palma não cita correctamente, é:

RELACION DE LAS
EXEQUIAS, Y FUNEBRE POMPA,
QUE LA MEMORIÁ DEL MUY
ALTO, Y MUY PODEROSO SEÑOR,

EL SEÑOR

D. JUAN V.

EL FIDELISSIMO

REY DE PORTUGAL, Y DE LOS ALGARBES,
MANDO ERIGIR EN ESTA CAPITAL DE LOS
REYES EL DIA 8 DE FEBRERO DE 1752
EL EXCMO. SEÑOR DON JOSEPH MANSO
DE VELASCO, CAVALLERO DEL ORDEN DE SANT
Iago Conde de Super-Unda, Gentil-Hombre de
la Camera de S.M. (que Dios guarde) Theniente
General de los Reales Exercitos, Virrey Go-
vernador, y Capitán General de estos
Reynos del Perú

DE CUYO ORDEN LA ESCRIBIA EL R. P. M. JO-
seph Bravo de Rivero de la Compañia de Jesús Cathedra-
tico, que fue de Philosophia, y Theologia en la Real Uni-
versidad de S. Francisco Xavier de la Plata, y des-
pues de Theologia en el Colegio Maximo de
S. Pablo de Lima

Con Licencia de los Superiores, em Lima, en la Imprenta
de la Calle de Palacio. Por *Carlos Marin*. A. de 1752.

A éste rosto segue-se uma folha em cujo verso está a *Fee de Erratas*; depois começa uma descripção das pompas fúnebres precedida de larguíssimas considerações sôbre D. João V e sôbre ge-

neralidades filosóficas, tudo no estilo pomposo e recheado de citações dos eruditos do século XVIII. (1)

Resumindo as notícias do livro, vê-se que, em virtude de uma real cédula que vem transcrita na pag. 94, e que é datada de 19 de Janeiro de 1751, se fez em Lima mais de um ano depois uma comemoração fúnebre que constou essencialmente da erecção de uma eça decorada na capela que estava servindo de Catedral, um cortejo em que tomaram parte as autoridades, exequias, etc.. O ouvidor D. Pedro Bravo de Rivero, sem dúvida parente do autor, foi encarregado pelo vice-rei de dirigir esta comemoração.

No fim da descripção das exequias vêem transcritas as poesias que para o acto escreveram numerosas personalidades; primeiro estão as poesias das corporações (Universidade de S. Marcos, religões de S. Domingos, de S. Francisco, de Santo Agostinho e da Mercê, Colegios de S. Paulo, de S. Filipe, de S. Martim e de Santo Toríbio) que ocupam as pags. 187 a 306 e depois as dos particulares (nove se me não engano) que chegam a pags. 354.

Estas poesias são latinas e castelhanas e abundam entre elas as complicadas produções da época, como sonetos reversíveis, acrósticos, sonetos com ecos, etc. Como mais interessante para Portugal, notarei (pg. 326) um labirinto da composição do licenciado D. Felix de Colmenares que tem a forma de uma cruz de Cristo, mas sem o campo aberto, e na qual, partindo de um D central, se lê em todas as direcções: *Dad a D. Juan V una vida.*

Os unicos versos portuguezes que há no livro figuram no corpo da narração. Ali se diz (pg. 147) que a eça era ornamentada por uma inscripção latina e tinha em cada uma das faces um medalhão em que figurava uma poesia; era a primeira um soneto castelhano

Mientras la tuba à nuestra vista esconde

.....

(1) Como exemplo de prolixidade, basta dizer que ocupa dez páginas uma simples comparação entre a dôr dos rios que choram D. João V, o Tejo, o Danubio, o Manzanares e o Rimac «quatro Rios que podian sêr los del Paraíso, a no sêr aquél de delicias, y estos de llanto».

a segunda um soneto italiano

Dapoi che dalla Parca il colpo forte

.....

a terceira um soneto português e a ultima uma eiegia francesa

Et Jean, Parques, finit? Non pas, je ne le croy

.....

Ignoro se o soneto português era especialmente feito para esta ocasião; o caso é que não o conheço impresso, embora seja muito possível que êle se ache copiado em alguma das numerosas miscelâneas poeticas que impressas e especialmente manuscritas tão frequentemente se encontram por toda a parte.

Ei-lo, na propria ortografia do livro:

O Rey, cõvosco o Regno hê sepultado
 sê luz, sê ser, sê paz, sê pay, sê vida
 sêm luz; por que Sem vos à tẽ perdida;
 sê ser; por que seu ser he ia acabado

Sê paz; por que, se paz tinha seu estado,
 A vosso forte braço era devida
 Sem pay; por que da mão engrandecida
 amparo tinha ò mais desamparado

Sem vida; por que em vos se conservava
 todo o brio da gente Portuguesa
 Morta sem vos, cansada è afligida

Mas pois por vossa morte lhe ficava
 em vosso filho à mesma natureza
 tem luz, tem ser, tem paz, tem pay, tem vida.

No exemplar da B. N. L. á pg. 354 e sem numeração, mas com cabeça semelhante e como se fizesse parte da mesma obra, segue-se com o titulo de *El Moyses Lusitano* a oração funebre que nas exequias pronunciou o padre D. Estevam José Gallego; alguém numerou a lápis as folhas do livro; as que correspondem a esta parte da obra são as fls. 181 a 209, das quaes as primeiras dez estão occupadas pelas aprovações e licenças. Parece que Palma não conheceu este complemento.

*

* *

O outro livro citado por êle no mesmo artigo e referente a Portugal chama-se *Pontual descripcion, funebre lamento y suntuoso túmulo de la regia dohente pompa con que en la Iglesia Metropolitana le la Ciudad de los Reyes, corte de la America Austral mandó solemnizar las reales exequias de la Serenisima Señora Doña Mariana Josefa de Austria, Reina fidelísima de Portugal y de lus Algarbes, el día 15 de marzo de 1756, el activo celo del Excelentissimo Sr. D. José Manso de Velasco, Conde de Super-Unda y Virrey del Perú — De cuyo superior mandato la escribe el R. P. F. Alejo de Alvites, del orden seráfico — Año de 1756; volume de 247 pgs. 4.º*

A descripção do livro é bastante mais extensa e nela se diz que lá figuram versos em portuguez; alem dos habituaes acrósticos, ecos, etc., e como mais curioso, refere-se Palma a um poema em oitavas, em cada uma das quaes todas as palavras começam pela mesma letra. Não encontrei nenhum exemplar desta obra em qualquer das bibliotecas de Lisboa, nem tam pouco achei noticia dela em algum dos variados catálogos que consultei.

*

* *

Em resumo encontramos três nomes a acrescentar à lista de auctores estrangeiros que tratam de assuntos portuguezes; talvez com respeito ao Peru o seu numero aumentasse, mediante a consulta de uma edição completa do livro que me serviu de guia, e dos complementos que o autor lhe fez durante cerca de trinta anos.

A MISERICÓRDIA DE AMIEIRA

(DO ANTIGO PRIORADO DO CRATO)

A SUA ANTIGUIDADE — A SUA CAMPAINHA — O SEU COMPROMISSO

COMUNICAÇÃO FEITA À ASSOCIAÇÃO DOS ARQUEÓLOGOS PORTUGUESES

EM 15 DE MARÇO DE 1930

PELO SÓCIO EFFECTIVO

TUDE MARTINS DE SOUSA

- Para V. Ex.^{as} vão nesta hora, em que pela segunda vez V. Ex.^{as} me dão generosamente a honra de alguns minutos do seu tempo, as minhas melhores saudações, com a afirmação de que procurarei ser breve, para me não tornar importuno.

Agora, como no ano passado, eu escolhi para o trazer aqui, um assunto que diz especialmente respeito à minha terra; mas esta predilecção a não deverão tomar V. Ex.^{as} em má conta, não só porque isto representa um especial affecto da minha alma, como, ainda, porque, como V. Ex.^{as} verão, alguma cousa de interesse geral se poderá no fim recolher.

E, dito isto, permitam-me V. Ex.^{as} que eu entre já no desenvolvimento da pequena palestra que farei com respeito à antiguidade da misericórdia de Amieira e lhes descreva, a par com outras diversas notas, a sua interessantíssima campainha e o seu velho compromisso.

*

* * *

Quando a rainha D. Leonor instituiu em 1497 a Misericórdia de Lisboa, a primeira que se fundou em Portugal, breve se viu multiplicar-se pelo país e pelos tempos adiante aquela tão bela obra de caridade cristã e de levantado amor do próximo, não ficando alheio a tais exemplos o distrito de Portalegre — o meu distrito — onde al-

gumas terras, como se vê do livro *As Misericórdias*, de Costa Goodolfim, foram das primeiras a criar as suas misericórdias como, entre outras, Cabeço de Vide, no mesmo ano da de Lisboa, Portalegre em 1500, Elvas em 1503.

Não figura, porém, no livro de Costa Goodolfim, por lapso que eu não sei explicar, a misericórdia de Amieira e todavia, pode bem dizer-se que ela, se não tiver sido das primeiras, o que agora não é fácil averiguar, é sem dúvida das mais antigas do país, como é lícito supor-se pela data de 1554 aberta na cantaria da porta de entrada da sua igreja, por cima da legenda NŌ MEMINI MIAM PERIISSE, data que deve tomar-se como a da sua construção, presumivelmente feita, sabe Deus quantos anos depois de instituída a Irmandade.

Outro documento, porém, de indiscutível autenticidade possui a misericórdia de Amieira para corroborar a sua antiguidade: é a sua campainha, com que atrás da respectiva bandeira se acompanhavam os enferros.

Esta campainha, de uma perfeita elegância de forma e que bem merece todos os cuidados de conservação e de guarda, não só pelo seu valor intrínseco, como por ser objecto digno de muzeu, veio, de certo, da Holanda para Portugal, não podendo, porém, calcular-se como iria parar à pequena povoação que era Amieira, acantonada no Alentejo.

Tem ela 85 milímetros de altura e 98 no seu diâmetro maior. Ao alto, em letra gótica e em relevo a legenda, circundante de O MATER DEI MEMENTO MEI e ao meio em toda a volta, uma legenda, intercaladas as palavras com figuras diversas, pela seguinte forma; AVE (segue-se um vaso com flores) GRATIA (segue-se uma imagem que, apesar do relevo, se não reconhece já, por muito polida pelo uso — talvez S. Pedro) PLENA (segue-se a imagem da morte).

No rebordo inferior tem em holandez arcáico uma legenda (IC BEN GHEGOETEN INT IAER MCCCCCL) que eu não sei ler e significa em tradução literal «*Eu sou fundido em o ano de 1550*».

Houve dificuldade em traduzir a legenda do rebordo inferior e tanto mais que se tratava de uma linguagem em parte antiquada; mas, por diligências dos nossos ilustres consócios, Srs. engenheiro Raul Couvreur e Cordeiro de Sousa, a quem em tempos o pedi, pôde ela ser obtida da legação da Holanda em Portugal.

O ser de 1550 a campainha da misericórdia de Amieira não quer

seguramente dizer que ela para lá tivesse ido naquele mesmo ano; mas o que isso mostra, sem nenhuma dúvida, pela tradição que diz nunca ter sido conhecida outra e pela data de 1554, da construção da igreja da misericórdia, é que ela para lá teria ido à roda de algum daqueles anos.

Outros perduráveis documentos existem da antiguidade da misericórdia de Amieira, embora não vão tão longe como aqueles que já citei, sendo, primeiro, o alvará de 16 de Outubro de 1614, pelo qual o rei Filipe II, por petição do Provedor e Irmãos, concedeu à misericórdia de Amieira o poder usar do compromisso e dos privilégios da misericórdia de Lisboa naquelas cousas em que o dito compromisso e privilégios se podessem aplicar, e, depois dêle, a pedra mandada colocar por D. João IV, em 1642, na frontaria da igreja da misericórdia, quando lhe fez cedência dos bens e da capela de Nossa Senhora da Sanguinheira.

Não é possível, como já disse, conhecer-se a história dos primeiros tempos da misericórdia de Amieira, quem a fundou, e em que data e com que recursos ela foi instituída, pois que, figurando ainda em um inventário de 1715 a existência no seu arquivo de dezasseis livros de termos, eleições, arrematações, etc., só existem agora seis, alguns dos quais incompletos, sendo de 1611 o mais antigo.

Faltam, por isso, dez livros, todos de anos seguidos.

Mas o que parece certo, é que em dada altura os recursos financeiros eram escassos, circunstância que levou os oficiais da Câmara a solicitarem de D. João IV que fizesse mercê à misericórdia da capela e dos bens de Nossa Senhora da Sanguinheira, com a obrigação de ela cumprir os encargos que a esta pertenciam, o que o monarca deferiu em 3 de Março de 1642, com a condição dos irmãos se obrigarem por escritura de contrato a cumprir os encargos e obrigações com que a referida capela foi instituída e, ainda, entre outras cousas, a collocarem, como textualmente o diz o alvará régio, «uma pedra na parede da dita misericórdia em que se declarassem as obrigações para memoria dos bemfeitores que lhe deram bens».

Essa pedra a que ha pouco me referi e que tem 1,^m50 de alto, por 0,^m92 de largura, tem, muito legível ainda, a seguinte inscrição, que eu direi sem as abreviaturas que nela se conteem, em leitura corrente:

«El Rei D. João IV Nosso Senhor a 3 de Março de 1642 fez mercê

a esta Santa Casa da Misericórdia da Capela de Nossa Senhora da Sanguinheira a qual tem as obrigações seguintes: duas missas em cada semana ditas em Nossa Senhora pelas almas dos defuntos que os ditos bens deixaram à Casa de Nossa Senhora e as mais 3 ermidas que estiverem de redor da vila reparadas e 60 cirios que sirvam nas festas principais e tres camas para o hospital e a casa do hospital preparada de tudo o necessario. Esta mercê fez sua magestade a 3 de Março de 1642 sendo provedor Antonio de Gois Leborão e escrivão o licenciado Alexandre de Matos."

Uma ultima linha, de difficil interpretação, pelas suas abreviaturas, parece dizer: "Fez tudo Francisco Mousinho e mais irmãos".

Esta providência régia devia ter contribuido muito para melhoria e desafogo da vida da Santa Casa, que desta forma podia estender melhor a sua acção beneficente.

Pelas contas do ano 1611-1612, vê-se que a sua receita foi de 97\$976 reis e a despeza de 102\$787 reis, havendo, por isso, um *deficit* de 3\$811 reis, tendo recebido ainda 75 alqueires de azeite, da arrematação das suas oliveiras e mais 10 do peditório pela vila, que foram gastos em despezas da Casa e com a lampada; 18 almudes de mosto, do peditório, dos quais se venderam 12 cosidos, sendo o resto gasto nas endoenças com os penitentes e 14 alqueires de trigo e 9 de centeio, do peditório e de foros, que se gastaram com as endoenças.

As receitas gerais eram, pois, como se vê, provenientes do rendimento e foros de algumas fazendas, do produto da novidade das oliveiras, do peditório que se fazia todas as quartas feiras do ano, do peditório do pão, que igualmente se fazia, e ainda das esmolas dos enterramentos e acompanhamento dos defuntos com a bandeira e tumba e das esmolas dos irmãos e particulares.

Quanto ás despezas principais que figuram nas diversas contas, eram elas, entre outras, da condução e esmolas aos pobres da carreira; esmolas aos pobres da vila; protecção e alimentação de pobres na cadeia; auxilio a estudantes pobres; semana santa; capelão; hospitaleiros; officios e missas por alma dos irmãos; doentes hospitalizados; mortalhas a defuntos pobres; avença da barca do Tejo para passagem dos pobres da carreira; expediente, etc.

Nas despezas encontram-se verbas como estas: 40 reis de esmola a dois romeiros de São Tiago; 120 reis a João Romão à conta da sua

cantoria; 560 reis que dispendeu o tesoureiro de *assuquere* (assucar) e confeitos pelas endoenças, etc., e ainda, sob o titulo *presos que a casa livrou este ano*: «1.000 reis de livrar Marcos Dias, sapateiro, já defunto, que estava preso por divida de dinheiro; 4\$000 reis de livrar Antonio Francisco Galego, de um feio crime, até se sentenciar o caso na Côrte, onde está a sentença embargada, por 2\$00 reis em que sahiu condenado, alem de um ano de Africa, para o que deu uma vinha que se vendeu por 4\$00 reis. Mais livrou esta Casa João Martins, de outro feio crime de que saíu condenado em um ano de degredo para a Africa e está preso ainda para o ir cumprir».

A misericórdia de Amieira teve noutros tempos elementos próprios para uma vida regularmente desafogada, como se vê de uma relação dos seus bens organizada em 1822, da qual constam muitas oliveiras dispersas e muitos prédios rústicos e urbanos livres e outros aforados.

Em 1815 foi pedido à Misericórdia, por ordem régia, expedida pelo Provisor da Comarca de Portalegre, o livro das suas contas. Apresentado o pedido em mesa de 17 de Novembro, recusou-se esta a envia-lo, ficando a sua recusa assim registada no livro competente: «por entender que o livro da receita e despesa não devia ser propriamente remetido para se não expôr a perdição e ruina o qual pode acontecer no decurso de sete leguas que desta vila se contam até á cidade de Portalegre, cujas estradas, como a experiencia mostra, são frequentadas continuamente pelos salteadores, ladrões e homens malfeitores e por isso mesmo no dito bem suposto caso, ficava exposto o mesmo livro e seu portador a ficar perdido».

Mandou, porém, um resumo de contas de que constam as importâncias totais das receitas e das despesas dos anos económicos de 1801-1802 até 1814-1815.

Conforme o tombo de 1822, os privilégios e graças dos irmãos eram, quanto à misericórdia, entre outras cousas, mandar cantar uma missa e dizer 25 missas e um officio com missa cantada em dia de S. Martinho, mandar fazer as trez procissões e dizer trez sermões da semana santa, assim como a festa da Visitação, reparar diversas capelas e o hospital dos pobres e ter trez camas no hospital e 60 cirios nas principais festividades; e, quanto aos irmãos, fazer a misericórdia celebrar missa nos domingos, dias santos e quartas feiras do ano, applicadas todas pelos irmãos vivos e defuntos e pelos benfeitores e,

quando da morte de algum irmão, mandar cantar um officio e missa, endo isto tão antigo como a própria irmandade, e sem o que a mesma se não poderia conservar, por ser este o único fruto que recebiam os irmãos em recompensa das suas obrigações e trabalhos.

Em um livro de 1849, das obrigações recíprocas entre a misericórdia e os irmãos, estabelece-se que os irmãos de serventia seriam obrigados a conduzir à sepultura os mortos, logo que recibessem aviso, ou ouvissem o sino da capela, junto da qual deveriam comparecer com a sua opa preta; que a mesa devia assistir de opas pretas e velas fornecidas pela Casa ao enterro dos irmãos da primeira ordem, ou de sua mulher, pai, mãe, ou irmãos, quando falecidos na sua casa e que, morrendo alguns dos irmãos escreventes, ou suas mulheres, os enterros seriam acompanhados por seis irmãos da serventia, com velas da misericórdia.

Quanto a obrigações da Santa Casa para com os irmãos ao serviço da mesma, o irmão provedor, ou sua mulher, pai, mãe, irmãos, quando falecidos em sua casa, teriam direito a ser acompanhados gratuitamente pela bandeira, bem como a tumba para os levar à sepultura; os irmãos serventes ou suas mulheres, teriam também bandeira e tumba de graça, e os outros irmãos teriam bandeira e tumba de graça e por metade do preço da tabela para suas mulheres, bem como pelo esquife para seus filhos menores.

Igualmente todos os irmãos teriam direito a um officio por sua alma no próprio dia do falecimento, sendo possível, ou no dia imediato.

*

* *

De ha muitos anos já que a bandeira da misericórdia deixou de figurar nos enterros, por se achar inutilisada. Ainda assim, examinando-a, mesmo como está, parece que ela teria tido algum merecimento artístico pelos pequenos detalhes da pintura de algumas das suas figuras que escaparam à acção nefasta de um *retocador* que noutros tempos pretendia aviva-las.

Por eles se pode perceber que a bandeira da misericórdia de Amieira se afastava do modelo estabelecido por alvará de abril de 1627 em que se determinava que as bandeiras de todas as misericórdias do país seriam iguais à da misericórdia de Lisboa, tendo de

um lado a imagem de Cristo e de outro a Virgem Mãe de Misericórdia.

Efectivamente, sendo certo que um dos lados apresenta a Senhora da Misericórdia, estendendo o seu manto acolhedor do painel tão conhecido, do outro, o mais bem conservado, vê-se a Senhora da Piedade com o Cristo nos braços, como sucede na bandeira do Fundão, descrita pelo Sr. Dr. Alfredo da Cunha, e junto d'êlo S. João Evangelista e a Madalena ajoelhada, beijando uma das mãos do Senhor.

Vulgarizado deveria ter sido, porém, o uso de ser pintada nas bandeiras das misericórdias a imagem de Nossa Senhora da Piedade, pois que a esse facto se referia já o velho *Santuário Mariano*, muitas misericórdias havendo que se afastaram do estipulado no alvará, adoptando outros emblemas.

*
* *
*

Mas, outro melhor documento possui a misericórdia de Amieira e que, como a sua campainha, merece ser estimado com respeito e conservado com cuidados: é o seu velho compromisso.

Parece que a primeira edição impressa do Compromisso da Misericórdia de Lisboa, em reforma do primitivo de 1498, foi a de 1516, só voltando a imprimir-se em 1600 e depois em 1619, em edição que derogou todas as anteriores, como preceitua o capítulo xxxxi que diz assim: «E porque ategora se regeo, e governou esta Casa e Irmandade por outros Compromissos, os quais por este ficão derrogados, e se derogão, se não usará delles daqui em diante em cousa algũa por nenhũa via, e só este se cumprirá, e guardará...» e à qual Victor Ribeiro se refere nestes termos: «É por este compromisso de 1618, que nunca chegou a ser reformado, que se tem regido até ao presente, não só a misericórdia de Lisboa, como todas as misericórdias do reino. São numerosas as edições que delle se teem feito em diversas épocas, das quais vimos toda a colecção existente na Biblioteca Nacional de Lisboa e um exemplar de 1745 existente na Santa Casa da Misericórdia. impresso em Lisboa por Pedro Craesbeek, formato in 4.º. Tem no frontispício uma péssima gravura representando o painel da Misericórdia. O exemplar que existe na Biblioteca Nacional pertenceu ao Convento de Alcobaça.»

Da edição de 1516 existem apenas, como o diz o Sr. Dr. Alfredo da Cunha na sua excelente monografia *«A Santa Casa da Misericórdia do Fundão»*, dez preciosos exemplares, considerando ele que o compromisso de 1618, impresso no ano imediato, foi o terceiro dado à Misericórdia de Lisboa.

Este mesmo juízo se deveria fazer pelo livro de Victor Ribeiro, *«A Santa Casa da Misericórdia de Lisboa»*, se Costa Goodolfim não desse notícia de ter visto numa livraria particular do Minho um exemplar de uma reforma de 1577 de que se fez impressão em 1600, nenhum escritor dando, porém notícia dela, nem mesmo Inocencio, que, de certo, a não conheceu.

Será talvez exemplar único aquele de 1600.

Quanto aos exemplares da edição de 1619, a que pertence o compromisso guardado na misericórdia de Amieira, devem eles considerar-se como raridade de apreço, visto que poucos deles se encontrarão ainda, talvez apenas uns trez ou quatro: um na Biblioteca Nacional de Lisboa, um na misericórdia de Amieira, um terceiro que Costa Goodolfim dizia fazer parte da sua colecção particular e que não sei onde poderá parar agora, e um quarto, se tal se poderá concluir da indicação de Costa Goodolfim quando diz que a misericórdia de Castendo se regia ainda pelo compromisso de 1618 da misericórdia de Lisboa.

A misericórdia de Lisboa não o tem na sua colecção.

Tem este compromisso trinta e nove folhas numeradas e mais a do índice, a da capa, a das licenças do Santo Officio, do Ordinário e do Paço, e quarenta e um capitulos.

Logo a seguir ao índice e com letra manuscrita bastante sumida pelo tempo ha uma nota a que faltam as últimas linhas e de que se pode ainda ler o seguinte:

«Vi este compromisso e estatutos da St.^a Casa da Misericordia e nelle risquei na pr.^a f.^a do cap.^o pri.^o verso todas aquellas palavras e circunstancias q erão ofençivas da Saudavel lei de 25 de Mayo de 1773 e advirto q daqui em diante se abstenham de toda e qualquer alusiva das pessoas antes barbaramente chamados Cristão Novos... debaixo de pena de prizam.....»

Aquela parte do capítulo primeiro, que está efectivamente riscada, mas que, apesar disso, se lê muito bem por baixo da já esbatida tinta manuscrita, diz, sobre as condições a que devem satisfazer os

candidatos a irmãos, o seguinte: «A primeira que seja limpo de sangue sem algũa raça de Mouro, ou judeu não somente em sua pessoa, mas tambem em sua mulher se fôr casado, como está determinado, & se pratica, & usa na irmandade da Misericordia por hum acordo da mesa, & junta, q está no livro primeiro dos acordos a fol. 254, feito em 25 de Mayo de 598 & confirmado per acordo da mesa, & junta, feito a 8 de Junho de 603 que está no dito livro a fol. 301. A segunda que seja livre de toda a infamia, de feito, & de direito; por onde nenhum homem notoriamente infamado de algum delicto escandaloso poderá ter lugar nesta Irmandade».

A êste respeito diz Costa Goodolfim, citado tambem pelo Sr. Dr. Alfredo da Cunha: «As condições para ser recebido irmão eram sete, sendo a primeira que fosse limpo de sangue, sem alguma raça de mouro ou judeu, não somente em sua pessoa, mas também em sua mulher, se fôr casado, como estava determinado e se praticava e usava na irmandade da Misericórdia por um acordão da mesa e junta, de 25 de Maio de 1598 e confirmado por outro accordão de 8 de Junho de 1603.

Era tambem riscado o irmão que casasse com mulher de nação.

Esta disposição foi mandada riscar do compromisso aos 17 de Maio de 1775, em reunião do consistório por proposta do provedor marquês do Lavradio, vice-rei do estado da India, declarando que por execução da lei regia de 16 de Maio de 1773 se devia abrandar, conciliar e riscar em forma que mais se não podesse ler o § 3.º do capitulo 1.º do compromisso».

Assim terminava a odiosa distinção entre velhos e novos cristãos, que as leis sociais já repeliam e que de nenhuma forma podia caber a dentro dos largos sentimentos de fraternidade, de compaixão e de aino do próximo que as misericórdias representavam e em cujo superior governo se honravam as pessoas de mais elevada distinção, tal como os compromissos o marcavam ao preceituarem que «o Provedor será sempre hum homem fidalgo de authoridade, prudencia, virtude, reputação e idade, de maneira que os outros Irmãos o possam reconhecer por cabeça, e obedeção com mais facilidade, e ainda que por todas as sobreditas partes o mereça, não poderá ser eleito de menos idade de quarenta anos».

E' por isso que na lista dos provedores da Misericordia de

Amieira, que pôde ser organizada de 1611 para cá, se veem sempre nomes dos maiores da terra, dando aos seus concidadãos o esforço da sua dedicação e os tesouros da sua piedade.

Pena é que, apesar disso e de todos os auxílios e generosidades locais, a misericórdia de Amieira, como acontece a muitas outras, privada noutros tempos de todos os seus bens, viva uma vida angustiosa que lhe não faculta o dar aos seus pobres o auxílio que todos eles merecem, como irmãos que todo somos nesta travessia áspera da vida.

Para eles, para os pobres da minha terra, escravos do trabalho e do infortúnio, vão agora as minhas melhores lembranças e para V. Ex.^{as}, mais uma vez, os meus agradecimentos pelo tempo que me deram.

CATÁLOGO
DA
EXPOSIÇÃO BÍBLIO - ICONOGRÁFICA
COMEMORATIVA DO 5.º CENTENÁRIO DA MORTE DE
D. NUNO ALVARES PEREIRA

REALIZADA EM 1931 PELA ASSOCIAÇÃO DOS ARQUEÓLOGOS PORTUGUESES

RELATÓRIO

Decorrendo, em 1 de Novembro de 1931, o 5.º centenario da morte do inclito portuguez D. Nuno Alvares Pereira, não podia a Associação dos Arqueólogos Portugueses, instalada, desde 1863, nas venerandas ruínas da igreja do Convento do Carmo, por ele mandado edificar, e, onde, durante seculos, se conservaram os seus restos mortais, deixar passar despercebida essa data memoravel.

Por isso, em 10 de Agosto daquele ano, foram eleitas três comissões executivas: a 1.ª, composta dos srs. Dr. Xavier da Costa, Afonso de Dornelas e Coronel Henrique de Campos Ferreira Lima, a que foi agregado o sr. Augusto Cardoso Pinto, para organizar uma exposição bibliográfica no Museu do Carmo; a 2.ª composta dos srs. Dr. Felix Alvares Pereira, Afonso de Dornelas e José Maria Cordeiro de Souza, para redigir a execução de uma inscrição comemorativa na fachada sul, exterior, do edificio histórico do Carmo; a 3.ª, composta dos srs. Dr. Xavier da Costa, Cunha Saraiva e Julio de Freitas, para organizar um numero da *Arqueologia e História*, órgão da Associação dos Arqueólogos, consagrado a D. Nuno Alvares Pereira.

Neste documento apenas nos occuparemos do que diz respeito à primeira destas comissões.

Com o fim de obter os objectos e espécies, necessarias para se levar a efeito a referida exposição biblio-iconográfica, a comissão eleita dirigiu a todos os seus consócios a seguinte circular:

ASSOCIAÇÃO DOS ARQUEÓLOGOS PORTUGUESES

EDIFÍCIO HISTÓRICO DO CARMO — LISBOA

Ex.^{mo} Sr.

Tendo a Associação dos Arqueólogos Portugueses resolvido comemorar o 5.^o centenário da morte de D. Nuno Alvares Pereira realizando, entre outras manifestações, uma exposição biblio-iconográfica, rogamos a V. Ex.^a se digne enviar para a sede da mesma Instituição, até ao próximo dia 20, as espécies bibliográficas e iconográficas que possua, tais como livros, folhetos, gravuras, litografias, imagens, medalhas, selos, etc., relacionadas com esta grande figura histórica, agradecendo, desde já, a V. Ex.^a o empréstimo de tais objectos, com os quais V. Ex.^a muito concorreria para o brilhantismo desta exposição.

Lisboa e sede da Associação dos Arqueólogos
Portugueses, 4 de Novembro de 1931.

A Comissão

*Luiz Xavier da Costa**Affonso de Dornellas**Henrique de Campos Ferreira Lima*

Devemos confessar que esta circular foi acolhida, com o maior entusiasmo, por todos os nossos consócios e, ainda, por muitas pessoas estranhas à associação, que, assim, manifestaram a consideração que ela lhes merece.

Conseguimos, assim, obter objectos e documentos em grande numero e do maior valor, que nos permitiram organizar uma exposição que, sem vaidade, se pode considerar como notavel, não só atendendo ao seu conjunto, como ainda ao facto de ter sido realizada por uma associação desprovida dos meios necessarios para tais empreendimentos, porem, animada das melhores intenções e auxiliada pela boa vontade e dedicação de todos os seus membros.

A exposição foi inaugurada no dia 13 de Dezembro de 1931, depois da sessão solene realizada no mesmo dia e na qual, alem do sr. Dr. Xavier da Costa, presidente da Associação dos Arqueólogos

Portugueses, falaram os srs. P.^c Valerio Cordeiro e Tenente-Coronel Augusto Botelho da Costa Veiga.

O *Diario de Lisboa*, desse dia, deu do facto a seguinte noticia :

Na séde da Associação dos Arqueólogos, no Museu de Carmo, e com o pretexto da passagem do meio milenio da morte de Nuno Alvares — que morreu a 1 de Novembro de 1431 — realizou-se esta tarde uma sessão solene, acompanhada de uma Exposição iconográfica e bibliografica, referente aquella grande figura de português.

A Exposição Bibliográfica é rica. Nela se encontram exemplares rarissimos da *Cronica do Condestavel*, em todas as edições, desde a 1.^a (1526) até ás mais modernas. As bibliotecas, os socios da Associação, e um livreiro de Lisboa, a cujo balcão todas estas cousas vão parar—forneceram os elementos bibliográficos indispensaveis a uma Exposição em forma. E de facto, essa exposição—que por ventura nunca mais se voltará a fazer—é notavel.

Alem da Cronica do Condestavel é interessantissima, entre as varias raridades bibliograficas a Cronica de Frey Simão Coelho, de 1572.

Tudo quanto em bibliografia, diz respeito á vida e obra de Nuno Alvaraes, ali se patenteia.

Gravuras, estampas raras, documentos modernos em reprodução ou autenticamente velhos, estão á vista nas estantes.

A Associação dos Arqueólogos, não esquecendo a tradição e motivos nacionais fundamentais da sua séde, tem por estes assuntos de história, de arte, de letras e de ciencia um carinho confortante, sem cair na idolatria ou na mistica da grande figura de Portugal do seculo XIV e XV.

A Exposição iconografica é curiosissima, notavel dentro do seu caracter que não visa a opulencia pictorial, mas ápenas documental.

Quadros da Casa Cadaval, da Camara Municipal de Moura, do Museu de Arte Antiga (dois), da Biblioteca Nacional (dois), da Ordem Terceira, um quadro na posse da Sr.^a D. Maria Izabel Falcão Trigo que tem interesse, e sobretudo, entre uma dezena, o da Casa dos Marquizes de Pombal, que ocupa o lugar de honra, valorizam a galeria, e tornam a exposição rigorosamente bela.

E' a mais completa exposição iconografica que se tem realizado.

Tambem no Museu do Carmo se patenteia a copia do montante ou espada de Nuno Alvares (copia que pertence ao sr. Afonso Dornellas), e cujo original, tendo estado muitos anos no Museu, herdeiro *in partibus* do Convento, está hoje no Museu de Artelharia.

O relicario que acompanhava Nuno Alvares, e que pertence á Ordem Terceira do Carmo, tambem está exposto numa vitrina, e é uma das curiosidades da Exposição.

O *Diario de Noticias*, do dia seguinte, trouxe esta referéncia á exposição biblio-icónografica :

Comemorando o 5.^o centenario da morte de D. Nun'Alvares Pereira, realizaram-se ontem, na Associação dos Arqueologos Portugueses, uma exposição biblio-icónografica e uma sessão solene.

A parte bibliografica da referida exposição é rica em exemplares raros, avultando entre eles a «Cronica do Condestavel», desde a primeira edição, de 1526, até ás mais modernas. E dela participam muitos e valiosos documentos, gravuras antigas, quer em originaes, quer em reproduções. A iconografia merece tambem referencias elogiosas, destacando-se nela quadros a oleo pertencentes á Casa de Cadaval, Camara Municipal de Moura, Museu de Arte Antiga, Biblioteca Nacional, D. Maria Isabel Falcão Trigoso e marqueses de Pombal.

Figurava tambem na exposição o relicario de Nun'Alvares.

No *Diario da Manhã*, de 18 de Dezembro, veiu a seguinte local:

O centenario de Nun'Alvares e a Exposição Biblio-iconografica

A interessante exposição biblio-iconografica referente ao Condestavel D. Nun'Alvares Pereira, organizada pela Associação dos Arqueologos, no Museu do Carmo, continua sendo muito visitada e justamente apreciada. E não admira que assim aconteça, pois basta notar-se que ali se encontram reunidos, todos os retratos conhecidos do grande Heroe Nacional, desde a celebre pintura do seculo XV, pertencente ao sr. marquês de Pombal, ao retrato, de corpo inteiro, do seculo XVIII, pertencente á nobre Casa dos duques de Cadaval, curioso pela indumentaria, vendo-se o Condestavel envergando a lendaria côta, que D. João I lhe ofereceu, depois da vitoria contra as armas castelhanas, á imagem de Nossa Senhora da Oliveira. A parte bibliografica é igualmente notavel e nela figuram as peças mais raras, como a colecção completa de todas as edições da «Cronica do Condestavel», desde a de 1554.

Foi ainda neste jornal que apareceu, em 21 do mesmo mês, o artigo mais laudatório acerca da exposição, aquele em que se faz inteira justiça ás intenções da Associação dos Arqueólogos Portugueses e se põe em inteiro relêvo o esforço que ela precisou dispender para a realizar.

Eis o referido artigo, que, por todos os motivos, merece ficar aqui arquivado:

Ali, no Carmo... Uma exposição notavel

Em tempos que já lá vão, nos dias festivos da igreja, usava Lisboa dizer que *vinha abaixo o Carmo e a Trindade*, aludindo ao repique dos sinos troante e agitado, dos dois conventos rivais, vizinhos um do outro e ambos sobranceiros á cidade.

E um dia vieram abaixo, com efeito, mas pelo tremor da terra e não pelo tremer dos sinos! E aquele Carmo dominante, altaneiro, edificado sobre o *monte da pedreira* pela fé de Nun'Alvares, conheceu a ruina, a ruina da sua igreja, grande como uma catedral, grande como a victoria de Valverde, que ela comemorava.

Tudo ali são ruinas, tudo ali fala de ruínas e, porque as ruinas são veneraveis, até lá se instalou um dia a veneranda Associação dos Arqueólogos, que agora ali exhibe uma opulenta exposição referente ao Condestavel, á sua iconografia e á sua

bibliografia, como quem diz, em lingua do povo, os seus retratos veridicos e ficticios, e os livros que falam dêle.

Pois, amigo leitor, aquilo tem que se lhe diga... Ha por lá riquezas incalculáveis, no que toca a uma e outra coisa. Conta-se que só um livreiro, em obras raras da vida de Nun'Alvares, tem lá para cima de trinta contos! E, realmente, numa mostra, lá se acham, lado a lado, as duas primeiras edições da *Cronica do Condestabre*, cujo autor ainda hoje é um misterio e cuja raridade é facil de calcular, sabendo-se que a mais antiga remonta a 1526.

Ainda lá se encontra tambem a exacta reprodução da espada de Nun'Alvares, aquela famosa espada que o alfageme de Santarem lhe corregeu, sem lhe aceitar paga, a espada que foi nas mãos do condestavel o simbolo da sua lialdade e o testemunho da sua indómita bravura.

Reproduzida, tambem lá está a bandeira de Nun'Alvares, ingenua como a sua alma de heroi e de santo, aquela bandeira que tinha a virtude de mover os soldados como arietes e de afugentar os inimigos com terror.

Interessantissimo, porque este é o autentico, é o relicario de prata, que Nun'Alvares sempre trouxe ao pescoço, depois de Aljubarrota, a unica joia que quis para si, do tesouro do rei de Castela, vencido e fugido.

Se tem vindo da Biblioteca Nacional a biblia que foi do mesmo rei; se viesse da vila de Aljubarrota a pá famosa da padeira Brites; e se do convento de Alcobaça tambem viesse o caldeirão dos castelhanos, que mais seria preciso para termos ali, por dias que fosse, um museu da batalha maxima da nossa independencia?

Mas é na parte iconografica que, a nosso ver, esta exposição é mais rica. Há 15 anos que o illustre director do Museu de Arte Antiga descobriu na capela do palacio de Oeiras a veridica reprodução do retrato de Nun'Alvares, pelo terramoto destruido no Carmo.

Lá está exposta esta joia da casa Pombal, joia de um valor incalculavel, autenticada pela assinatura do artista de Viseu que a pintou tão fielmente em madeira.

O nariz *agudento* de Nun'Alvares, os seus olhos pequeninos, *mui vivos*, ainda nessa idade adiantada em que foi retratado, olhos reveladores do genio que iluminava a sua alma de guerreiro nato, de chefe predestinado, tudo isso tens ali, amigo leitor, ao teu alcance, entre as 10 e as 17 horas, pela simples quantia de um escudo.

Confessêmo-lo: ainda há benemeritos na nossa terra.

Aqueles homens que reuniram tudo isto e o mais que lá se vê, como aquele retrato da casa Cadaval, em que Nun'Alvares ostenta, com a independencia de Aljubarrota, a terrivel *facha*, que foi a arma de recurso para decidir a batalha, depois de quebradas as lanças, aqueles homens estranhos, singulares, em que há de tudo, desde o autentico academico de renome mundial, ao simples amator de historia, de todas as idades e situações sociais, que á sua custa sustentam a associação que realiza tais mimos de arte e tais prazeres de espirito; que pela calada da noite se reúnem naquelas ruinas e ali, de portas abertas, conspiram por esta forma para fazerem um Portugal europeu, *moderno*, eles, homens de *antiguidades*, de todas as cores politicas e de todas as crenças religiosas, vamos, leitor amigo, estes homens realizam uma obra de magnifica cultura e merecem bem o pequeno esforço da tua visita. Vai, que aproveitas.

Não obstante estes elogios, não podemos deixar de confessar, com profunda magua, que a exposição teve uma frequencia muito inferior á que era de esperar, não só em atenção ao seu significado, como ao seu valor.

Devemos, ainda, consignar aqui que a maior parte dos visitantes pertenciam ás chamadas classes baixas, os intellectuais... brilharam pela sua ausencia...

A exposição esteve aberta até ao fim do mês de Dezembro.

A comissão julga ter cumprido o seu mandato, pois conseguiu realizar a exposição biblio-iconográfica comemorativa do 5.º centenario da morte de D. Nuno Alvares Pereira e, ainda, elaborar o seu catalogo, que, mesmo assim, resumido como se apresenta, servirá para atestar, no futuro, não só que a Associação dos Arqueólogos Portugueses foi a primeira colectividade científica do país que prestou as suas homenagens a um dos maiores vultos da nossa gloriosa história, como também o valor dessa exposição

Para terminar este ligeiro relatório, a comissão agradece a todos os sócios e pessoas estranhas à associação a sua desinteressada colaboração, sem a qual não teria levado a sua missão a bom termo.

Devemos, em especial, apresentar os nossos agradecimentos aos srs. Duque de Cadaval, Marquês de Pombal, D. Maria Izabel Falcão Trigoso, Dr. José de Figueiredo, director do Museu de Arte Antiga, Tenente-Coronel Costa Veiga, director da Biblioteca Nacional de Lisboa e Presidente da Comissão Administrativa da Camara Municipal de Moura, pelo empréstimo dos valiosos quadros que figuraram na exposição e o sr. João Vicente da Silva Coelho, conceituado livreiro de Lisboa, que, espontaneamente, se dignou emprestar, á comissão, rarissimos exemplares bibliográficos, que concorreram para o grande brilho do mesmo certame e a direcção da Ordem Terceira do Carmo pelos valiosos objectos cedidos.

A Comissão :

Luiz Xavier da Costa

Afonso de Dornelas

Henrique de Campos Ferreira Lima

Augusto Cardoso Pinto

CATÁLOGO

I—BIBLIOGRAFIA

a) ALJUBARROTA

- 1—*Barata* (Antonio Francisco)—Monja (A) de Cister, Lisboa 1895.
Cap. XIV A Batalha de Aljubarrota.
Exp.: Coronel Cardoso Junior.
- 2—*Chagas* (Manuel Pinheiro)—Aljubarrota, Lisboa 1874.
Exp.: Coronel Ferreira Lima.
- 3—*Galeria pitoresca* da historia portugueza ou victorias, conquistas, façanhas e factos memoraveis da historia de Portugal e Brazil, Paris 1842. Com uma est. lit. representando a batalha de Aljubarrota.
Exp.: Coronel Ferreira Lima.
- 4—*Guerra (A) da Independencia* ilustrada com o retrato do Mestre de Aviz, Lisboa 1885.
Exp.: Coronel Ferreira Lima.
- 5—*Nação portugueza*—Serie V—Tomo I—n.º 3—De Aljubarrota a Alcacer, por Manuel Murias, pag. 237-241.
Exp.: Coronel Ferreira Lima.
- 6—*Osorio* (Alberto)—Batalhas dos portuguezes, Lisboa s. d.
Exp.: Coronel Ferreira Lima.
- 7—*Sandoval* (C. Ximenes)—Batalla de Aljubarrota, Lisboa 1874.
Exp.: José Rodrigues Simões.
- 8—*Veiga* (A. Botelho da Costa)—Extremoz (De) a Aljubarrota. Quinze dias de operações de Nun'Alvares (21 de Julho a 14 de Agosto de 1385) Coimbra, 1930.
Exp.: Associação dos Arqueólogos Portugueses.

b) BIOGRAFIAS

- 9—*Almafalla*—Guerreiro e monge, Braga 1916.
Exp.: P.º Valerio Cordeiro.

- 10—*Almeida* (Noemia Gomes de)—Nun'Alvares Pereira no V centenario da sua morte. Lisboa 1931.
Exp.: Coronel Ferreira Lima.
- 11—*Battaglia* (Eliseo)—Eroe (L') Nazionale Portuguese Beato Nonio Alvares Pereira Gran Connestabile e Laico Carmelitano, Roma 1918.
Exp.: Afonso de Dornelas.
- 12—*Cardoso* (Jorge)—Agiologio lusitano, Lisboa 1652-1744.
Exp.: José Rodrigues Simões.
- 13—*Chagas* (Manuel Pinheiro)—Portugueses illustres, Lisboa 1869.
Exp.: Antonio Cesar Mena Junior.
- 14—*Chianca* (Ruy)—Santo (O) condestabre. Resposta ao «Libello do Cardeal Diabo» do Sr. Dr. Julio Dantas, Lisboa 1914.
Exp.: Coronel Ferreira Lima.
- 15 a 15-D—*Cronica* do Condestable de Portugal Nuno alvares Pereyra, etc. Lisboa 1526.
Exp.: Livraria Coelho.
Idem—Lisboa 1554.
Exp.: Idem.
- Lisboa 1623
Exp.: Afonso de Dornelas.
- Porto 1848, retrato litografado.
Exp.: José Maria Cordeiro de Sousa.
- Coimbra 1911
Exp.: Dr. Silva Lopes.
- 16 a 16-B—*Cordeiro* —(P.^e Valerio)—Vida do beato Nuno Alvarez Pereira, Lisboa 1919.
Exp.: P.^e Valerio Cordeiro.
- 2.^a edição, Lisboa 1921.
Exp.: Livraria Catolica de Sousa Tavares.
- 2.^a edição, Lisboa 1921. Tiragem especial.
Exp.: P.^e Valerio Cordeiro.
- 17—*Corrêa* (A. A. Mendes)—Retrato (O) de Nun'Alvares. Separata do n.^o 7 da «Revista dos Liceus», Porto 1916.
Exp.: Afonso de Dornelas.
- 18—*Costa* (Antonio Rodrigues do)—De vita et rebus gestis Nonnii Alvares Pereira lusitaniae comitis-stabilis. Libri duo. Olisipone 1723. 2 ret. grav. de Picart.
Exp.: José Rodrigues Simões.
- 19—*Deusdado* (Domingos Ferreira)—Nun'Alvares simbolo das três virtudes: Fé, Esperança e Caridade, Lisboa 1929.
Exp.: Coronel Ferreira Lima.

- 20—*Dantas* (Julio)—Outros tempos, Lisboa 1909. Vid. pag. 107 a 121 o cap. O libello do Cardeal Diabo.
Exp.: Coronel Ferreira Lima.
- 21—*Dantas* (Julio)—*Illustração portugueza*, n.º 9 da 2.^a series traz o mesmo art.º, com est.
Exp.: Coronel Ferreira Lima.
- 22—*Dornelas* (Afonso de)—Historia e genealogia vol. I e vol. XI, Lisboa 1923.
Contem os seguintes cap.: Nun'Alvares, na tomada de Ceuta, A cela de Nun'Alvares, Em prol do Condestavel, Em prol do Condestabre, A comissão Nun'Alvares da Associação dos Archeologos Portugueses, Portugal agradecido a Nun'Alvares, A iconographia de Nun'Alvares, Critica sobre a iconographia de Nun'Alvares, Romaria à casa de Nun'Alvares, Os restos de Iria Gonçalves, D. Nuno Alvares Pereira nos Yeronymos, Um retrato inedito de Nun'Alvares, A estatua de Nun'Alvares, Os artifices de Nun'Alvares, Em prol do Condestabre-Pela Patria, Um monumento ao Heroe Nacional e Por Nun'Alvares.
Exp.: Coronel Cardoso Junior.
- 23—*Escobar* (Fr. Antonio de)—Discursos politicos y militares en la vida del conde D. Nuno Alvares Pereira condestabre de Portugal. Escrivelos Salanio Lusitano, Zagaragoça 1670.
Exp.: Livraria Coelho.
- 24—*Escobar* (Fr. Antonio de)—El heroe portuguez. Vida, haçañas, historias, virtud y muerte del excelentissimo Señor D. Nuno Alvares Pereira, Condestable de Portugal, etc. s. l. (Lisboa 1670),
Exp.: Biblioteca Nacional de Lisboa.
- 24-A—O heroe portuguez. Vida, proezas, victorias, virtude e morte do Excellentissimo Senhor D. Nuno Alvares Pereira, Condestavel de Portugal, Tronco dos seu serenissimos reys... trad. por Bernardo José de Lemos Castelbranco, Lisboa 1744.
Exp.: Biblioteca Nacional de Lisboa.
- 25—*Ferreira* (Antonio Aurelio da Costa) Nun' Alvares (exame anthropologico d'uma ossada), Lisboa 1919.
Exp.: Afonso de Dornelas.
- 26—*Figuras historicas*, publicação da Livraria Lelo, Porto 1931. Ret.
Exp.: Coronel Ferreira Lima.
- 27—*Forjaz* (Augusto)—Nun'Alvares e o sr. Dantas. Tonsura d'um "cardeal diabo", Lisboa 1914.
Exp.: Coronel Ferreira Lima.

- 28—*Lobo* (Francisco Miranda da Costa)—D. Nun'Alvares Pereira Condestavel de Portugal Beato Nuno de Santa Maria, Lisboa 1931.
Exp.: Afonso de Dornelas.
- 29 e 29-A—*Lopes* (Fernão)—Crónica del rey D. João I, Lisboa 1644.
Exp.: Augusto Cardoso Pinto.
- Idem Lisboa, 1915.
Exp.: José Rodrigues Simões.
- 30—*Marques* (Apollino A.)—Nun'Alvares. Discurso proferido no lyceu Mousinho da Silveira, em 4 de Novembro de 1916, Portalegre 1917.
Exp.: Afonso de Dornelas.
- 31-31-A—*Martins* (J. P. Oliveira)—Vida (A) de Nun'Alvares—Historia do estabelecimento da dynastia de Aviz, Lisboa, MDCCCXCIII.
Exp.: Gastão de Melo e Matos.
- Tiragem especial.
Exp.: José Rodrigues Simões.
- 32—*Martins* (Rocha)—Condestavel (O), Lisboa s. d.
Exp.: D. Laura Capelo Jales.
- 33—*Mello* (Jayme de)—Ultimas acções do Duque D. Nuno etc. Lisboa 1730. A pag. 363 e seg.: "Parallelo de D. Nuno Alvares Pereira, duque do Cadaval, com D. Nuno Alvares Pereira, condestavel de Portugal".
Exp.: Coronel Ferreira Lima.
- 34—*Navarro* (Alberto de Gusmão)—Um retrato do Condestavel D. Nuno Alvares Pereira, Lisboa 1915. Separata do Tombo Historia e Genealogico de Portugal.
Exp.: Alberto de Gusmão Navarro.
- 35—*Noronha* (D. José Manuel de)—Nun'Alvares heroe e santo, Coimbra 1915.
Exp.: Coronel Ferreira Lima.
- 36—*Oliveira* (Francisco Xavier de)—Elogios do Condestable D. Nuno Alvares Pereira, e Affonso de Albuquerque, Lisboa 1798.
Exp.: Biblioteca Nacional de Lisboa.
- 37—*Pimentel* (Jaime Forjaz de Serpa)—Em honra de Nun'Alvares Fr. Nuno de Santa Maria, Lisboa 1915.
Exp.: Afonso de Dornelas.
- 38—*Pimentel* (Jayme Pereira de Sampaio Forjaz de Serpa)—Livro de linhagens, Braga 1916-1917.
Exp.: José da Cunha Saraiva.

- 39—*Reis* (Pereira dos)—Santo (O) Condestabre, Lisboa 1916.
Exp.: Afonso de Dornelas.
- 41—*Retratos* e elogios de varões e donas que illustraram a nação portugueza em virtudes, letrás, armas e artes, assim nacionaes, como estranhos, tanto antigos, como modernos, Lisboa 1817.
Exp.: Julio Nunes de Freitas.
- 42—*Ribeiro* (Victor)—Narrativas e lendas da historia patria (O Condestável D. Nuno Alvares Pereira) 1383-1431, Lisboa.
Exp.: Antonio Cesar Mena Junior.
- 43—*Santos* (D. Manuel Mendes da Conceição—Bispo de Portalegre). Conde (O) Santo, sermão prégado na igreja de S. Domingos, em Lisboa, no dia 21 de Novembro de 1919, primeiro dia do triduo solene para a inauguração do culto do beato Nun'Alvares Pereira, Guarda 1921.
Exp.: Associação dos Arqueologos Portugueses.
- 44—*Santos de Portugal*, Porto 1931. Publicação da Ala dos Cruzados Académicos, do Seminário do Porto. Inclui a biografia de Fr. Nuno.
Exp.: Coronel Ferreira Lima.
- 45—*Silva* (José Soares da)—Memorias para a historia de Portugal que comprehendem o governo del-Rey D. João I, Lisboa 1730-1732.
Exp.: José Rodrigues Simões.
- 46—*Silva* (Rodrigo Mendes)—Vida y Hechos heroicos del gran condestable de Portugal, Madrid 1640. Ret. grav. por Pedro de Villa Franca.
Exp.: Biblioteca Nacional de Lisboa.
- 47—*Silva* (Theodoro José da)—Miscelanea historico-biografica, Lisboa 1887.
Exp.: Antonio Cesar Mena Junior.
- 48—*Sousa e Salgueiro* (Alberto—Mário).—Iconografia portugêsa Nun'Alvares subsidios para a iconografia do grande condestavel, Lisboa s. d.
Exp.: Afonso de Dornelas.
- 49—*Sousa* (D. Antonio Caetano de)—Historia genealogica da Casa Real Portuguesa, vol. 5.º 1738.
Exp.: José Rodrigues Simões.
- 50—*Sousa* (J. Fernando de)—Joanna d'Arc e Nun'Alvares, Lisboa 1916.
Exp.: Coronel Ferreira Lima.

- 51—*Teixeira*, tio (Candido)—Santo (O) Condestavel D. Nuno Alvares Pereira, Sernache do Bomjardim 1920.
Exp.: Afonso de Dornelas.
- 52 e 52-A—*Teixeira* (Fr. Domingos)—Vida de D. Nuno Alvares Pereira, segundo condestavel de Portugal, . . . progenitor da Casa Real pela Serenissima de Bragança, Lisboa 1728, ret. grav. por Debrie.
Exp.: Livraria Coelho.
—2.^a edição Lisboa 1749.
Exp.: P.^e Valerio Cordeiro.
- 53—*Vieira* (P.^e José Antonio da Conceição)—Memoria sobre a phase christã do grande condestavel D. Nuno Alvares Pereira, Lisboa 1871.
Exp.: Afonso de Dornelas.

c) CONVENTO DO CARMO

- 53—*Andrade* (Francisco Martins de)—Algumas noticias ácerca do sumptuoso templo de nossa Senhora do Monte do Carmo, Lisboa 1877.
Exp.: Afonso de Dornelas.
- 55—*Barbosa* (Ignacio de Vilhena)—Monumentos archeologos de Portugal, Lisboa 1886.
Exp.: Antonio Cesar Mena Junior.
- 56—*Coelho* (Fr. Simão)—Compendio de Chronicas da Ordē de Nossa Senhora do Carmo, Lisboa 1572.
Exp.: Livraria Coelho.
- 57—*Revista de Historia*, de 1923, vol. XII. Pag. 277 a 294, D. Nuno Alvares Pereira (Excerpto do «Compendio das Chronicas da Ordem de Nossa Senhora do Carmo» de Fr. Simão Coelho).
Exp.: Coronel Ferreira Lima.
- 58—*Elucidario nobiliarquico* n.^o 11, do 1.^o volume. Novembro de 1928. Trata do convento do Carmo.
Exp.: Associação dos Arqueólogos Portugueses.
- 59—*Regra* abbreviada da veneravel Ordem Terceira de Nossa Senhora do Monte do Carmo.—Revista pelo P.^e Santos Farinha, Lisboa 1904.
Exp.: Ordem Terceira do Carmo.
- 60—*Sá* (Fr. Manuel de)—Memórias históricas da Ordem de N. Sr.^a do Carmo da Provincia de Portugal, Lisboa 1727.
Exp.: Paulo Ferreira.

- 61—*Sant' Anna* (Frei Joseph Pereira de)—Chrónica dos carmelitas, Lisboa 1745-1775.
Exp.: José Rodrigues Simões.
- 62—*Leal* (Silva)—Ruínas (As) do Carmo (breves considerações), Lisboa 1876.
Exp.: Coronel Ferreira Lima.

d) CRUZADA NACIONAL NUN'ALVARES PEREIRA

- 63—*Bilhete* postal usado pela Cruzada Nacional de Nun'Alvares Pereira.
Exp.: Coronel Ferreira Lima.
- 64—*Boletim* da Cruzada Nacional Nun'Alvares—Novembro de 1928. Prospecto da *Galeria do Santo Condestavel*.
Exp.: Afonso de Dornelas.
- 65—*Crusada* nacional D. Nun'Alvares Pereira—Programa estrutural. Folha impressa dum lado.
Exp.: Afonso de Dornelas.
- 66—*Crusada* Nacional D. Nun'Alvares Pereira—Síntese do patriótico programa estrutural etc. Folha impressa dum lado.
Exp.: Afonso de Dornelas.
- 67—*Cruzada* Nacional Nun'Alvares—Ano I, n.º 1, Novembro de 1932.
Exp.: Afonso de Dornelas.
- 68—*Estatuto* da Cruzada Nacional D. Nun'Alvares Pereira—Lisboa 1920.
Exp.: Afonso de Dornelas.
- 69—*Galeria* do Santo Condestavel—publicação periodica da Cruzada Nacional Nun'Alvares, Ano I. Numero 1. Lisboa 1929.
Exp.: Afonso de Dornelas.
- 70—*Revista* nacional n.º 1, de 15 de Maio de 1925.—Orgão da Cruzada Nacional Nun'Alvares Pereira.
Exp.: Coronel Ferreira Lima.

e) CULTO

- 71—*Chiesa* di S. Maria in Traspontina—Triduo solenne in onore del nuovo beato carmelitano Nonio Alvares Pereira, Roma 1919. Grande folha impressa só dum lado.
Exp.: Afonso de Dornelas.
- 72—*Decretum* Ulyssiponen. confirmationis cultus ab immemorabili tempore exhibiti servo Dei Nonio Alvares Pereira laico professo

ordinis carmelitarum calceatorum beato et sancto nuncupato.
Roma 1917. Folha de grande formato impressa só dum lado.

Exp.: P.º Valerio Cordeiro.

- 73—*Lembrança* do triduo em honra ao B. Nuno de Santa Maria, pregado na igreja do Convento do Carmo da Lapa, Rio de Janeiro, pelo R. P. Dr. Valerio A. Cordeiro aos dias 9, 10, 11 e 12 de Setembro de 1926. Folha avulsa de 4 pag. com ret.

Exp.: P.º Valerio Cordeiro.

- 74—*Novena* do Bemaventurado Nuno Alvares Pereira, Braga 1920.

Exp.: P.º Valerio Cordeiro.

- 75—*Santo* (O) Condestavel—Provisão de S. Em.^{cia} Rev.^{ma} e Decreto de Confirmação do Culto, Lisboa 1918.

Exp.: Ordem Terceira do Carmo.

- 76—*Silva* (D. José Alves Correia da) — Pastoral sobre o culto do beato Nuno de Santa Maria na diocese de Leiria, Porto 1924.

Exp.: P.º Valerio Cordeiro.

- 77—*Ulyssiponen.* confirmationis cultus ab immemorabili tempore exhibiti servo Dei Nonio Alvarez Pereira laico professo ordinis carmelitarum calceatorum beato et sancto nuncupato, Roma 1917, um volume.

Exp.: P.º Valerio Cordeiro.

f) IMPRESSOS AVULSOS

- 78—*Circulares* da «Comissão de Homenagem» a D. Nuno Alvares Pereira pedido donativos para uma subscrição para se adquirir uma sua estatua para ser oferecida ao patriarca de Lisboa, datado de 2 Março de 1918.

Exp.: Afonso de Dornelas.

- 79—*Circular* datada de Santarem, 29 de Outubro de 1920, pedindo donativos para as festas em honra de D. Nuno. Folha impressa só dum lado.

Exp.: Afonso de Dornelas.

- 80-81—*Comissão* oficial de identificação da ossada de D. Nuno Alvares Pereira. — Duas circulares, datadas de 27 de Fevereiro de 1918, convidando os jornalistas e professores para comparecerem nos Jeronimos afim de assistirem ao encerramento da ossada.

Exp.: Afonso de Dornelas.

- 82—*Dornelas* (Afonso de)—Portugal agradecido, Lisboa 1917. Proposta, tiragem de 300 êx.
Exp.: Afonso de Dornelas.
- 83—*Mendonça* (Zuzarte de)—Santo (O) Condestabre Frei Nuno de Santa Maria, Lisboa 1915. Duas folhas soltas; com um retrato da *Cronica* e outro com o feito por Luciano Freire.
Exp.: Afonso de Dornelas.
- 84—*Mendonça* (Zuzarte de) — *Heroe e Santo*, O Patrono da Raça. — Folha avulsa de 4 pag., com ret.
Exp.: Coronel Ferreira Lima.
- 84—*Monumento* a Nun'Alvarez.—Lisboa s. d. Prospecto da venda da medalha de Nun'Alvares a favôr da construção do seu monumento.
Exp.: Afonso de Dornelas.
- 86—*Programa* do Instituto Nun'Alvres.—Colegio de Placeres. Pontevedra 1915.
Exp.: Coronel Ferreira Lima.
- 87—*Programa do "Instituto Nun'Alvares"*.—Colégio de Campolide na Belgica. 1914.
Exp.: Coronel Ferreira Lima.
- 88—*Prospecto das "Legendas de Portugal"*—de Rocha Martins, com o ret. de Nun'Alvares.
Exp.: Coronel Ferreira Lima.
- 89—*Quinas* (As) de Portugal.—Ordem dos Cavaleiros do Santo Condestável D. Nuno Alvares Pereira. Associação de instrução e beneficência, prospecto de Novembro de 1931.
Exp.: Coronel Ferreira Lima.
- 90—*Suave* recordação da conferencia do Red.º Dr. Valerio Cordeiro na Igreja da Veneravel Ordem Terceira de Nossa Senhora do Carmo (S. Paulo) em 28 de Agosto de 1926. Folha avulsa de 4 pag., com ret. e biog. de Nun'Alvares.
Exp.: P.º Valerio Cordeiro.

g) LIVROS DIVERSOS

- 91—*Academia* (A) « B. Nuno Alvares ». Homenagem á peregrinação nacional, Roma 1925. Contem art.^{os} e poesias alusivas a Nun' Alvares e est.
Exp.: Gastão de Melo e Matos.

- 92—*Actas* da comissão de identificação da ossada de Dom Nuno Alvares Pereira, 1918. Manuscritas.
Exp.: Afonso de Dornelas.
- 93-94—*Anuario* do Colegio de Maria SS.^{ma} Imaculada, em la Guardia, anos de 1928-1929 e 1929-1930. Rep. duma imagem de D. Nuno e estatutos da Ordem militar de Nun'Alvares.
Exp.: Coronel Ferreira Lima.
- 95-96—*Anuario* do Instituto Nun'Alvres, de La Guardia, anos de 1925-1926 e 1927-1928. Rep. duma imagem de D. Nuno e estatutos da Ordem militar de Nun'Alvares.
Exp.: Coronel Ferreira Lima.
- 97—*Catalogo* do Museu Militar (Antigo museu de Artilharia) 10.^a edição, Lisboa 1930. Traz a est. e a descrição da espada de Nun'Alvares.
Exp.: Coronel Ferreira Lima.
- 98-98-A—*Chagas* (Manuel Pinheiro)—Historia de Portugal, 1.^a edição.
Exp.: Coronel João Cardoso Junior.
—*Idem*, 3.^a edição.
Exp.: Henriques Marques.
- 99—*Chaves* (Luiz) e *Saraiva* (José da Cunha)—Século (O) do Tosão de Ouro em Portugal. Estudo comemorativo do V centenário da instituição da ordem (1430-1930) Lisboa 1930.
Exp.: José da Cunha Saraiva.
- 100—*Chianca* (Ruy)—Ressurreições (Narrativas historicas), Lisboa 1915. Pag. 127-148 cap. O frade do Carmo.
Exp.: Coronel Ferreira Lima.
- 101—*Colégio* da Maria SS.^{ma} Imaculado. Anuário 1929-1930, Pasaje La Guardia Espanha. Com a rep. duma imagem de D. Nun'Alvares.
Exp.: Coronel Ferreira Lima.
- 102—*Daux* (A. A.)—Portugal (O) de Camões, Paris 1889.
Exp.: Coronel João Cardoso Junior.
- 103—*Ferreira* (Monsenhor J. Augusto)—Tumulos (Os) de Santa Clara de Vila do Conde, Porto 1925. Tumulo da filha de D. Nun'Alvares.
Exp.: Coronel Ferreira Lima.
- 104—*Galardi* (M.^r de)—Raisons d'Etat et reflexions politiques sur l'histoire et vies des Roys de Portugal, Liège, 1670.
Exp.: José Rodrigues Simões.
- 105—*Galeria* das Ordens religiosas militares desde a mais remota

- antiguidade até nossos dias, Porto 1843, com um ret. colorido de Nun' Alvares, litografia.
Exp.: Livraria Ramajal.
- 106—*Instituto* Nun' Alvres.—Anuário 1925-1926, Pasaje-La Guardia-Espanha.
Exp.: Coronel Ferreira Lima.
- 107—*Pimentel* (Alberto)—Historia do culto de Nossa Senhora em Portugal, Lisboa s. d.
Exp.: Coronel João Cardoso Junior.
- 108—*Quadros* da independencia nacional, Lisboa 1873. Ret. de D. Nuno Alvares Pereira, gravura em madeira de J. P.
Exp.: Coronel Ferreira Lima.
- 109—*Santo Antonio* (Fr. João Bautista) — Paraiso serafico, Lisboa 1734.
Exp.: José Rodrigues Simões.
- 110—*Sardinha* (Antonio) — A Aliança Peninsular — Antecedentes e possibilidades. Porto, 1924.
Exp.: Gastão de Melo e Matos.
- 111—*Sardinha* (Antonio)—Feira dos mitos, Lisboa 1931. Cap. sobre Nun' Alvares.
Exp.: Gastão de Melo e Matos.
- 112—*Sardinha* (Antonio)—Ao principio era o Verbo—estudos e ensaios, Lisboa, 1924.
Exp.: Gastão de Melo e Matos.
- 113—*Stephens*—Historia de Portugal. Traduzida por Silva Bastos, Lisboa 1893. Ret. de Nun' Alvares.
Exp.: Coronel Ferreira Lima.
- 114—*Vasconcelos* (José Leite de)—Barba (A) em Portugal, Lisboa 1925. Ret. de Nun' Alvares.
Exp.: Coronel Ferreira Lima.
- h) MONOGRAFIAS
- 115—*Affreixo* (José Maria da Graça)—Memoria historico-económica do Concelho de Serpa. Coimbra, 1884.
Exp.: Gastão de Melo e Matos.
- 116—*Alves* (P.^c Francisco Manuel)—Memorias Archeologico-históricas do Districto de Bragança. Tomo I. Porto, 1910.
Exp.: Gastão de Melo e Matos.
- 117—*Aurora* (Conde d')—Roteiro da Ribeira Lima, Ponte de Lima, 1929.
Exp.: Gastão de Melo e Matos.

- 118—*Barreiro* (Dr. José do)—(pseudónimo do Dr. José Corrêa Pacheco)—Monografia de Paredes. Porto 1922.
Exp.: Gastão de Melo e Matos.
- 119—*Caldas* (José)—Historia de um Fogo-Morto (edição definitiva) Porto s. d.
Exp.: Gastão de Melo e Matos.
- 120—*Carvalho* (General Ribeiro de)—Chaves Antiga. Lisboa, 1929.
Exp.: Gastão de Melo e Matos.
- 121—*Correia* (José Hilario de Brito)—Estudos históricos, juridicos e económicos sobre o municipio de Montemor-o-Novo. Coimbra, 1874.
Exp.: Gastão de Melo e Matos.
- 122—*Elyseu* (José das Neves Gomes)—Esboço histórico do concelho de Villa Nova de Ourem. Lisboa 1868.
Exp.: Rogério de Figueirôa Rego.
- 123—*Espanca* (P.^e Joaquim José da Rocha)—Compendio de noticias de Villa Viçosa. Redondo, 1892.
Exp.: Gastão de Melo e Matos.
- 124—*Farinha* (Antonio Lourenço)—Sertã (A) e o seu concelho, Lisboa s. d. (1926?)
Exp.: Gastão de Melo e Matos.
- 125—*Feio* (M. Areosa)—Santarém, princesa das nossas villas. Santarem, MCMXXIX.
Exp.: Gastão de Melo e Matos.
- 126—*Ferreira* (Monsenhor J. Augusto)—Memorias Archeologico-Historicas da Cidade do Porto Volume I. Braga, 1923.
Exp.: Gastão de Melo e Matos.
- 127—*Figueiredo* (José Anastacio de)—Nova historia da militar ordem de Malta, Lisboa 1800.
Exp.: Gastão de Melo e Matos.
- 128—*Guerra* (Luiz de Figueiredo da)—Archivo Viannense. Vol. I (unico) Vianna, 1895.
Exp.: Gastão de Melo e Matos.
- 129—*Henriques* (Guilherme João Carlos)—Alemquer e seu concelho 2.^a edição—Parte X—A villa de Alemquer. Lisboa, 1902.
Exp.: Gastão de Melo e Matos.
- 130—*O. E. e A.*—(Breves Memorias da Villa das Alcaçovas. Evora, 1890.
Exp.: Gastão de Melo e Matos.
- 131—*Ozorio* (José)—Guia de Santarem. Santarem, 1924.
Exp.: Gastão de Melo e Matos.

- 132—*Pereira* (Domingos Joaquim)—Memoria historica da Villa de Barcellos, Barcelinhos e Villa Nova de Famalicão. Vianna, 1867.
Exp.: Gastão de Melo e Matos.
- 133—*Sampaio* (G. Mancelos) e *Soucasaux* (Augusto)—Barcelos. Resenha historica, pitoresca, artistica, Barcelos 1927.
Exp.: Gastão de Melo e Matos.
- 134—*Tavora* (D. Fernando de Tavares e) — Castello (O) da Feira, Porto MCMXVII.
Exp.: Gastão de Melo e Matos.
- 135—*Teixeira* (Candido) — Antiquidades, Familias e varões illustres de Sernache do Bom Jardim. Sernache do Bomjardim, 1925.
Exp.: Gastão de Melo e Matos.
- 136—*Teixeira* (Candido da Silva) — Sernache do Bom Jardim, Lisboa, 1906.
Exp.: Gastão de Melo e Matos.
- 137—*Valdez* (José Joaquim d'Ascensão)—Noticia historica e descriptiva da antiga villa (hoje lugar) de Pontevel, Lisboa 1874.
Exp.: Gastão de Melo e Matos.
- 138—*Vieira* (Julio) — Torres Vedras, Antiga e Moderna. Torres Vedras, 1926.
Exp.: Gastão de Melo e Matos.

i) MUSICA

- 139—*Cordeiro* (José)—Condestavel (O). Marcha guerreira. Original de... Manuscrita.
Exp.: Afonso de Dornelas.
- 140—*Mariz* (Luis Gonzaga)—Canções lusiadas, Bruxelas 1931. Contem o «Hino á Bandeira do Beato Nuno» e «Vanguarda do Beato Nuno».
Exp.: Coronel Ferreira Lima.

j) POESIA

- 141—*Botelho* (José de S. Bernardino) — Condestavel (O) D. Nuno Alvares Pereira. Cantiga militar, Lisboa 1803.
Exp.: Biblioteca Nacional de Lisboa.
- 142—*Camões* (Luis de)—Luziadas (Os), grande edição illustrada, revista e prefaciada pelo Dr. Sousa Viterbo, Lisboa 1900.
Exp.: Coronel João Cardoso Junior.

- 143—*Carvalho* (Maria de) — Antes da Batalha. Aljubarrota, Lisboa 1925.
Exp.: D. Sofia de Sousa Viterbo.
- 144—*Casimiro* (Augusto) — Hora (A) de Nun'Alvares, Porto s. d. (1916 ?).
Exp.: P.^e Valerio Cordeiro.
- 145—*Dias* (Luis da Silva) — Cantares a São Nuno na sua primeira festa celebrada em Sernache do Bomjardim a 24 de Junho de 1920. Sernache s. d. (1920).
Exp.: P.^e Valerio Cordeiro.
- 146—*Feio* (Maria) — No altar da Pátria Nun'Alvares guerreiro e santo, Lisboa 1921.
Exp.: Coronel Ferreira Lima.
- 147—*Formigão* (P.^e Nunes) — Folha impressa só dum lado com uns versos «Herói e Santo, letra do P.^e Nunes Formigão e musica do P.^e Sabino Paulino Pereira» e «Por Dom Nuno e Portugal! Himno dos «Cadetes de Nun'Alvares de Santarem letra e musica do P.^e Nunes Formigão». Santarem s. d.
Exp.: Afonso de Dornelas.
- 148—*Junqueiro* (Abilio Guerra) — Patria, segunda edição, Lisboa 1896.
Pag. 140 a 168: «O espectro de Nun'alvares».
Exp.: Coronel Ferreira Lima.
- 149-152—*Lobo* (Francisco Rodrigues) — Condestabre (O) D. Nuno Alvares Pereira. Lisboa 1610. Grav. por Pierre Peret.
Exp.: Livraria Coelho.
- Lisboa 1627.
Exp.: Idem.
- Lisboa 1723 nas *Obras*.
Exp.: Idem.
- Lisboa 1785.
Exp.: P.^e Valerio Cordeiro.
- 153—*Mendonça*, filho (Zuzarte de) — Nun'Alvares. Versos recitados na Juventude catholica de Lisboa, em honra do Herói Nacional, Lisboa s. d. (1919).
Exp.: P.^e Valerio Cordeiro.
- 154—*Oliveira* (Antonio Correia de) — Na hora incerta ou a nossa patria. Livro 4.^o O Santo Condestavel, Lisboa 1921.
Exp.: P.^e Valerio Cordeiro.
- 155—*Oliveira* (Francisco Manuel de) — Escolha de poesias orientaes, Lisboa 1783. Pag. 24-25 *Ode*, dedicada a Nun'Alvares.
Exp.: Coronel João Cardoso Junior.

- 156—*Raminho* de Flores colhido no Bomjardim por tres poetas sernachenses para as festas do Santo Condestavel D. Nuno Alvares Pereira, Sernache do Bomjardim 1920.
Exp.: Afonso de Dornelas.
- 157—*Ribeiro* (Joaquim Nunes) — Ruinas (As) de Santarem ou uma galeria de finados, Lisboa 1852.
Exp.: Coronel Ferreira Lima.

k) PROGRAMAS

- 158—*Memorandum* das homenagens ao Santo Condestavel em Santarem, nos dias 28, 29 e 30 de Novembro e 1 de Dezembro 1919 publicado por iniciativa da Associação Nun'Alvares. Lisboa 1919.
Exp.: Afonso de Dornelas.
- 159—*Programa* dos divertimentos populares no dia 25 de Junho de 1920 (?) em Sernache do Bonjardim.
Exp.: Afonso de Dornelas.
- 160—*Programa* das festas comemorativas nos dias 10 e 11 de Agosto em Tomar, 1918.
Exp.: Afonso de Dornelas.
- 161—*Programa* da distribuição de premios em 8 de Agosto de 1899, dedicado a Nun'Alvares, realizada no Colegio de Maria Santissima Imaculada, em Campolide.
Exp.: Coronel Ferreira Lima.
- 162—*Programa* das festas em honra do Santo Condestavel Beato Nuno de Santa Maria em Belem. Junho de 1926. Folha avulsa de 4 pag.
Exp.: P.^o Valerio Cordeiro.
- 163—*Programa* da festa em honra do Santo Condestavel Beato Nuno de Santa Maria em Belem. Junho de 1929. Folha avulsa de 4 pag.
Exp.: P.^o Valerio Cordeiro.
- 164—*Programa* das festas em Santarem nos dias 28, 29 e 30 de Novembro e 1 de Dezembro de (?). Folha impressa só dum lado.
Exp.: Afonso de Dornelas.
- 165—*Programa* das festas em Sernache do Bomjardim nos dias 24 a 27 de Junho de 1920.
Exp.: Afonso de Dornelas.

- 166—*Programa* das festas no templo dos Jeronimos em 24 e 25 de Abril de (?). Folha impressa só dum lado.
Exp.: Afonso de Dornelas.
- 167—*Programa* dos festejos realizados, em Sernache do Bomjardim, nos dias 22 a 25 de Junho de 1922, em homenagem ao Santo Condestavel. Folha avulsa da 4 pag., com ret.
Exp.: P.^e Valerio Cordeiro.
- 168—*Programa* da Sessão solene da Academia B. Nuno Alvares para a inauguração da Estátua do seu Patrono, Roma 18 de Maio de 1925.
Exp.: Gastão de Melo e Matos.
- 169—*Programa* da solene comemoração do 5.^o centenário do B. Nun' Alvares. La Guardia 19 de Abril de 1931.
Exp.: Coronel Ferreira Lima.
- 170—*Sessão* solene da Academia B. Nuno Alvares Comemoração do V Centenario da morte do Santo Condestável. Colegio Portuguez em Roma 8 de Novembro, 1931.
Exp.: Coronel Ferreira Lima.
- 171—*Tomar* recordação da comemoração dos dias 10 e 11 de Agosto 1385-1918. Folha avulsa de 4 pag. com ret.
Exp.: Afonso de Dornelas.

D) REVISTAS

- 171-A—*Apóstolo* (O),—Braga 1918. N.^o 4 o de Abril, dedicado a Nun' Alvares. Contem art. e poesias de Luiz Maria d'Almeida, A. Pinto, etc.
Exp.: P.^e Valerio Cordeiro.
- 172—*Arte* (A),—n.^o 90, Porto Junho de 1912. Rep. do quadro de Luciano Freire: Nun' Alvares.
Exp.: Coronel Ferreira Lima.
- 173—*Boletim* da Associação dos Archeologos.—3.^o vol. da 2.^a serie (1921) pag. 187.
Exp.: Associação dos Archeólogos Portugueses.
- 174—*Echos de Roma*,—revista mensal illustrada publicada pelos alumnos do Collegio Portuguez em Roma. Roma Maio de 1909. Contem uma lembrança acêrca do reconhecimento do culto de Nun' Alvares, num art. do P.^e Valerio Cordeirs.
Exp.: P.^e Valerio Cordeiro.
- 175—*Heroe e Santo*.—Numero unico publicado por iniciativa da

- Associação Nun'Alvares de Santarem, em commemoração do 5.º Congresso da Federação das Aggregações da Juventude Catholica Portugueza e das Homenagens Solemnes ao Santo Condestavel D. Nuno Alvares Pereira nos dias 12, 14 e 15 de Junho de 1918, Lisboa 1918.
Exp.: Gastão de Melo e Matos.
- 176—*Ilustração moderna*, Porto 1929. Diversas est.
Exp.: Alfredo Mota.
- 177-178—*Ilustração portugueza*, n.º 715 de 17 de Novembro de 1919.
Traz o art.º de Avelino d'Almeida: O Condestavel D. Nun' Alvares e sua beatificação.
Exp.: Coronel Ferreira de Lima.
—n.º 176 de 5 de Julho de 1909. Contem o art. de Julio Dantas: O duello e a briga em Portugal, com ret. de Nun'Alvares.
Exp.: Dr. Silva Lopes.
- 179—*Medecina* (A) Contemporanea,—n.º 26 de 29 de Junho de 1919.
Art. de Antonio Aurelio da Costa Ferreira: Nun'Alvares.
Exp.: P.º Valerio Cordeiro.
- 180—*Mensageiro* do Coração de Jesus, n.ºs 415 a 419 de Março e Novembro de 1931. Trazem artigos e poesias alusivas a Nun'Alvares e retratos.
Exp.: Coronel Ferreira Lima.
- 181—*Monte* (II) Carmelo, Roma 1918. Anno IV. Fasc. 1.º Marzo 1918. Art. de D. Sebastião de Vasconcelos, bispo de Beja; decreto da confirmação do culto; com grav.
Exp.: P.º Valerio Cordeiro.
- 182—*Portugal*, revista portugueza, quinzenal, ilustrada, anno II, n.º 30, Rio de Janeiro 31 de Outubro de 1924. Art. de Rui Chianca: «D. Nuno Alvares Pereira, avô e neto de reis».
Exp.: Afonso de Dornelas.
- 183—*Renascença*, ilustração católica, n.º 15 de Novembro de 1931. Dedicado a Nun'Alvares.
Exp.: Coronel Ferreira Lima.
- 184—*Serviço d'el Rey*, n.º de 15 de Agosto de 1915. Art.º de Francisco Pereira de Sequeira: «Nun'Alvares, combatente».
Exp.: Gastão de Melo e Matos.
- 185—*Serviço d'el Rey*. Numero especial dedicado á commemoração d'Aljubarrota, Porto 15 de Agosto de 1927 Contem artigos relativos a Nun'Alvares.
Exp.: Gastão de Melo e Matos.

- 186—*Vida Catholica*, 3.º anno, n.º 59, Lisboa 5 de Fevereiro de 1918.
Contem um documento, em latim, relativo ao reconhecimento da ossada do Condestavel, assinado pelo patriarca de Lisboa S. Antonio I.
Exp.: Afonso de Dornelas.

) TEATRO

- 187—*Aguiar* (Manuel Caetano Pimenta de)—S. João I. Tragedia, Lisboa 1817.
Exp.: Dr. Manuel de Sousa Pinto.
- 188-189—*Almeida Garrett* (Visconde de)—*Alfajeme* (O) de Santarem, Lisboa 1843.
Exp.: Coronel Ferreira Lima.
—Idem, reprodução, feita no Porto, daquela edição, Porto s. d.
Na capa da brochura tem a reprodução duma aguarela de Roque Gameiro e Manuel de Macedo. Exemplar da tiragem especial.
Exp.: Coronel Ferreira Lima.
- 190—*Bruschy* e Leal (Manuel Maria da Silva... e José Maria da Silva...)—D. João primeiro, drama historico em 5 actos, Lisboa 1841.
Exp.: Coronel Ferreira Lima.
- 191—*Chaves* (Luiz)—*Oração* (A) de Valverde, Oeiras 1931.
Exp.: Coronel Ferreira Lima.
- 192—*Chianca* (Ruy)—*Aljubarrota*, Lisboa.
Exp.: Coronel João Cardoso Junior.
- 193—*Chianca* (Ruy)—*Nun' Alvares*, Lisboa 1918.
Exp.: o mesmo.
- 194—*Drama* intitulado a gloria de Portugal nas acçoens de D. Nuno Alvares Pereira, Lisboa 1790.
Exp.: Dr. Manuel de Sousa Pinto.
- 195—*Mesquita* (Marcelino)—Leonor Teles, drama historico em 5 actos. 3.ª edição. Lisboa s. d.
Exp.: Coronel Ferreira Lima.
- 196—*Moniz* (Nuno Alvares Pereira Pato)—*Nome* (O) elogio dramatico que, depois da batalha dos Arapiles, vindo a Lisboa o seu vencedor Lord Marquez d'Wellington e Torres Vedras etc. etc. etc. em obsequio, e applauso de tão fausta vinda, se representou no Real Theatro Nacional de S. Carlos, Lisboa 1813.
Exp.: Coronel Ferreira Lima.

- 197—*Penafiel* (G.)—Herói e Santo. Drama em 3 actos e 2 quadros. 1438-1938. Porto 1931.
Exp.: Coronel Ferreira Lima.
- 198—*Valente* (Alipio da Silva)—Heróis de Portugal, Viana do Castelo 1931. Inclui uma composição teatral, em três actos, "Nun' Alvares".
Exp.: Coronel Ferreira Lima.

II—ICONOGRAFIA

a) BILHETES POSTAIS

- 199—*Bilhete postal* com a reprodução duma gravura da "Cronica dos carmelitas".
Exp.: Associação dos Arqueólogos Portugueses.
- 200—*Bilhete postal* com a reprodução da gravura de Picart, em que Nun' Alvares é representado como guerreiro. Edição da A. A. P., comemorativa do 5.º centenario. Em dois cartões diferentes.
Exp.: Associação dos Arqueólogos Portugueses.
- 201—*Bilhete postal* com a reprodução do quadro do pintor italiano J. Gonnella: Tomada d'habito de Nun' Alvares Pereira.
Exp.: Afonso de Dornelas.
- 202—*Bilhete postal* com a reprodução da estatueta de Nun' Alvares da sr.^a D. Maria do Carmo dos Santos Ferreira de Vasconcellos.
Exp.: Afonso de Dornelas.
- 203—*Bilhete postal* com a indicação: "Recordação de Sernache do Bomjardim" e o retrato de Nun' Alvares (tudo em verde).
Exp.: Afonso de Dornelas.
- 204—*Bilhete postal* com a indicação: "Recordação de Sernache do Bomjardim" e a inscrição "O glorioso Condestavel D. Nuno Alvares Pereira", com o seu ret.
Exp.: Afonso de Dornelas.
- 205—*Bilhete postal* representando Nun' Alvares a cavallo e a legenda "O Santo Condestabre".
Exp.: Afonso Dornelas.
- 206—*Bilhete postal* com a reprodução do quadro do pintor sr. Luciano Freire, com a legenda: "D. Nuno Alvares Pereira."
Exp.: Afonso de Dornelas.
- 207—*Bilhete postal* com o retrato de Nun' Alvares de joelhos e as

- legendas: "Santo Condestavel Bomjardim, Junho de 1920"—
 "Valverde"—"Aljubarrota", e as datas "1360" e "1431".
 Exp.: Afonso de Dornelas.
- 208—*Cartão* com a reprodução do retrato da "Chronica" e no verso
 sob o titulo: "O Santo Condestavel" palavras de homenagem.
 Exp.: Afonso de Dornelas.
- 209—*Bilhete postal* representando as "Ruínas do Palacio de D. Nuno
 Alvares Pereira, Rua do Bugio Vila Viçosa".
 Exp.: Coronel Ferreira Lima.
- 210—*Bilhete postal* com a reprodução dum retrato de Nun'Alvares
 do pintor italiano Gonella. Fotogravura.
 Exp.: P.º Valerio Cordeiro.
- 211—*Bilhete postal* com a reprodução da imagem que se venera na
 capela da Ordem terceira do Carmo. Fotogr.
 Exp.: P.º Valerio Cordeiro.
- 212—*Bilhete postal* com a reprodução duma gravura representando
 a fachada nascente do convento do Carmo em 1745. Zincogra-
 vura.
 Exp.: P.º Valerio Cordeiro.
- 213—*Bilhete postal* com a reprodução do interior da igreja do
 Carmo. Fotogravura.
 Exp.: P.º Valerio Cordeiro.
- 214—*Bilhete postal* com a reprodução da imagem de Nun'Alvares
 inaugurada ao culto no templo dos Jeronimos em 3-6-1922.
 Fotografia.
 Exp.: P.º Valerio Cordeiro.
- 215—*Cartão* com a reprodução do retrato de Nun'Alvares, tirado da
 sua "Chronica" e uma poesia (no verso): "Portugal e Nun'
 Alvares". Zincogr.
 Exp.: P.º Valerio Cordeiro.

b) BUSTOS E ESTATUETAS

- 216—*Busto*, em bronze, do escultor sr. Diogo de Macedo.
 Exp.: Diogo de Macedo.
- 216-A—*Estatua em madeira*.
 Exp.: Associação dos Arqueólogos Portugueses.
- 217—*Estatueta* de Maximiano Alves.
 Livraria Catolica de Sousa Tavares.
- 218—*Estatueta colorida* de Simões d'Almeida, sobrinho.
 Livraria Catolica de Sousa Tavares,

- 219—*Estatueta*. Idem.
Exp.: Livraria Catolica de Sousa Tavares.
- 220—*Estatueta*.
Exp.: Afonso de Dornelas.
- 221—*Estatueta*.
Exp.: Fernando Campos.
- c) DESENHOS, AGUARELAS, etc,
- 222 —*Nun' Alvares* na figura de donato. Desenho a esfuminho, reprodução da gravura de Picart.
Exp.: Ordem Terceira do Carmo.
- 223-224—*Aguarelas* (Duas) de Alfredo Moraes — interior do Carmo e estandarte, para o livro de P.^e Valerio Cordeiro.
Exp.: Livraria Catolica de Sousa Tavares.
- 224-225—*Nun' Alvares* e o Alfageme — Aguarelas de Manuel de Macedo e Roque Gameiro para as «Obras completas de Garrett.»
Exp.: Coronel Ferreira Lima.
- 226-227—*Aguarelas* (duas) de Alfredo Moraes, que serviram para o livro do P.^e Valerio Cordeiro: «Estandarte de D. Nuno» e «Ruínas do Carmo».
Exp.: Livraria Catolica de Sousa Tavares.
- 228—*Desenho* do tumulo de D. Nuno Alvares Pereira.
Exp.: Afonso de Dornelas.
- 229—*Desenho* do cofre de veludo que contem, atualmente, os restos mortais do Condestavel.
Exp.: Afonso de Dornelas.
- 230-238—*Aguarelas* (nove) que serviram para a terceira edição da «Historia de Portugal» de Pinheiro Chagas: Batalha de Aljubarrota, Capela de S. Jorge, Ruínas do Convento do Carmo, Tumulo de D. Nun'Alvares, Estandarte do Condestavel, Bandeira de Bernardim Sola, na Batalha de Aljubarrota, Caldeirão de Alcobaca, Espada de Nun'Alvares e Pá d'Aljubarrota.
Exp.: Henriques Marques.

d) FOTOGRAFIAS

- 239-253—*Fotografias* (15) do Convento da Batalha.
Exp.: Mario Cardoso.
- 254—*Fotografia* do caixão.
Exp.: Livraria Catolica de Sousa Tavares.

- 255—*Fotografia* da maquete de Simões d'Almeida.
Exp.: Livraria Catolica de Sousa Tavares.
- 256—*Frei Nuno* de Santa Maria, guerreiro e Santo Portuguez. Fot.
duma imagem de Braga.
Exp.: Livraria Catolica de Sousa Tavares.
- 257-258—*Fotografias* (2) do craneo e ossos de Nun'Alvares.
Exp.: Afonso de Dornelas.
- 259—*Fotografia* da fachada da igreja do Carmo (Museu).
Exp.: Afonso de Dornelas.
- 260—*Fotografia* do quadro a oleo representando D. Nuno Alvares
Pereira, pertencente á sr.^a D. Maria Isabel Falcão.
Exp.: Mario Cardoso.
- 261—*S. Nuno* Alvares Pereira — *Fotografia* duma imagem feita na
oficina de escultura de José Ferreira Thadeu Ascenção, em S.
Mamede Coronado (Santo Tirso).
Exp.: Coronel Ferreira Lima.
- 262—*Fotografia* do interior da igreja do Carmo.
Exp.: P.^o Valerio Cordeiro.
- 263—*Fotografia* da imagem que se venera na igreja dos carmelitas
da Lapa do Rio de Janeiro.
Exp.: P.^o Valerio Cordeiro.
- 264—*Fotografia* da imagem que se venera na paroquial de S. João
do Souto (Braga), dos escultores Vieira & A. Candido Pinto.
Exp.: P.^o Valerio Cordeiro.
- 265—*Fotografia* da estatueta de Simões d'Almeida, que representa
Nun'Alvares.
Exp.: P.^o Valerio Cordeiro.
- 266—*Fotografia* do retrato de Nun'Alvares, do pintor Gonnella.
Exp.: P.^o Valerio Cordeiro.
- 267—*Fotografia* de uma pedra brazonada que existiu numa casa que
Nun'Alvares possuiu em Santarem.
Exp.: Afonso de Dornelas.
- 268—*Fotografia* da porta do relógio na praça de D. Nuno Alvares
Pereira, em Portel.
Exp.: Afonso de Dornelas.
- 269—*Fotografia* da Comissão Official de identificação da ossada de
D. Nuno Alvares Pereira.
Exp.: Afonso de Dornelas.
- 270-271—*Fotografias* (duas) do quadro existente na igreja do
Carmo de Moura.
Exp.: Afonso de Dornelas.

- 272—*Fotografia* tirada, em 14 de Agosto de 1921, no interior da igreja do Carmo.
Exp.: Afonso de Dornelas.
- 273-277—*Fotografias* (cinco): Igreja e convento da Flor da Rosa, (fundado pelo pae de D. Nuno), Castelo da Amieira (reedificado por D. Nuno), Capela e Castelo de N. S. da Gloria (para nela se colocar o tumulo do avô de D. Nuno), Tumulo do arcebispo D. Gonçalo Pereira (avô de D. Nuno) e Aljubarrota.
Exp.: Henrique Marques.
- e) GRAVURAS, LITOGRAFIAS, FOTOGRAVURAS, etc.
- 278—*Quadros* da Historia de Portugal. — Reprodução de aguarelas de Alberto de Sousa: batalha de Aljubarrota, etc.
Exp.: Paulo Guedes.
- 279—*D. Nuno* Alvares Pereira.—Silva L. lith.—Lith. de M. Luiz da C.^{ta} R. N. dos M.^{res} n.º 12 Lx.^a
Exp.: Biblioteca Nacional de Lisboa.
- 280—*Chiesa* di S. Antonio dei portoghesi. Via dei portoghesi, 2—Roma. Primo altare (all'infuori del Portogallo) dove si venera la immagine del Beato Nuno Alvares Pereira inaugurato sabato 2 luglio 1921 e benedetto dal l'ill.^{mo} e rev.^{mo} Mons. Sebastiano Leite de Vasconcellos arcivescovo di Damiatina.
Fot. do quadro de Michael Pecci.
Exp.: Afonso de Dornelas.
- 281—*Gravura* em aço de J. Pedroso para uma nota do Banco de Portugal.
Exp.: D. Maria Luiza Joannis Castanheira das Neves.
- 282—*Beato* Nuno de Santa Maria Salvae Portugal—Estampa, que o representa como frade. Ocogravura L.^{da} Rua D. Pedro V. 18.
Exp.: Coronel João Cardoso Junior.
- 283—*Beato* Nuno de Santa Maria salvae Portugal.—Figura de frade, ao largo a Torre de Belem. Abbaye di Maredret, 483.
Exp.: Dr. Silva Lopes.
- 284—*Beato* Nuno de Santa Maria Salvae Portugal.—Figura de frade, monumento da Batalha no ultimo plano.
Exp.: Livraria Católica de Sousa Tavares.
- 285—*Grande* (O) heroe nacional D. Nun'Alvares Pereira. Rep. duma aguarela de Alfredo Morais.
Exp.: Livraria Católica de Sousa Tavares.

- 286—*Santo* (O) Condestavel.—Edição da Livraria Catholica (registada)—220, R. Augusta, 222—Lisboa. Rep. numa aguarela, a côres, de Alfredo Morais.
Exp.: Livraria Católica de Sousa Tavares.
- 287-289—*Estampas* (3) do livro do P.^e Valerio Cordeiro : estatua de D. Nuno, de Simões d'Almeida (sobrinho), Gloria do Beato Nuno Alvares, por Gonella e Imagem do Beato Nuno (que se venera na capella da O. T. do Carmo (Lisboa).
Exp.: Livraria Católica de Sousa Tavares.
- 290 — *Beato* Nun'Alvares Pereira Condestabre de Portugal, Arraiolos e Barcelos e Senhor donatário de 45 cidades e vilas (1360-1431). Figura do Santo e vista da Batalha. .
Exp.: Livraria Católica de Sousa Tavares.
- 291—*Santo* Condestavel D. Nun'Alvares Pereira. — Heliogravura rep. da estatueta de Simões d'Almeida.
Exp.: Livraria Católica de Sousa Tavares.
- 292—*Beato* Nun'Alvares—Rep. em heliogravura da imagem da Ordem Terceira do Carmo.
Exp.: Livraria Católica de Sousa Tavares.
- 293—*Beato* Nuno Alvares Pereira. Fotografia numa imagem de Braga.
Exp.: Livraria Católica de Sousa Tavares.
- 294—*Desenho* pela primeira vez reproduzido da Capela-Mór do Convento do Carmo de Lisboa, quando foi destruida pelo terremoto de 1 de Novembro de 1755. Rep. feita, em 1917, pelo sr. Afonso de Dornelas de um desenho pertencente ao ms. de Fr. Manuel de Sá.
Exp.: Afonso de Dornelas.
- 295—*Cartão* com a reprodução do desenho da capela mór da igreja do Carmo tirado do manuscrito de Fr. Manuel de Sá. Edição de Afonso de Dornelas, em Novembro de 1917.
Exp.: Afonso de Dornelas.
- 296-302—*Fotogravuras* (sete) tiradas dos desenhos pertencentes ao manuscrito de Frei Manuel de Sá sobre o convento do Carmo.
Exp.: Afonso de Dornelas.
- 303—*Fotogravura* do cofre em que, presentemente, se encontram os restos mortaes de D. Nuno Alvares Pereira.
Exp.: Antonio Cesar Mena Junior.
- 304-304-A—*Litografias*, (duas) extraidas do «Universo Pittoresco», representando: «Frontaria do convento do Carmo e exterior da

capella mór do lado do Rocio, antes do terremoto de 1755" e "Frontaria da Igreja de N. S.^a do Carmo antes do terremoto de 1755".

Exp.: Henrique Marques.

305—*Estampa* do tumulto e estatua, litografia.

Exp.: P. Valerio Cordeiro.

306-308—*Estampas* (três) estampas em gravura em madeira e fotogravura de varios aspectos da egreja do Carmo.

Exp.: Henrique Marques.

309—*Estampa* da imagem do Santo Condestavel que se venera na igreja matriz de Sernache do Bomjardim. Fotogravura, de 22-VI-1922.

Exp.: P. Valerio Cordeiro.

310—*Estampa* com a reprodução do quadro a oleo de Felix da Costa representando o beato Nuno Alvares de Santa Maria. Fotogravura a côres.

Exp.: P. Valerio Cordeiro.

311—*Registo* colorido, com a reprodução do retrato de Nun'Alvares do pintor Gonella. Tem no verso uma oração. Fotogravura.

Exp.: P. Valerio Cordeiro.

312—*Beato Nuno* de Santa Maria Salvae Portugal. Fototipia feita na Belgica.

Exp.: Coronel Ferreira Lima.

313—*Santo Condestavel* Nun'Alvares Pereira. Fototipia.

Exp.: Coronel Ferreira Lima.

314—*Beato Nun' Alvares*. Fototipia.

Exp.: Coronel Ferreira Lima.

315—*Santo Condestavel*. Registo editado pela Livraria Catolica de Lisboa. D. Nuno está de joelhos.

Exp.: Afonso de Dornelas.

316—*Santo* (O) Condestavel.—Reprodução cromolitografica duma aguarela de Alfredo Moraes. Edição da Livraria Catolica de Lisboa.

Exp.: Afonso de Dornelas.

317—*Fotogravura* duma estampa onde se lê: "O incomparavel D. Nuno Alvares Pereira Fundador deste Real Convento e da R. Irmandade de N. S. do Vencimento do Monte do Carmo no anno de 1397".

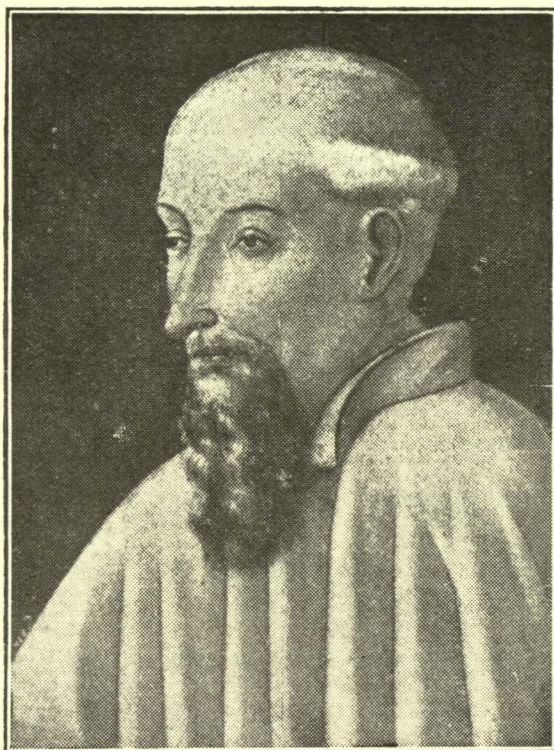
Exp.: Afonso de Dornelas.

318—*Santo* (O) Condestavel.—A veneravel Ordem Terceira da Nossa

- Senhora do Monte Carmo fundada por D. Nuno Alvares Pereira conserva as suas reliquias. Rep. zincog. do ret. da Cronica.
Exp.: Antonio Cesar Mena Junior.
- 319—*Santo* (O) Condestavel Frei Nuno de Santa Maria—(D. Nuno Alvares Pereira), que se venera na egreja da veneravel Ordem Terceira de Nossa Senhora do Monte do Carmo por ele instituida, em Lisboa. Fotogravura.
Exp.: Antonio Cesar Mena Junior.
- 320—*D. Nuno* Alvares Pereira, condestavel de Portugal. Com as indicações: 1879 sc e *J. J. S.* Grav., em, metal de João José dos Santos.
Exp.: Coronel Ferreira Lima.
- 321—*Gravura* de Bernard Picart, de 1722.
Exp.: José do Amaral Frazão de Vasconcelos.
- 322—*Gravura* de G. F. L. Debrie 1749, com a inscrição: Haec Comitibus stabilis Nonni bellantis imago etc.
Exp.: Antonio Cesar Mena Junior.
- 323—*B. Nonius* Alvarez Pereyra Conf. ex Regio sanguine, Comes stabili, etc. Gravura em metal.
Exp.: Afonso de Dornelas.
- 324—*Condestavel* (O) D. Nuno Alvares Pereira. Grav. em madeira de *J. P.* (Joaquim Pedroso), desenho de *J. Dantas*.
Exp.: Coronel Ferreira Lima.
- 325—*Dom Nuno* Alvares Pereira. Lith. de M.^{el} Luiz—C. Legrand. Tem na parte inferior uma representação da Batalha da Aljubarrota.
Exp.: Coronel Ferreira Lima.
- 326—*D. Nuno*, lit. assinada *Eduardo*.
Exp.: Coronel Ferreira Lima.
- 327—*D. Nuno* Alvares Pereira. Lith. de Santos—M. S. Valentim
Exp.: Coronel Ferreira Lima.
- 328—*D. Nuno* Alvares Pereira. Silva L. Lith. Litografia em grande formato.
Exp.: Biblioteca Nacional de Lisboa.

f) MEDALHAS

- 329-330—*Medalha* de Nun'Alvares. Fotografia e fotogravura do modelo do anverso da medalha.
Exp.: Afonso de Dornelas.



D. NUNO ÁLVARES PEREIRA

(Quadro pertencente à casa dos Marquesses de Pombal)

- 331-334 — *Medalhas* (quatro) — umas com Nun'Alvares (de guerreiro) e Cruzada Nacional Nun'Alvares e brazões; outra com Nun'Alvares (de frade) e N. S. de Fatima e outra com Nun'Alvares (de frade) e N. S. do Livramento.
Exp.: Livraria Catolica de Sousa Tavares.
- 335-337 — *Medalhas* (tres) — uma com Nun'Alvares (de frade) e N. S. de Fatima, outras com Nun'Alvares e as datas 1360 e 1431.
Exp.: Antonio Cesar Mena Junior e Dr. Eduardo Neves.
- 338-344 — *Medalhas* (7) de premios aos alunos do «Instituto Nun'Alvares», ou «Colegio de la Guardia».
Exp.: Joaquim Lemos de Macedo.

g) QUADROS

- 345 — *Quadro* do seculo XVI existente no Palacio Pombal, em Oeiras. Atribuido, pelo sr. Dr. José de Figueiredo, ao pincel do mestre de S. Bento.
Exp.: Marquês de Pombal.
- 346 — *Quadro a oleo* da antiga Sala dos Patriarcas (Paço de S. Vicente).
Exp.: Museu de Arte Antiga.
- 347 — *Quadro a oleo*, doado por Guerra Junqueiro.
Exp.: Museu de Arte Antiga.
- 348 — *Quadro em tela*, existente no Palacio Cadaval, em Pedrouços.
Exp.: Duque de Cadaval.
- 349 — *Quadro a oleo*, sobre tabua.
Exp.: D. Maria Izabel Falcão Trigoso.
- 350 — *Quadro a oleo* sobre tabua, do seculo XVIII. Retabulo da igreja carmelita de Moura.
Exp.: Comissão Administrativa da Camara Municipal de Moura.
- 351 — *Quadro em tela* do seculo XVII.
Exp.: Biblioteca Nacional de Lisboa.
- 352 — *Quadro em tabua*.
Exp.: Biblioteca Nacional de Lisboa.
- 353 — *Quadro a oleo*, do pintor Felix da Costa.
Exp.: P.º Valerio Cordeiro.

h) SELOS

- 354-365 — *Selos* (doze) da Independencia de Portugal. — Valores: de 1926 — 3, 5, 15 e 46 centavos (D. João I e a Batalha), 20 e 32

- centavos e 10 escudos (Aljubarrota); de 1927 — 40 e 96 centavos (Padeira d'Aljubarrota) 5, 16 e 1\$60 centavos (João das Regras); 1928 — 5, 40 e 1\$00 centavos (Batalha dos Atoleiros).
Exp.: Afonso de Dornelas.
- 366-373—*Selos* (oito) comemorativos do 7.º centenario da morte de Nun'Alvares.
Exp.: Afonso de Dornelas.
- 374-375—*Selos* (tres) comemorativos do 538.º aniversario da Batalha de Aljubarrota. Edição do «Grupo dos Amigos do Museu e da Biblioteca de Elvas», 1385-1923.
Exp.: Coronel Ferreira Lima.

III—VARIA

a) OBJECTOS LIGADOS Á VIDA E MORTE DE NUN'ALVARES

- 376—*Relicario* de prata usado pelo Santo Condestavel.
Exp. Ordem Terceira do Carmo.
- 377—*Tumulo* em madeira, reconstituição do primitivo tumulo de D. Nuno Alvares Pereira.
Exp.: Associação dos Arqueólogos Portugueses.
- 378—*Urna* em madeira, que conteve os ossos da mãe de D. Nuno Alvares Pereira.
Exp.: Ordem Terceira do Carmo.
- 379—*Sarcofago*, em pedra, do «Alfageme de Santarem».
Exp.: Associação dos Arqueólogos Portugueses.
- 380—*Espada* de Nun'Alvares.—Cópia do original existente no Museu Militar.
Exp.: Afonso de Dornelas.
- 381—*Estandarte*, reprodução do que usava Nun'Alvares.
Exp.: P.º Valerio Cordeiro.

b) CURIOSIDADES

- 382—*Prospecto* da colecção de selos da Independencia Nacional.
Exp.: Coronel Cardoso Junior.
- 383—*Ex-libris* do Convento do Carmo de Lisboa.
Exp.: Dr. Luciano Ribeiro.

- 384—*Azulejo* com as armas dos Pereiras e por baixo a inscrição «D. Nuno Alvares Pereira», a côres.
Exp.: Associação dos Arqueólogos Portugueses.
- 385—*Cedula*, de Souzel, com o retrato de Nun'Alvares.
Exp.: Afonso de Dornelas.
- 386—*Caixa* de papel de carta, com a marca «Condestabre».
Exp.: Coronel Ferreira Lima.
- 387—*Azulejo*, com o retrato de Nun'Alvares (frade).
Exp.: P.^o Valerio Cordeiro.
- 388—*Azulejo*, com o retrato de Nun'Alvares (guerreiro).
Exp.: P.^o Valerio Cordeiro.
- 389—*Cartão* da subscrição para as despezas com as solenidades inaugurais do culto publico do Beato Nuno Alvares Pereira. Lisboa 1919.
Exp.: Afonso de Dornelas.
- 390—*Impresso* annunciando o Vinho Velho do Porto Condestavel com ret. de D. Nuno, versos de Rodrigues Lobo, etc.
Exp.: Afonso de Dornelas.
- 391—*Senha* de uma garrafa de vinho do Porto Condestave'.
Exp.: Afonso de Dornelas.
-



Conde de São Paio (D. António)

A Associação dos Arqueólogos Portugueses, desejando prestar pública homenagem ao seu ilustre Secretário Geral, Ex.^{mo} Senhor Conde de São Paio (Dom António), resolveu, por aclamação, que o seu retrato fôsse publicado no volume X da «ARQUEOLOGIA E HISTÓRIA».

(Por decisão da Assembleia Geral de 26 de Maio de 1932.)

RELATÓRIOS

GERÊNCIA DO CONSELHO ADMINISTRATIVO

1930-1931

Novo ano acaba de decorrer sôbre os nossos trabalhos académicos e associativos e com êle finda o actual Conselho Administrativo o mandato com que a Assembleia o honrou há três anos.

O Conselho Administrativo esforçou-se, ainda mais uma vez, para manter-se, a si e à Associação, naquele nível elevado a que sempre aspirou, e o qual se não atingiu, foi por mingua de recursos próprios, que não de boa vontade, ou por causas fortuitas que não estavam na sua mão prever, e que procurou atenuar com a maior prontidão, e, ao mesmo tempo, suavidade possível.

Durante as férias um acontecimento notável se realizou a que a Associação se não podia ter deixado alheia.

Refiro-me ao Congresso Internacional de Antropologia e Arqueologia Pre-histórica que se realizou no mês de Setembro em Coimbra e Pôrto.

A Associação, que havia tomado uma parte tão activa e preponderante no último Congresso realizado em Portugal, por ter êle sido na nossa capital e sede de Associação, não podia, pela inversa razão, tomar igual parte neste Congresso que se realizava fora do seu centro de cultura, mas não deixou de a êle enviar o seu mais autorizado embaixador, seu Presidente de honra, Dr. José Leite de Vasconcelos, que presidiu ao mesmo Congresso, tendo igualmente concorrido outros muitos nossos ilustres consócios, que pelos seus trabalhos muito honraram os seus nomes, e o da nossa Associação.

Procurou o Conselho Administrativo continuar a preparar com maior interêsse possível as sessões de estudo da Assembleia Geral, e tem a satisfação de constatar que alguma coisa lhe parece ter conseguido.

Assim, ao abrir o ano académico, em 5 de Novembro do ano passado, o Rev. P.^e Jallay comunicou à Assembleia, num extenso e minucioso relato, qual foi a marcha e resultados do referido Congresso Internacional de Antropologia e Arqueologia, pondo em merecido realce os trabalhos dos nossos consócios, mas cometendo a injustiça de esbater os seus trabalhos pessoais que foram tão notáveis quanto V. Ex.^{as} sabem; na mesma sessão o nosso Vice-Presidente, e ilustre académico, Sr. Coronel Pereira de Sousa expôs, numa interessante comunicação, quais os efeitos do grande terramoto de 1775 na igreja do Carmo, hoje nossa sede, tendo desenvolvido ainda sábias considerações sôbre a teoria dos tremores de terra.

Em 27 do mesmo mês o nosso consócio e eminente orientalista, Rev. P.^e Schurhammer, deu pela primeira vez conhecimento ao público da existência na nossa Torre do Tombo os dos mais antigos monumentos da língua e literatura malaia, foi uma

Vem a proposta dizer que o funcionamento das várias secções da nossa Associação foi com a costumada regularidade, se exceptuarmos a Secção de Estudos Olisiponenses que vem manifestando um afrouxamento que é muito de esperar em breve desapareça.

Sem melindre para as outras secções de estudo, notabilizaram-se pelo seu labor as secções de Arqueologia Pre-histórica, que continua trabalhando com uma actividade digna de registo, e a de Heráldica e Genealogia que não desanima do seu conhecido entusiasmo.

A nossa Biblioteca está com bela apresentação de arrumação das suas espécies, sendo para lamentar que motivos vários do conhecimento de V. Ex.^{as}, e alheios ao Conselho Administrativo, tenham atrasado a revisão completa e definitiva do seu catálogo.

O Conselho Administrativo tem envidado os seus melhores esforços para remediar todos os inconvenientes surgidos à volta da mesma Biblioteca, e pode afirmar que ela tem sido uma das suas maiores preocupações.

Entretanto ela tem sido enriquecida com novas e valiosas obras, na sua maior parte generosa oferta dos nossos consócios, cuja produção científica e literária tem continuado a confirmar a sua conhecida reputação de eruditos.

O nosso Museu, continua na mesma boa conservação e arrumação em que se tem conservado, sendo para lamentar que as mesmas razões apontadas quanto a dificuldades do catálogo da Biblioteca, se mantenham para explicar a não existência ainda do catálogo completo da sua parte principal—a de arqueologia histórica.

Intimamente ligada a este problema está o do *Guia* do nosso Museu, aspiração a que o Conselho Administrativo ligou a sua maior atenção, mas que pelas mesmas razões atrás apontadas não teve a felicidade de ver realizada.

A propósito, o Conselho Administrativo aponta à consideração da Assembleia, que dentro da letra dos Estatutos, o mesmo Conselho não tem ingerência alguma no trabalho da conservação e catalogação do Museu e Biblioteca, o que urge remediar numa futura revisão dos mesmos Estatutos.

A nossa revista *Arqueologia e História*, por factos absolutamente alheios ao Conselho Administrativo, e ao seu Vogal Redactor, mas unicamente imputáveis à tipografia em que por infelicidade ela foi dada a imprimir, tem estado bastante atrasado, julga porém o Conselho Administrativo que ainda no ano corrente se poderão distribuir os 8º e 9º volumes, recuperando-se assim de algum modo o involuntário atraso.

O Conselho Administrativo pode afirmar que, dentro dos nossos modestíssimos recursos a nossa Associação se encontra numa situação financeira absolutamente deficiente, como V. Ex.^{as} poderão verificar pelo balanço fornecido pelo nosso dedicado Tesoureiro, a quem são devidos os nossos agradecimentos e louvores pelo zelo, intelligencia, dedicação e energia com que tem administrado o nosso pequenino património.

Finalmente o Conselho Administrativo não pode encerrar o presente relatório, o último da sua gerência, sem manifestar aos seus consócios, mais uma vez, os seus rendidos agradecimentos pela deferência que para elle representa a confiança que nelle depositaram elegendo-o, há três anos, para os cargos que agora abandonam, e

o apoio que sempre a Assembleia Geral manifestou a todos os actos da sua gerência: lamenta o Conselho Administrativo não ter realizado melhor obra, mas assegura que pôs no desempenho da sua missão todo o esforço da sua melhor vontade e até do seu sacrifício, e faz os votos mais calorosos para que a nova gerência que vai ser eleita reúna todos aquêles predicados que porventura faltaram à gerência cessante, e seja a sua obra coroada do exito mais lisonjeiro para honra da Associação dos Arqueólogos Portugueses.

O Secretário Geral

Conde de São Payo, D. António

SECÇÃO DE ARQUEOLOGIA PRE-HISTÓRICA

1930-1931

O presente relatório, como os dos dois últimos anos, continua a ser apenas um extracto muito resumido das actas das sessões da Secção de Arqueologia Pre-Histórica, pela mesma ordem em que elas se efectuaram.

A Secção reuniu, este ano, seis vezes, com a comparência dedicada dos senhores dr. Joaquim Fontes, reverendo padre Jalhay, tenente Afonso do Paço, dr. Félix Alves Pereira, engenheiro Melo Nogueira, César de Azevedo Pires e Lerenio Antunes Barradas.

Na primeira sessão o reverendo padre Jalhay põe em relevo a importância que assumiu o Congresso Internacional de Antropologia e Arqueologia Pre-Histórica, este ano realizado em Coimbra e Porto, sobretudo no que respeita à pre-história portuguesa. Durante a visita dos congressistas à Citânia de Briteiros foi muito apreciado o achado da segunda pedra formosa, e nas excavações a que se estava procedendo no Cabeço da Amoreira tinham sido encontrados, nessa ocasião, dois esqueletos, o que apresenta certa importância, porque se julgava que eles só apareciam no Cabeço da Arruda.

Foi participada a descoberta das célebres pictografias do Cachão da Rapa, que se julgavam perdidas, com o que a Secção se congratulou, pois essas gravuras, pintadas de negro e encarnado, têm servido de base a muitos estudos sobre a arte rupestre.

Foi apresentada uma notícia do sr. Tomás Simões Viana, sobre o achado de umas gravuras rupestres, existentes no lugar da Chã da Espiga, na freguesia de Ancora.

O senhor tenente Afonso do Paço noticia a existência de um concheiro em Carreço, mesmo debaixo do farol, que foi edificado sobre elle.

A segunda sessão foi convocada especialmente para tratar das jóias de Moura, tendo sido lidos os relatórios de alguns membros da comissão encarregada do seu exame.

O do senhor padre Jalhay apresenta o seguinte resumo: «a técnica, a ornamentação incisa e estampada das joias, e a visinhança de outros achados de ourivesaria proto-histórica induzem a incluir estas joias num período pre-romano, não mais arcaico que o de Hallstatt. Pelos trabalhos de soldadura e pelo toque do ouro das diferentes peças, devem-se atribuir, pelo menos algumas, a um período mais recente, que pode ir mesmo até ao da romanização da península. Muito provavelmente haverá peças de um e outro período, ou peças mais antigas trabalhadas, acrescentadas, etc. em períodos posteriores».

O senhor dr. Alves Pereira diz no seu relatório que recebeu a impressão de que o grupo das joias constitue um esconderijo, talvez até mais recente do que a árvore junto da qual o depósito teria sido feito, e, não podendo classificar seguramente a proveniência delas, por constituírem um grupo heterogéneo, julga-as, contudo, dignas de um museu, para estudos ulteriores, quanto mais não fôsse pelo seu valor intrínseco, até aparecerem outras com que possam confrontar-se, no todo ou em parte.

O senhor dr. Leite de Vasconcelos também tem a impressão de tratar-se de um tesouro heterogéneo.

O senhor dr. Joaquim Fontes diz não ter meios de classificar as joias com segurança, por serem heterogéneas e de títulos diferentes, mas que devem ser adquiridas para o Museu Etnológico pelo seu justo valor de 16.000\$00, pois é muito natural que, mais tarde, se possa fazer sobre elas um estudo completo, e propõe que se officie ao Conselho Administrativo da nossa Associação, dando conta das «démarches» e estudos da Secção sobre as jóias, cuja antiguidade pode ir desde os tempos proto-históricos até à romanização da península.

Na terceira sessão reconhece-se a conveniência de a nossa Secção se apresentar na próxima reunião do Congresso das Associações Espanhola e Portuguesa para o Progresso das Ciências, não só pela possibilidade de tratar de assuntos interessantes, mas também para responder às atenções com que os espanhóis nos receberam ultimamente em Barcelona.

Na quarta sessão toma-se conhecimento de que o nosso consócio Tomás Simões Viana tinha acabado de encontrar paleolítico e neolítico em Santa Marfa de Portu-selo, no mesmo local em que o senhor dr. Vítor Fontes encontrou o seu «coup-de-poing».

O sr. Lerenó Antunes, pela primeira vez presente às sessões da Secção, relata os seus valiosos trabalhos sobre o paleolítico de Elvas, apresentando alguns desenhos e exemplares líticos das estações de «Herdade das Alfarófiás», de «Monte Campo», da «Comenda», de «Bota Fogo» e da «Herdade da Freguesia do Caia». Todos os instrumentos destas estações devem ser do paleolítico inferior, e para melhor e conveniente elucidação, o senhor dr. Fontes propõe que a Secção vá em Comissão a Elvas verificar os locais das estações.

Na quinta sessão continua o sr. Lerenó Antunes a mostrar novos instrumentos das estações dos arredores de Elvas, constituídos por alguns «coups-de-poings» de forma quasi triangular, que o senhor padre Jalhay acha semelhantes aos instrumentos pre-chelenses que ultimamente têm sido encontrados no Egipto, na Palestina e também em França.

Em vista do interêsse despertado pelas condições em que o sr. Lerenó Antunes

dizia terem sido encontrados os seus instrumentos, realisou-se a visita aos locais nos dias 27 a 30 de Setembro último, com a comparência dos senhores dr. Joaquim Fontes, padre Jalhay, padre Louisier, dr. Rui de Serpa Pinto, o sr. Lereno Antunes e o signatário.

Dos resultados obtidos ficou o sr. Lereno Antunes encarregado de relatar numa próxima reunião da Assembleia Geral da nossa Associação.

A sexta e última sessão occupou-se simplesmente da leitura do relatório a apresentar ao Conselho Administrativo sôbre a candidatura a sócio titular do senhor tenente Afonso do Paço.

Lisboa, 12 de Novembro de 1931

O Secretário
Manuel Alves Costa

SECÇÃO DE NUMISMÁTICA E SIGILOGRAFIA

1930-1931

Unicamente para cumprir uma disposição dos nossos Estatutos, venho expôr o que foi a vida da Secção de Numismática durante o ano de 1930-1931, lamentando, porém, não poder prender a atenção de V. Ex.^{as} com a narração de factos demonstrativos d'aquello desenvolvimento que todos nós desejamos assegurar a todos os ramos da arqueologia, que n'esta casa se cultivam sempre com carinho e não poucas vezes com brilhantismo.

Infelizmente, no período acima apontado, a Secção, por motivos vários, apenas conseguiu reunir três vezes. No entanto, se tivermos em vista tão limitado número de reuniões, poderemos concluir que o seu esforço foi ainda assim relativamente apreciavel.

N'essas três reuniões foram abordados vários assumptos e d'entre elles citarei duas comunicações, uma do snr. Coronel Ferreira Lima, acêrca da medalha chamada do barão de Castello de Paiva, e a outra do snr. Azevedo Pires, relativa a algumas moedas romanas do imperador Octaviano César Augusto.

A Secção occupou-se também das placas ou medalhas de porcelana com retratos feitos no Arsenal do Exercito no tempo de Bartholomeu da Costa e também no Brasil pela mesma época, assunto êste que foi principalmente tratado pelo senhor Cardoso Pinto e pelo illustre presidente da Secção, senhor Doutor Luís Xavier da Costa.

Pelo signatário foi presente n'uma das sessões, uma moeda de 5 cêntimos (1875 do pretendente Carlos VII, de Hespanha, moeda que é classificada de extremamente rara n'um dos catálogos da casa Schulman e de que a Secção se occupou com merecido interesse,

Resta-me acrescentar que compareceram ás sessões, além do Presidente da Secção e do signatário, os snrs. Coronel Ferreira Lima, tenente Alfredo Mota, Conde de São Payo, Cardoso Marta, doutor Eduardo da Silva Neves, Cardoso Pinto, José Mendes da Cunha Saraiva, Luciano Ribeiro e Azevedo Pires.

* * *

Pelo que respeita ao nosso Museu, registaram-se durante o anno as seguintes ofertas :

— Do Snr. Alfredo Carvalho, por intermédio do nosso consócio Snr. Coronel Vieira d. Silva, 4 cédulas camarárias ,

— Uma medalha comemorativa da Secção de Portugal na Exposição Internacional Colonial e Marítima de Antuérpia, obtida por intervenção do Snr. Conde de São Payo, que, como secretário geral da Associação havia oficiado ao Snr. Armando Cortezão, agente geral das Colónias ;

— Uma moeda austríaca, da actualidade, oferecida pelo profesor do Colégio Militar, Snr. Capitão Baltazar Moreira de Brito Xavier ;

— Uma pequena medalha comemorativa da Exposição de Sevilha e duas moedas brasileiras, uma de 200 reis (1921) e outra de 400 reis (1925) oferta do nosso consócio Snr. Cordeiro de Sousa ;

— Uma moeda de 20 cêntimos (1925) da Itália, oferecida pelo empregado d'esta Associação ;

— Três moedas da África, oferecidas pelo Rev. Padre Manuel Buela Pombo, por intermédio do nosso consócio Snr. Frazão de Vasconcellos, sendo uma de 10 centavos (1921) de Angola, outra de 50 centavos (1922) também de Angola e a terceira de 50 centavos (1929) de S. Thomé e Príncipe.

Além d'estas medalhas e moedas, que menciono porque não existiam ainda na colecção do museu e por isso deram entrada nas respectivas vitrinas, a Associação recebeu também alguns duplicados.

Por compra, a Associação adquiriu 3 moedas de prata de 50 centavos, datas diferentes, da República, e uma medalha francesa da «Administration des monnaies et des médailles.»

Secretário e conservador

Júlio Nunes de Freitas

SECÇÃO DE HERÁLDICA E GENEALOGIA

1930-1931

A Secção de Heráldica, cumprindo o estabelecido no art. 40.º da lei que nos rege, vem apresentar em resumo o que de mais notável se passou na mesma Secção, dando assim a conhecer a actividade dispendida e qual o proveito dessa actividade.

—Na sessão de 26 de Novembro de 1930, o signatário fez uma comunicação sobre sêlos que na sua composição tem peças heráldicas.

O Sr. Afonso de Dornelas leu o prefácio que elaborou para o Tratado Geral de Nobreza de António Rodrigues, que a Biblioteca Municipal do Porto vai publicar.

— Na sessão de 10 de Dezembro, o Sr. Afonso de Dornelas fez uma comunicação sôbre o livro d'horas do Rei D. Fernando I, que se encontra na Biblioteca Pública do Rio de Janeiro.

O mesmo Sr. apresentou o parecer para as Armas de Albergaria-a-Velha, que foi aprovado.

— Na sessão de 4 de Janeiro de 1931, o signatário fez uma comunicação sôbre as formas das diferentes signas medievais, procurando definir a configuração de cada uma.

O Sr. Pina Cabral fez uma comunicação sôbre a genealogia de D. Isabel Moniz, sogra de Cristóvão Colombo.

O Sr. Álvaro de Brée fez uma interessante comunicação sôbre esfragística, apresentando reproduções de muitos sêlos portugueses existentes em documentos arquivados na Biblioteca Nacional de Paris.

O Sr. Afonso de Dornelas apresentou o seu parecer sôbre as Armas de Pampilhosa do Boião, que foi aprovado.

— Na sessão de 21 de Janeiro de 1931, o Sr. Cunha Saraiva apresentou uma comunicação sôbre os Viscondes de Souto d'El-Rei, e o Sr. Pina Cabral um muito interessante estudo crítico sôbre o Armorial de Santos Ferreira e sôbre a melhor forma de organizar um armorial.

— Em 11 de Fevereiro, foi pela Secção muito sentida a morte do grande heraldista Guilherme Luiz dos Santos Ferreira, que foi Presidente da mesma Secção.

Iguais manifestações de sentimento foram proferidas pelo falecimento do grande cultor de heráldica Dr. Luiz Figueiredo da Guerra.

O Sr. Pina Cabral fez uma comunicação sôbre sêlos municipais de Coimbra que na Tôrre do Tombo foram encontrados pelo nosso illustre consócio Dr. Ruy d'Azvedo e sôbre a matriz de um sêlo do seculo XV que apresentou e que foi de D. Fernando Coutinho, marechal do reino.

O Sr. Afonso de Dornelas apresentou o seu parecer sôbre as Armas da Cidade das Caldas da Rainha, que foi aprovado.

— Na sessão de 25 de Fevereiro, o Sr. Cardoso Pinto leu um interessante trabalho sôbre Duarte de Almeida, o Decepado.

O signatário fez uma comunicação sôbre o Rei d'Armas Portugal João de Cros, e o Sr. Cunha Saraiva leu alguns apontamentos sôbre a história de Ervedal da Beira.

— Na sessão de 25 de Março foram trocadas impressões sôbre as vantagens de se estudarem os sêlos antigos, para se poder começar a conhecer a heráldica de família e o domínio da primeira dinastia.

— Na sessão de 8 do Abril, o Sr. Luciano Ribeiro fez uma comunicação sôbre duas matrizes de sêlos que julga serem dos primeiros séculos da nacionalidade, apresentando também um tombo sôbre a assistência no tempo da rainha D. Leonor, na Comarca de Alemquer.

— Na sessão de 22 de Abril, o Sr. Afonso de Dornelas apresentou um estudo de heráldica de corporação referente à Associação Protectora dos Diabéticos Pobres, que foi aprovado.

— Na sessão de 6 de Maio, o Sr. Afonso de Dornelas descreveu um estudo que estava fazendo sôbre D. João de Castro, apresentando fotografias de objectos que lhe pertenceram e que eram ignorados dos estudiosos portugueses.

— Na de 20 de Maio o signatário apresentou um estudo sobre uma pedra d'armas existente em Castelo de Vide e que identificou como tendo pertencido ao Dr. José António do Vale.

O Sr. Pina Cabral fez referência a um documento do século 13.º que o Sr. Dr. Ruy d'Azevedo encontrou na Torre do Tombo e que inclui o apelido Rolan, o que prova que nessa época se pronunciava á franceza.

O Sr. Afonso de Dornelas fez uma comunicação sobre uma tapeçaria que inclui as armas de D. João I e outra sobre uma medalha creada pelo Rei D. João VI para premiar os officiaes de marinha inglezes e francezes que estiveram no Tejo quando da revolta denominada «Abrilada».

Na sessão de 10 de Junho, o Sr. Conde de Tovar fez uma valiosíssima comunicação sobre Álvaro Lopes, quando privado e secretário do Rei D. João II. Fez ainda outra interessante comunicação sobre as modificações que sofreram as Armas Nacionais no tempo de D. João II, dando curiosas indicações sobre a tapeçaria que na sessão passada tinha merecido uma comunicação do Sr. Afonso de Dornelas.

— Na sessão de 24 de Junho, o Sr. Jacinto de Bettencourt fez uma comunicação sobre o judeu portuguez José Nunes Pereira, que viveu em França no seculo XVIII e que se intitulava Visconde de Pereira.

Terminou assim o ano de 1930-31, continuando a Secção a receber pedidos para estudos de armas de dominio, de que estão sendo elaborados os respectivos pareceres.

O Secretário

Conde de São Payo

SECÇÃO DE BIBLIOLOGIA E BIBLIOGRAFIA

1930-1931

Cumprindo a disposição dos nossos estatutos, tenho a honra de apresentar a V. Ex.^{as} o relatório da secção de Bibliologia e Bibliografia, relativo ao decorrido ano de 1930-1931.

Teve a Secção somente cinco reuniões durante o ano, por não ter havido número nas outras que foram convocadas além de uma realisada já nas férias que agora terminavam.

Foram várias e interessantes as comunicações apresentadas à secção, sendo de salientar a do snr. Dr. Luís Xavier da Costa, presidente da Secção, feita em sessão de 29 de Abril de 1931, relativa às Edições Bodonianas que se prendem directamente com a arte Portuguesa.

Finalmente, na sessão extraordinária realisada em Agosto, foi eleito conservador da Secção, em vista de demissão do snr. Azevedo Pires, o snr. José Augusto do Amaral Frazão de Vasconcelos.

Espera a Secção, que no próximo ano, maior número de sessões se realisem, dando assim lugar à apresentação de maior número de estudos.

Finalmente, nada mais me resta do que pedir a V. Ex.^{as} e à Secção, um bil de indemnidade para as faltas que foram cometidas pelo seu secretário.

O Secretário da Secção

Luciano Ribeiro.

SECÇÃO DE DIPLOMÁTICA

1930-1931

E' com muita satisfação que venho cumprir o preceito do Regulamento que me impõe o dever de relatar a V. Ex.^{as} os trabalhos da secção de Diplomática, que desde a sua criação, em 1927, tenho a honra de secretariar, e com referência ao período de Novembro de 1930 a Julho findo.

Realizaram-se apenas quatro sessões, a que concorreram, em média, oito sócios.

Nessas quatro sessões a que aludi fizeram-se as seguintes comunicações, incontestavelmente interessantes e algumas delas tão importantes que de lamentar é que ficassem circunscritas a tão limitado número de ouvintes :

O sr. Gastão de Melo de Matos referiu-se, na sessão inaugural, a um assunto curiosíssimo : a espionagem política no século XIII, em Portugal. Os trabalhos da secção Diplomática, como é óbvio, têm por objecto os documentos escritos. Ora sobre espionagem, como é natural, visto que os espiões têm especial preocupação em disfarçar os vestígios da sua passagem, os documentos falham quasi completamente. Alguns, porém, o sr. Gastão de Melo de Matos conseguiu conhecer e criticar, produzindo, na realidade, um estudo deveras curioso e indispensável para o conhecimento da nossa história nesse século.

O presidente da secção, sr. dr. Rui de Azevedo, occupou-se na mesma sessão da falsificação de documentos no convento de Santa Cruz de Coimbra, no século XII, afirmando que a doação do eclesiástico de Leiria, que se atribue ao ano de 1142, por ser essa a data dos documentos falsificados, teve lugar, de facto, entre 1155 e 1156.

Depois de considerações diversas sobre a génese e causa desta e doutras falsificações, o sr. dr. Rui de Azevedo referiu-se largamente às fontes de estudo do período medieval, salientando os recentes e notabilísimos trabalhos de Carl Erdmann, que tanta luz vieram projectar sobre as relações de Portugal com a Santa Sé no primeiro reinado.

Ainda nesta sessão, usaram da palavra os srs. António Machado de Faria de Pina Cabral, que se occupou das habilitações genealógicas, que tinham por causa a a intromissão das raças então chamadas infectas, especialmente da judaica, fazendo um documentado estudo comparativo do rigor das várias inquirições ; e o sr. Augusto Cardoso Pinto, que analisou e criticou a passagem do livro de um falecido heraldista sr. Santos Ferreira e do sr. Ferreira de Serpa, em que se afirma ser do mis-

terioso descobridor da América a marca tipográfica com que fecha a edição de Maaco Polo de 1502, o que o sr. Cardoso Pinto contestou, afirmando que ela era do impressor da referida obra, o bem conhecido Valentim de Moravia, o que documentou com vários elementos bibliográficos e — decisivamente — com o sinal público do célebre impressor, que se encontra no Arquivo Nacional da Torre do Tombo.

Quem subscreve este relatório chamou a atenção da secção para uma fotografia oferecida em 1894 a Possidónio da Silva, pelo sócio belga Eugène Dogné, reproduzindo, segundo a respectiva legenda, uma caravela portuguesa do tempo do Infante D. Henrique, e que se encontra, felizmente, no arquivo da Associação. Resolveu-se solicitar a sua publicação no boletim.

Noutra sessão falou novamente o sr. Gastão de Melo de Matos, que se ocupou da Junta da Inconfidência, da sua instituição e funcionamento, produzindo um trabalho notável que preencheu toda a sessão e que foi ouvido com o maior interesse.

Na terceira sessão usou em primeiro lugar da palavra, para comunicações, o sr. Luís Chaves, que leu, em nome do sócio correspondente sr. Armando de Matos, um estudo deste senhor sobre «Uma reliquia sigilar». Trata-se de uma matriz esfragística existente no Museu de Vila Nova de Gaia, que o sr. Armando de Matos reputa de grande interesse, atribuindo-a à primeira metade do século XIII.

O sr. presidente fez a esta comunicação alguns reparos de ordem cronológica.

O signatário ocupou-se de pilotos dos séculos XVI e XVII e da consideração em que eram tidos, citando as honrosas mercês que a muitos foram feitas, e que representavam a nobilitação daquele ofício tão estimado.

Na quarta e última sessão usaram da palavra os srs. Cunha Saraiva que se ocupou dos colégios de S. Miguel e de todos os Santos do mosteiro de Santa Cruz de Coimbra, instituídos pelo reformador da Congregação dos Cónegos Regrantes, frei Braz de Barros, em tempo de D. João III, fazendo uma síntese histórica de papel preponderante que esses cónegos tiveram na instrução do País descrevendo o funcionamento das aulas, os hábitos, etc.; o sr. dr. Rui de Azevedo que felicitou o sr. Cunha Saraiva pelo seu estudo, felicitações a que se associou o sr. dr. Caetano de Oliveira, fazendo considerações eruditas; e finalmente o sr. Cardoso Pinto e sr. Luciano Ribeiro, o primeiro sobre os capitães de gineles, dando novos elementos, e o segundo sobre dois selos antigos que se encontram no Arquivo da Camara de Alenquer.

Além do que acabo de referir, outros assuntos se trataram, como pareceres sobre propostas para admissão de novos sócios, e pequenas anotações às espécies oferecidas ao Arquivo Histórico da Associação, que já constitue um núcleo curioso, como se poderá verificar no inventário que está sendo organizado pelo sr. Antonio Machado de Faria de Pina Cabral.

Lisboa, 29 de Outubro de 1931.

O Secretário da Secção

Frazão de Vasconcellos

RELATÓRIO DA BIBLIOTECA

Conhecem V. E.^{as}, pelo menos aqueles que mais de perto acompanham a vida associativa, as circunstâncias em que fui investido no cargo de conservador da biblioteca, há 70 dias, por eleição da Secção de Bibliologia e Bibliografia, realizada em 20 de Agosto último, e, por deliberação do Conselho Técnico, desde logo empossado nas respectivas funções.

Tendo de há muito a esia parte desempenhado, se nem sempre bem, sempre com muito boa vontade de acertar, os cargos para que ininterruptamente me têm escolhido, como sejam os de secretário das antigas direcções, de secretário de várias secções de estudo, de conservador do Arquivo Histórico, de vice-secretário do conselho administrativo e de secretário geral interino, além de vogal de numerosíssimas comissões, em que quasi sempre fui incumbido de relatar os respectivos trabalhos, eu poderia, sem incorrer nas disposições estatutárias, isto é, muito legitimamente, escusar-me a aceitar o cargo de conservador da biblioteca. Entendi, porém, que não o devia fazer: tratava-se de uma situação difícil, que era preciso resolver.

Dizia-se muito mal da organização da biblioteca, ou antes da sua desorganização... Dizia-se que tinham desaparecido livros... que se procuravam livros que não apareciam..., que a biblioteca era, por isso, inutil...

O meu plano, desde logo resolvido, foi fazer uma chamada geral de todas as espécies da biblioteca, colocando-as por ordem numérica conforme sua primitiva arrumação. Este trabalho vai já bastante adiantado e espero que quando for eleito o novo bibliotecário esteja concluído, de forma a poder tomar conta do seu cargo por inventário.

Quanto a faltas, devo desde já dizer que, até esta altura, apenas encontrei a de uma obra relativamente importante: «O Pinto Nuno Gonçalves», do dr. José de Figueiredo, e de alguns volumes mais, mas de quasi nenhum valor. Estas mesmas faltas, porém, precisam de confirmação, visto não estar ainda terminada a conferência geral, feita em relação ao inventário a que procedeu em 1921 o sr. comandante Quirino da Fonseca, inventário que eu considero um serviço importantíssimo prestado à Associação. Sem esse trabalho do sr. comandante Quirino da Fonseca, em que também dedicadamente colaborou o sr. coronel Garcez Teixeira, ver-nos-íamos em sérios embaraços.

A conferência dos livros tem sido difícil, não só por eu dispor de pouquissimo tempo, sacrificando aliás o meu indispensável repouso, mas pela baralhada em que a biblioteca foi posta, devido à execução errónea de uma famosa arrumação estética e a um diferente critério quanto aos folhetos e pequenos opúsculos.

Iniciei a revisão dos verbetes, expurgando o catálogo de alguns que complicavam a busca. Não inutilizei, porém, verbete algum dos milhares deles que o meu antecessor, num afañoso desejo de ser prestável, não só adicionou ao catálogo onomástico, mas com que pretendia também criar um catálogo ideográfico.

E' de desejar que o novo bibliotecário, uma vez terminada a revisão dos

verbetes e a conferência dos livros, proceda então, com sossego e método, a uma nova arrumação, tendo em vista não só a estética, mas também o aproveitamento do espaço, que vai já escassando, e principalmente o encontro fácil e rápido do livro que se deseje, que é, afinal, o que mais se estima numa biblioteca e aquilo que verdadeiramente se deve exigir de um bibliotecário.

Para obter elementos estatísticos da utilização da biblioteca, adotei, a exemplo do que se pratica noutras colectividades congéneres, uma requisição a preencher pelos sócios. Posso, assim, informar que, de 1-9-31 a 29-10-31, foram feitas 48 requisições de obras à biblioteca, anotando que o período referido está inteiramente dentro das férias associativas.

Lisboa, 29 de Outubro de 1931.

O Conservador da Biblioteca

Frazão de Vasconcelos
